

**MISSIONÁRIOS DA IGREJA PRESBITERIANA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA  
OU IGREJA DO NORTE – PCUSA (1859-1900)**

Ashbel Green Simonton  
Alexander Latimer Blackford  
Elizabeth Wiggins Simonton  
Francis Joseph Christopher Schneider  
George Whitehill Chamberlain  
Emanuel Nathaniel Pires  
Hugh Ware McKee  
Robert Lenington  
Mary Parker Dascomb  
João Fernandes Dagama  
Emanuel Vanorden  
John Beatty Howell  
Elmira Kuhl  
James Theodore Houston  
Dillwin MacFadden Hazlett  
George Anderson Landes  
John Byron Cameron  
John Merrill Kyle  
John Benjamin Kolb  
Donald Campbell McLaren  
Horace Manley Lane  
James Burton Rodgers  
Woodward Edmund Finley  
Thomas Jackson Porter  
William Alfred Waddell  
Wilmot Albert Carrington  
Frederick J. Perkins  
Edgar McDill Pinkerton  
Laura Chamberlain Waddell  
George Luverno Bickerstaph  
Roberto Frederico Lenington  
Cassius Edwin Bixler  
Henry John McCall  
Pierce Annesley Chamberlain

## **Rev. Ashbel Green Simonton**

### *Missionário fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil*

Ashbel Green Simonton nasceu em West Hanover, Condado de Dauphin, na Pensilvânia, no dia 20 de janeiro de 1833, no seio de uma família de origem escocesa-irlandesa. Seu nome foi uma homenagem ao Rev. Ashbel Green (1762-1848), pastor da 2ª Igreja Presbiteriana de Filadélfia, capelão do Congresso americano, presidente do Colégio de Nova Jersey e um dos fundadores do Seminário de Princeton. O menino era o filho mais novo do Dr. William Simonton, um médico que também abraçou a carreira política, tendo sido eleito duas vezes para o Congresso dos Estados Unidos. A mãe de Ashbel, Martha Davis Snodgrass, era filha do Rev. James Snodgrass, que pastoreou por 58 anos a igreja presbiteriana local. Desde cedo, o menino recebeu as melhores influências morais, intelectuais e espirituais da fé presbiteriana em que foi criado. Com a morte do pai e do avô materno em 1846, a família mudou-se para a cidade de Harrisburg, a capital do estado, onde Ashbel concluiu os estudos secundários.

Após formar-se na Academia de Harrisburg (1847), Ashbel ingressou no Colégio de Nova Jersey, fundado pelos presbiterianos em 1746, que mais tarde viria a ser a conceituada Universidade de Princeton. Ao concluir os estudos em 1852, o jovem, então com dezenove anos, empreendeu uma longa viagem pelo sul do seu país, a fim de adquirir experiência na área do ensino. Por um ano e meio dirigiu uma academia para meninos em Starkville, no Estado de Mississippi. A descrição detalhada dessa viagem e da estadia no sul (05-11-1852 a 08-07-1854) constitui a parte inicial do seu valioso *Diário*, no qual ele registrou observações perspicazes sobre uma grande variedade de assuntos, desde suas próprias lutas interiores nas áreas vocacional e sentimental até suas reflexões sobre temas candentes da época, como a escravidão, os problemas políticos e as tensões entre o norte e o sul do país.

Regressando a Harrisburg em meados de 1854, Simonton debateu-se mais uma vez com o problema da escolha de uma carreira. Deixando de lado o interesse pelo magistério, optou pelo estudo do Direito, embora reconhecesse algumas dificuldades éticas quanto ao exercício da advocacia. Começou a estudar por conta própria um famoso compêndio do jurista inglês William Blackstone. Em março de 1855, foi alcançado por um reavivamento ocorrido em Harrisburg. Após um período de luta espiritual, fez a sua profissão de fé no dia 6 de maio na Igreja Presbiteriana Inglesa, também conhecida como Igreja Presbiteriana de Market Square (filiada à “Nova Escola”), assumindo os votos feitos por seus pais, que o haviam consagrado ao ministério por ocasião do seu batismo. Três anos depois, em 22 de maio de 1858, Simonton seria um dos membros fundadores da Igreja Presbiteriana de Pine Street, filiada à “Velha Escola”.

Em junho de 1855, Simonton ingressou no Seminário de Princeton, em Nova Jersey, fundado em 1812. Teve como colega o irmão James Snodgrass Simonton, quatro anos mais velho, ao qual se refere muitas vezes em seu *Diário*. Ainda no primeiro semestre de estudos, um sermão proferido pelo professor de teologia Dr. Charles Hodge (1797-1878) o fez pensar seriamente em dedicar-se à obra missionária no exterior. Em 1856, passou três meses de férias em Iowa, na companhia do irmão Thomas, como colportor da Junta de Publicações. Em virtude de uma entrevista com o Dr. John Leighton Wilson, um dos

secretários da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana (Junta essa criada em 1837), sua atenção voltou-se para Bogotá como seu campo de trabalho. Porém, quando se candidatou formalmente perante a Junta de Missões, em 25 de novembro de 1858, citou o Brasil como o campo de sua preferência. Sua nomeação como missionário ocorreu no dia 6 de dezembro. Tendo sido licenciado pelo Presbitério de Carlisle em 14 de abril de 1858, foi ordenado pelo mesmo presbitério exatamente um ano mais tarde, no dia 14 de abril de 1859, no templo da Igreja Reformada Alemã, em Harrisburg. Seu sermão de prova baseou-se em Atos dos Apóstolos 16.9. À noite, no culto de ordenação, pregou o seu tio materno, Rev. William D. Snodgrass, do Presbitério de Hudson, que falou sobre Apocalipse 14.6. Pouco depois, Simonton conheceu o seu futuro cunhado e colega de trabalho Alexander Latimer Blackford.

O jovem missionário embarcou para o Brasil em Baltimore, no navio *Banshee*, em 18 de junho de 1859, chegando ao Rio de Janeiro no dia 12 de agosto. Em virtude da falta de fluência na língua portuguesa, de início limitou-se a proferir as suas prédicas em navios ancorados na Baía da Guanabara e em residências de estrangeiros. Trocou aulas de inglês e hebraico por aulas de português. Logo travou contato com o Rev. Robert R. Kalley (1809-1888), um missionário escocês que chegara ao Brasil quatro anos antes e dera alguns passos importantes no sentido de ampliar a liberdade religiosa então existente. No dia 22 de abril de 1860, Simonton finalmente conseguiu dirigir o seu primeiro culto em português. Três meses mais tarde, chegaram valiosos reforços na pessoa do Rev. Blackford e de sua esposa Elizabeth, irmã de Simonton. Inicialmente foi aberta uma sala na Rua de São Pedro onde se vendia a Bíblia e o missionário dava aulas de inglês aos que quisessem estudá-la. De dezembro de 1860 a março de 1861, Simonton fez uma longa viagem de reconhecimento na Província de São Paulo, passando pela capital e pelas cidades de Sorocaba, Itapetininga, Itu e Campinas. Fez várias pregações, visitou ingleses e alemães, hospedou-se com liberais, conversou com sacerdotes e estabeleceu depósitos de Bíblias.

Em 19 de maio de 1861, o melhor domínio da língua permitiu que Simonton iniciasse uma classe bíblica aos domingos à tarde, em uma sala do segundo pavimento da Rua Nova do Ouvidor, nº 31, cuja assistência cresceu continuamente, variando de quinze a trinta pessoas. Nos domingos pela manhã, dirigia um culto em inglês. Depois, passou a realizar cultos em português às quintas-feiras e aos domingos, mostrando-se alegre por finalmente poder pregar aos brasileiros (e portugueses) e ver os primeiros frutos do seu trabalho. Outra alegria que teve no mesmo ano foi a chegada do seu irmão James, que permaneceu quatro anos no Brasil, lecionando a maior parte do tempo no Colégio Fernandes, em Vassouras. Finalmente, no dia 12 de janeiro de 1862, o jovem missionário organizou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, em companhia do colega recém-chegado Francis J. C. Schneider, ocasião em que foi celebrada pela primeira vez a Ceia do Senhor. Admitiu formalmente à igreja os seus dois primeiros membros, curiosamente ambos estrangeiros: o americano Henry E. Milford, agente da Companhia Singer de máquinas de costura, e o português Camilo Cardoso de Jesus. Simonton anotou em seu *Diário*: “Assim foi a nossa organização em igreja de Jesus Cristo no Brasil.” O primeiro membro brasileiro, Serafim Pinto Ribeiro, somente seria recebido alguns meses mais tarde, em 22 de junho, pelo Rev. Blackford.

No final de março, o missionário foi aos Estados Unidos para gozar o seu único *furlough* (misto de férias e divulgação do trabalho), antecipando uma viagem que pretendia fazer no final do ano. Essa antecipação deveu-se antes de tudo ao estado de saúde de sua mãe. Logo que chegou, soube que ela falecera recentemente. Afligiu-se também com a guerra civil que devastava o seu país. Falou sobre o seu trabalho em diversas igrejas, inclusive na maior igreja portuguesa de Jacksonville, Illinois, onde os fiéis encantaram-se em ouvir um americano expressar-se tão bem em seu idioma. Também trabalhou por alguns meses na Igreja Presbiteriana de Baltimore, onde conheceu a jovem Helen Murdoch, com a qual veio a casar-se em 19 de março de 1863. No dia 15 de maio, os membros da Igreja do Rio elegeram Blackford, Simonton e Schneider como pastores, a fim de que os seus atos fossem considerados válidos pelo governo imperial, principalmente no tocante ao casamento de acatólicos. O casal Simonton chegou ao Rio de Janeiro no navio Cricket no dia 16 de julho. Em setembro, os cultos passaram a ser realizados na Rua do Cano ou Sete de Setembro, nº 102. Com o regresso de Simonton, o casal Blackford mudou-se para São Paulo, a fim de iniciar ali a obra presbiteriana.

Em 28 de junho de 1864, apenas nove dias após o nascimento de sua filha, Helen M. Simonton faleceu aos 30 anos devido a complicações resultantes do parto. A menina recebeu o seu nome. No doloroso período que se seguiu, Simonton contou com a companhia e solidariedade de um jovem colega que viria a ser um notável missionário em São Paulo e na Bahia – George Whitehill Chamberlain. No final desse dramático ano de 1864, dois importantes eventos verificaram-se entre os presbiterianos do Rio de Janeiro. No dia 23 de outubro, o ex-sacerdote José Manoel da Conceição foi formalmente recebido como membro da igreja, após declarar publicamente a sua adesão à fé evangélica. Em 5 de novembro, ocorreu o lançamento da *Imprensa Evangélica*, o primeiro periódico protestante do Brasil, que haveria de circular por quase 28 anos (a última edição foi publicada em 2 de julho de 1892). Os primeiros colaboradores foram Simonton, Blackford, Conceição e o poeta Antônio José dos Santos Neves. Em dezembro, os cultos em inglês foram suspensos. Até essa altura, trinta e uma pessoas haviam sido recebidas por profissão de fé.

No dia 22 de fevereiro de 1865, Simonton chegou a São Paulo com o irmão James para visitar a filha, entregue aos cuidados da irmã e do cunhado. Em 28 de março seguiu com Chamberlain para o interior da província, passando por Cachoeira e Campinas e indo até Brotas, onde esteve por dez dias pregando a bons auditórios no sítio de Antônio Francisco de Gouvêa e em sua casa na vila, entusiasmando-se com a boa receptividade dos ouvintes. Chegou de volta a São Paulo em 25 de abril e no início do mês seguinte retornou ao Rio de Janeiro. No domingo 21 de maio de 1865, logo que chegou ao Brasil a notícia do fim da Guerra Civil e do assassinato do presidente Abraham Lincoln, Simonton pregou um famoso sermão aos residentes norte-americanos, baseando-se no Salmo 46.1-3, sermão esse que foi posteriormente publicado. O conhecido naturalista suíço-americano Louis Agassiz (1807-1873), descendente de huguenotes, estava presente e com lágrimas nos olhos pediu o sermão para lê-lo a alguns amigos.

Em 1865, surgiram duas novas comunidades presbiterianas no Brasil, ambas na Província de São Paulo: uma na capital e a outra na pequena cidade de Brotas. Agora, com a existência de três igrejas, foi possível a Simonton e seus colegas Blackford e Schneider organizar o Presbitério do Rio de Janeiro, o que ocorreu em São Paulo no dia 16 de

dezembro de 1865. No dia seguinte, o novo presbitério, filiado ao Sínodo de Baltimore, ordenou ao sagrado ministério o ex-padre José Manoel da Conceição, arrolando-o como membro. Na ocasião, Simonton fez a saudação ao novo ministro com base em 2 Coríntios 5.20. Nesse ano, quinze novos membros fizeram profissão de fé na Igreja do Rio. Em 1866, a igreja elegeu os seus primeiros oficiais: em 2 de abril, três diáconos, William Richard Esher, Camilo Cardoso de Jesus e Antônio Pinto de Souza, e no dia 7 de julho, dois presbíteros, William R. Esher e Pedro Perestrello da Câmara. Foram todos ordenados em 9 de julho, falando na ocasião o Rev. Blackford. Os diáconos Cardoso e Souza passaram a trabalhar como colportores e evangelistas de casa em casa. Em meados de 1866, realizavam-se cultos na casa do presbítero Esher às terças-feiras, com boa freqüência, e também havia trabalhos na Rua do Areal.

Ao longo dos anos, a Igreja do Rio de Janeiro passou por diferentes endereços: Rua Nova do Ouvidor (1861-63), Rua do Cano ou Sete de Setembro (1863-64) e Rua do Regente (1864-67). Em abril de 1867, Simonton alugou um espaçoso imóvel no Campo de Santana ou Campo da Aclamação (atual Praça da República), nº 49. A igreja passou a ocupar os andares superiores de um prédio em cujo pavimento térreo funcionava uma cervejaria (parte do prédio ainda existe). A necessidade de mais espaço prendia-se a dois novos projetos de Simonton, ambos na área educacional. Como sua última contribuição ao presbiterianismo nacional, Simonton criou um seminário teológico, cujas aulas tiveram início no dia 14 de maio. Os professores eram o próprio Simonton, seu colega Schneider e o pastor luterano Carlos Wagner. Essa modesta instituição funcionou por apenas três anos, mas formou quatro notáveis pastores nacionais: Antônio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres, Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa e Antônio Pedro de Cerqueira Leite. Simonton também criou uma escola paroquial, cujos professores eram os seminaristas. Teria ocorrido nessa época a criação da primeira Escola Dominical presbiteriana do Brasil (19-05). Dois meses depois, na última reunião do Presbitério do Rio de Janeiro de que participou, Simonton leu um valioso estudo intitulado “Os meios necessários e próprios para plantar o reino de Jesus Cristo no Brasil” (16-07-1867).

Em 27 de novembro de 1867, Simonton chegou pela última vez a São Paulo. Um dos motivos da visita era ver a filha Helen, que estava sendo criada por sua tia, Elizabeth S. Blackford. Outra razão é que o missionário achava-se enfermo do fígado e esperava que a viagem e o clima salubre da capital paulista trouxessem melhoras à sua saúde. Ele freqüentemente queixava-se em seu *Diário* das altas temperaturas do Rio de Janeiro e das constantes epidemias. A chegada a São Paulo não trouxe o alívio desejado: acometido de uma febre violenta, seu estado agravou-se nos dias seguintes. Um artigo para a *Imprensa Evangélica* que começara a escrever logo que chegou, não pôde ser concluído. Apesar dos bons cuidados médicos que recebeu e da assistência dos familiares, o Rev. Simonton veio a falecer na madrugada do dia 9 de dezembro de 1867, poucas semanas antes de completar 35 anos. O diagnóstico da causa da morte foi “febre biliosa”.

O falecimento ocorreu na casa do Rev. Blackford, na Rua Nova de São José, local onde também se reunia a Igreja de São Paulo, sendo o sepultamento realizado no recente Cemitério dos Protestantes, no bairro da Consolação. O cônsul americano, James Monroe, redigiu um documento exaltando as qualidades do patricio falecido e expressando o pesar da comunidade norte-americana. O próprio jornal católico *O Apóstolo*, que manteve

constante controvérsia com a *Imprensa Evangélica*, manifestou o seu sentimento. Um ano antes, no dia 31 de dezembro de 1866, Simonton fizera a última anotação em seu *Diário*, concluindo com as seguintes palavras: “Quem me dera um batismo de fogo que consumisse minhas escórias; quem me dera um coração totalmente de Cristo”. Sua lápide tem as palavras de João 11.25 em inglês e em português: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá”.

Os escritos de Simonton incluem o seu *Diário*, artigos na *Imprensa Evangélica*, sermões (muitos deles nunca publicados), relatórios ao Presbitério do Rio de Janeiro, comunicados à Junta de Nova York, bem como cartas e informes ao periódico de missões estrangeiras da PCUSA, *The Foreign Missionary*, nos quais oferece informações valiosas sobre a marcha do trabalho e impressões sobre diferentes aspectos do Brasil. Em 1869, o Rev. Blackford publicou um livro contendo 22 sermões do seu falecido cunhado (*Sermões Escolhidos*). Outros de seus sermões e tratados publicados incluem os seguintes: “Os sacramentos”, “Somos filhos de Deus”, “Os ímpios não têm paz”, “A vida eterna” e “Cristo crucificado”.

Os irmãos de Simonton compraram, com o produto da venda da segunda edição de *Sermões Escolhidos* (que publicaram em sua memória), uma coleção de livros de história da igreja, a “Coleção Simonton”, que foi doada ao Seminário Presbiteriano. A filha do missionário, Helen Murdoch Simonton, viveu quase toda a sua vida em Baltimore, Estado da Maryland, e nunca se casou. Faleceu aos 88 anos no dia 7 de janeiro de 1952. Em 12 de agosto de 1959, a Igreja Presbiteriana do Brasil colocou ao pé da lápide do pioneiro uma placa comemorativa com a seguinte inscrição: “Primeiro centenário da chegada do Rev. Ashbel Green Simonton ao Brasil. O seu trabalho não foi em vão no Senhor”.

#### Bibliografia:

- Vicente Temudo Lessa, *Annaes da 1ª Egreja Presbyteriana de São Paulo: Subsídios para a História do Presbiterianismo Brasileiro* (São Paulo, 1938), 18s, 30a (foto), 50-57, 546.
- Júlio Andrade Ferreira, *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, 2 vols., 2ª ed. (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992 [1960]), I:15-22, 25-29, 30s (+foto), 34-37, 40-43, 78-81, 82-84, 88s.
- Ashbel Green Simonton, “Relatório sobre a criação e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro” (apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro em 10 de julho de 1866), *Brasil Presbiteriano* (1º e 15-09-1980), 4.
- Ashbel Green Simonton. *Sermões Escolhidos*. Nova York: G. L. Shearer, 1869.
- William Simonton. *Family History, Genealogical, Historical and Biographical of the Simonton and Related Families*. Saint Paul: Webb Publishing Company, 1900.
- *The Foreign Missionary*, Jan 1862, p. 244; Mai 1863, p. 342-44; Dez 1863, p. 173; Jan 1864, p. 204s; Mar 1864, p. 254-56; Out 1864, p. 129s; Mai 1865, p. 288-90; Mai 1866, p. 297-99; Jun 1866, p. 7s; Nov 1867, p. 144s; Ago 1872, p. 70-74.
- “Rev. Ashbel Green Simonton”, *The Foreign Missionary* (Março 1868), 229-31.
- “Rev. Ashbel Green Simonton”, *Presbyterian Historical Almanac*, Vol. X (1868), 135-147.
- Otoniel Mota, “Rev. A. G. Simonton”, *O Estandarte* (4 e 11-01-1912), 10s.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1815-1954*. Princeton, Nova Jersey, 1955.

- Júlio Andrade Ferreira, *Galeria Evangélica* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1952), 40-66.
- Júlio Andrade Ferreira. *Simonton, "O Missionário Estadista"*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.
- Philip S. Landes. *Ashbel Green Simonton: Model Pioneer Missionary of the Presbyterian Church of Brazil*. Fort Worth: Don Cowan, 1956.
- *Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro: Primeiro Centenário, 1862-1962*.
- *Simonton: Inspirações de uma Existência*. Tradução e comentário de partes do Diário de Simonton por Maria Amélia Rizzo. São Paulo, 1962.
- *O Diário de Simonton: 1852-1866*. Tradução de D. R. de Moraes Barros. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2002 (1982).
- M. Richard Shaull. "Ashbel Green Simonton (1833-1867): A Calvinist in Brazil", em Hugh T. Kerr, ed., *Sons of the Prophets: Leaders in Protestantism from Princeton Seminary*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1963.
- Boanerges Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981).
- Antonio Gouvêa Mendonça, *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil* (São Paulo: ASTE, 1995 [1984]), 82-84, 178-185.
- Carl Joseph Hahn, *História do Culto Protestante no Brasil* (São Paulo: ASTE, 1989), 153-167.
- Elben M. Lenz César. *Entrevistas com Ashbel Green Simonton: Sua Vida, sua Época e seu Mundo*. Viçosa: Editora Ultimato, 1994.
- Fernandino Caldeira de Andrada, "Ashbel Green Simonton", *Brasil Presbiteriano* (Set 1997), 12.

### **Rev. Alexander Latimer Blackford**

*Cunhado e sucessor de Simonton; implantador do presbiterianismo em São Paulo*

Alexander L. Blackford nasceu no dia 6 de janeiro de 1829 em Martins Ferry (Condado de Jefferson), no leste do Estado de Ohio, sendo seus pais cristãos muito piedosos. Segundo consta, era descendente em linha direta de um reformador e martir inglês, o bispo Hugh Latimer (1485-1555), daí o seu nome do meio. Passou os primeiros tempos de sua vida na zona rural de fronteira com seus pais. Após estudar no Washington College, na cidade de Washington, no sudoeste da Pensilvânia, onde se formou em 1856, ingressou no Western Theological Seminary (Seminário Teológico do Oeste), em Allegheny, nos arredores de Pittsburgh, no mesmo estado, formando-se em 1859. Foi licenciado em 21 de abril de 1858 e ordenado em 20 de abril de 1859 pelo Presbitério de Washington. Apresentou-se à Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana, sediada em Nova York, e pouco depois conheceu Ashbel G. Simonton, vindo a casar-se com a irmã deste, Elizabeth (Lille). Após uma tumultuada e perigosa viagem marítima de três meses, o casal chegou ao Brasil em 25 de julho de 1860, quase um ano após a chegada de Simonton.

De início, Blackford cooperou com o seu cunhado no Rio de Janeiro. Eventualmente, concluiu que seria recomendável a mudança da sede da missão para São Paulo. Chegou a visitar essa cidade no início de setembro de 1861, mas não encontrou uma casa disponível.

Na sua ausência, Simonton escreveu à Junta de Nova York sugerindo a ocupação dos dois pontos, o que foi finalmente aceito. Por algum tempo, em 1861, Blackford trabalhou como secretário da Legação Americana no Rio de Janeiro. De novembro de 1861 a janeiro de 1862, fez uma extensa viagem de reconhecimento e colportagem na Província de Minas Gerais, visitando Juiz de Fora, Barbacena e São João Del Rei. Com isso, deixou de participar da organização da Igreja do Rio de Janeiro, ocorrida pouco antes de seu retorno. Substituiu Simonton no pastorado da Igreja do Rio quando da prolongada viagem do mesmo aos Estados Unidos (março de 1862 a julho de 1863). Em 15 de maio de 1863, foi eleito pastor dessa igreja, sendo Simonton e Francis Schneider eleitos co-pastores. Esse ato permitiu o registro oficial dos ministros junto ao governo, visando obter autorização para realizar o casamento de acatólicos.

Desde o princípio, Blackford percebeu a importância estratégica de São Paulo. No dia 9 de outubro de 1863, o casal fixou residência na capital paulista, enquanto Simonton permaneceu no Rio de Janeiro. Ali encontraram dois obreiros leigos, vindos da Igreja Evangélica Fluminense: o comerciante inglês William Dreaton Pitt e o colportor português Manuel Pereira da Cunha Bastos, da Sociedade Bíblica Americana. No dia 18, um domingo, Blackford deu início ao seu trabalho, celebrando um culto em inglês no salão de leitura dos ingleses, à Rua da Constituição, atual Florêncio de Abreu. Os cultos em inglês foram mantidos por um ano em diversos pontos: em casa de William Pitt, no escritório de Robert Sharp e Filhos, na residência de Daniel W. Fox, o superintendente da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, e na casa do próprio pastor, variando a assistência de cinco a quarenta pessoas. Por alguns meses houve reuniões de oração nos lares de alguns trabalhadores ingleses, possivelmente operários da estrada de ferro. No mesmo mês de outubro de 1863, Blackford foi a Rio Claro, onde o Rev. Francis J. C. Schneider estivera trabalhando por algum tempo. Nessa viagem, teve o primeiro contato com o padre e futuro ministro presbiteriano José Manoel da Conceição, ao qual iria batizar um ano depois, no dia 23 de outubro de 1864, no Rio de Janeiro.

Depois dessa viagem a Rio Claro, no dia 29 de novembro de 1863 houve o início dos cultos em português, na residência de William Pitt, à Rua da Boa Vista, nº 5, e depois à Rua da Constituição. Pitt foi um grande colaborador de Blackford e veio a ser ordenado ao ministério. Mais tarde, os cultos passaram a ser celebrados na casa do próprio pastor, também na Rua da Constituição. A primeira celebração da Ceia do Senhor ocorreu no dia 29 de maio de 1864 e a segunda em 8 de janeiro de 1865. Em dezembro de 1864, foi alugado um sobrado no início da Rua Nova de São José (atual Líbero Badaró), junto ao Largo de São Bento, para onde o Rev. Blackford transferiu a sua residência. Havia cultos aos domingos pela manhã e à noite, bem como às quartas-feiras, e escola dominical. Em fevereiro de 1865, o missionário fez a sua primeira visita à vila de Brotas, no interior da província, onde achou o terreno preparado pela atuação do ex-padre Conceição. Poucos depois, no dia 5 de março de 1865, organizou a Igreja Presbiteriana de São Paulo, com a profissão de fé dos seis primeiros membros: Antônio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres, Manoel Fernandes Lopes Braga e José Maria Barbosa da Silva, sua esposa Ana Luíza Barbosa da Silva e sua enteada Olímpia Maria da Silva. Na mesma ocasião, foi celebrada pela terceira vez a Ceia do Senhor, tendo participado dezoito comungantes.

No final do mesmo ano, Blackford passou cerca de vinte dias em Brotas, acompanhado de José Manoel da Conceição, pregando e ensinando na vila e nos sítios. No dia 13 de novembro de 1865, estando presente Conceição, organizou naquela localidade a terceira comunidade presbiteriana do Brasil. O ato se deu na residência de Antônio Francisco de Gouvêa (1825-1902) e incluiu as famílias de seus irmãos Joaquim José de Gouvêa e Severino José de Gouvêa, pai do futuro Rev. Herculano de Gouvêa. Antônio Francisco de Gouvêa por mais de cinquenta anos prestou serviços à comunidade com um preparado seu, eficaz no tratamento de mordidas de cobras; faleceu em São Paulo e foi sepultado no Cemitério dos Protestantes. Brotas havia sido a última paróquia de Conceição. Devido à sua influência, várias pessoas se interessaram pelo evangelho, o que resultou em algumas visitas de missionários ao longo daquele ano: Blackford (fevereiro), Simonton e George W. Chamberlain (março e abril), Blackford e Conceição (outubro e novembro). Na data da organização, Blackford recebeu por profissão de fé e batismo onze pessoas, todas da família Gouvêa, e ministrou a Ceia pela primeira vez. No mês seguinte, em 16 de dezembro, a existência de três igrejas permitiu a criação do Presbitério do Rio de Janeiro, sendo Blackford eleito seu primeiro moderador (e reeleito três vezes consecutivas). No dia 17, o ex-padre Conceição foi ordenado ao ministério.

Blackford visitou ainda outros pontos do interior paulista, como o Vale do Paraíba, Sorocaba e Bragança. Nesta última pregou três vezes em janeiro de 1866 e encontrou boa acolhida, mas foi proibido de continuar pelo delegado da cidade. Em 25 de maio, fez nova visita a Bragança, encontrando ali o Rev. Conceição, que iniciara em fevereiro as suas viagens missionárias. Pregou por cinco dias a auditórios de cem a duzentos ouvintes (somente em 1927 seria organizada a igreja presbiteriana). Em 25 de março, recebeu em São Paulo o segundo grupo de membros, composto de oito pessoas, entre as quais os portugueses Modesto Perestrello de Barros Carvalhosa e seu primo Pedro Perestrello da Câmara. No ano seguinte, na terceira reunião do presbitério, leu o estudo “Algumas considerações sobre os obstáculos ao progresso do evangelho no Brasil” (16-07-1867).

No final de 1867, com a morte inesperada do pioneiro Simonton, Blackford regressou ao Rio de Janeiro, onde permaneceu por quase dez anos à frente da igreja-mãe. Em 1868, foi para os Estados Unidos em gozo de suas primeiras férias, tendo sido nomeado delegado do presbitério perante a Assembléia Geral, a reunir-se em maio seguinte em Nova York. Substituiu-o no Rio de Janeiro o Rev. George Chamberlain. Nos anos seguintes, a obra presbiteriana expandiu-se grandemente na antiga capital, passando a ter as suas próprias instalações. Em dezembro de 1870, depois que a igreja teve por alguns meses a sua última sede provisória (Campo de Santana, nº 67), foi adquirido o imóvel da Travessa da Barreira, atual Rua Silva Jardim, junto ao Morro de Santo Antônio. Em 3 de outubro de 1872 foi incorporada junto ao governo a Sociedade Presbitério do Rio de Janeiro, a fim de legalizar definitivamente a propriedade. Finalmente, no dia 29 de março de 1874 foi inaugurado naquele local o primeiro templo presbiteriano do Brasil. Ao longo dos anos, Blackford organizou outras igrejas, como as de Lorena (17-05-1868), Sorocaba (01-09-1869), Petrópolis (19-03-1872) e Campos (11-03-1877). Foi editor do jornal *Imprensa Evangélica* e lecionou no “Seminário Primitivo” (1867-1870), que formou os primeiros pastores presbiterianos nacionais: Antônio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres, Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa e Antônio Pedro de Cerqueira Leite.

Entre 1877 e 1880, o Rev. Blackford trabalhou como agente da Sociedade Bíblica Americana, viajando em grande parte do território brasileiro. Durante o ano de 1877, visitou as províncias de Minas, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, percorrendo quase cinco mil quilômetros, quase sempre a cavalo. Pregou em muitas cidades e espalhou 2360 exemplares das Escrituras. Em 1878, visitou as províncias do norte. No dia 11 de agosto daquele ano, participou da organização da Igreja Presbiteriana de Recife, ao lado do Rev. John Rockwell Smith. Esteve em outras províncias da região, indo até o Pará. Em 1879, ele e alguns colegas produziram uma “versão brasileira” do Novo Testamento, com base no original grego (publicada pela Sociedade de Literatura Religiosa e Moral, com sede na Igreja do Rio). Foram seus auxiliares o Rev. Modesto Carvalhosa e o Dr. José Manoel Garcia, professor do Colégio Pedro II. No mesmo ano, a 23 de março, faleceu a esposa de Blackford, Elizabeth, sendo sepultada ao lado do seu irmão no Cemitério dos Protestantes, em São Paulo. Dois anos depois, em 24 de março de 1881, Blackford viria a casar-se com Nannie Thornwell Gaston, filha do Dr. James McFadden Gaston (1824-1903), um médico e presbítero norte-americano que residiu em Campinas e escreveu o livro *Hunting a Home in Brazil* (1867). Outra filha do Dr. Gaston, Keziah, casou-se em 1884 com o missionário John B. Kolb.

Em 1880, Blackford restabeleceu as suas relações com a Junta de Nova York e por dez anos dedicou-se ao trabalho missionário na Bahia, residindo em Salvador. Fez inúmeras viagens de propaganda no litoral e no interior. Foi o primeiro missionário a pregar em Sergipe e organizou a Igreja de Laranjeiras no dia 28 de dezembro de 1884. Nesse mesmo ano, Blackford tornou a ser eleito moderador do Presbitério do Rio de Janeiro. No ano seguinte, sua *alma mater*, o Washington College, conferiu-lhe o grau honorário de Doutor em Divindade (D.D.). Em 1888, ele teve a satisfação de participar da organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, do qual foi o primeiro moderador. Naquela ocasião, foi eleito professor do futuro Seminário Presbiteriano, função que não chegou a exercer. Um dos filhos do casal Blackford, Joseph Simonton, nascido em 21 de dezembro de 1886, faleceu no primeiro ano de vida, sendo sepultado no Cemitério dos Ingleses.

Em abril de 1890, Blackford foi com a família (esposa e três filhos pequenos) para Atlanta, nos Estados Unidos, onde residia o seu sogro. Estava em gozo de férias, após muitos anos de trabalho no campo, e pretendia assistir à reunião da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana em Saratoga, Nova York. Poucas semanas depois de chegar (27 de abril), foi acometido de uma grave moléstia que causou a sua morte em apenas quatro dias (14 de maio), sendo sepultado no belo cemitério de Westview. Nos seus últimos momentos, regressou em pensamento para o Brasil, ao qual dedicara trinta anos de serviços. As atas da missão dizem que, pouco antes de morrer, o Rev. Blackford cantou “hinos na língua dos brasileiros, o povo que ele amou entranhadamente, louvando seu Rei e Pai, a quem servira com firmeza e constância”. Nannie faleceu em Atlanta em 28 de janeiro de 1900.

Blackford deixou vários sermões no *Púlpito Evangélico*; escreveu os tratados *A Simpatia de Jesus* e *O Batismo Cristão*, bem como o livreto *Sketch of the Brazil Mission* (Histórico da Missão do Brasil), narrando os primeiros dezessete anos da obra presbiteriana no Brasil. Foi o compilador de *Cânticos Sagrados*, coleção que por algum tempo serviu de hinário aos presbiterianos. Traduziu para o português alguns hinos, entre os quais “Sempre de ti, Senhor” e “Ao céu eu vou”, incluídos nos *Salmos e Hinos*. Preservou dados históricos

valiosos sobre os primeiros anos do presbiterianismo no Brasil (1860-1868). O periódico *The Foreign Missionary* publicou um grande número de cartas e relatórios enviados por ele acerca do trabalho no Brasil. O Rev. Blackford tinha um temperamento forte e podia ser bastante exigente consigo mesmo e com os seus colegas. Todavia, foi um missionário profundamente dedicado, sincero e operoso, deixando marcas indeléveis na história do presbiterianismo nacional.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 18s, 22-25, 30-32 (+foto), 34, 59, 65s, 148, 186s, 200, 343, 355s, 370, 613.
- Ferreira, *História da IPB*, I:24s, 31s, 36s, 38-40, 53-57, 58-61, 66, 80, 85-87, 96, 99s, 101, 137s, 186s, 193s, 196, 214, 263, 278, 286, 306s, 338s, 532; II:283.
- A. L. Blackford, “Historic Record of Missionary Work in Brazil (July 27, 1860 – Sept. 27, 1863)”. Não assinado; letra de Blackford. Arquivo Presbiteriano.
- A. L. Blackford, “Journal Record of Mission Work in the City of São Paulo, Brazil (Oct 9, 1863 – Dec. 25, 1868)”. Não assinado; letra de Blackford. Arquivo Presbiteriano.
- *The Foreign Missionary*, Maio 1862, p. 369-73; Set 1862, p. 121s; Dez 1863, p. 173s; Abr 1864, p. 275s; Mar 1866, p. 248-50; Set 1866, p. 118; Fev 1868, p. 211-213; Set 1868, p. 90-92; Dez 1869, p. 151-54; Mar 1870, p. 236-38; Mai 1872, p. 382-84; Mai 1873, p. 370; Ago 1873, p. 72; Out 1873, p. 152s; Nov 1873, p. 164s; Jul 1874, p. 57s; Ago 1874, p. 70-73; Out 1874, p. 139s; Mar 1875, p. 289s; Mai 1875, p. 356s; Ago 1876, p. 71-80; Ago 1877, p. 74-79; Mar 1884, p. 429s; Ago 1884, p. 103s; Out 1884, p. 216; Abr 1886, p. 523s; Dez 1886, p. 326.
- Alexander L. Blackford. *Sketch of the Brazil Mission* (c. 1876).
- James McFadden Gaston. *Hunting a Home in Brazil*. Filadélfia: King & Baird, 1867.
- G. W. Chamberlain, “Rev. Alexander Latimer Blackford”, *Brazilian Missions* (Julho 1890), 58s.
- J. B. Kolb, “Rev. Alexandre L. Blackford, D.D.”, *Almanaque do O Puritano*, ed. Álvaro Reis (Rio de Janeiro: Casa Editora Presbiteriana, 1902), 38-43.
- Segundo Livro das Atas da Igreja Presbiteriana da Bahia (1885-1904).
- “Rev. Dr. Alexandre L. Blackford, 1829-1890”, *Revista das Missões Nacionais* (Dez 1911).
- Vicente T. Lessa, “Rev. A. L. Blackford”, *O Estandarte* (04 e 11-01-1912), 11-13.
- *General Biographical Catalogue, The Western Theological Seminary of the Presbyterian Church, Pittsburgh, Pennsylvania, 1827-1927*.
- Hahn, *Culto Protestante no Brasil*, 167-178.
- Henriqueta Rosa Fernandes Braga, *Música Sacra Evangélica no Brasil* (Rio de Janeiro: Kosmos, 1961), 324s.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 309-314.

### **Elizabeth Wiggins Simonton**

#### *Primeira missionária presbiteriana no Brasil*

Elizabeth W. Simonton pertenceu à terceira geração de uma família de escoceses-irlandeses emigrados para os Estados Unidos. Seu avô, William Simonton, nascera por volta de 1755

em County Antrim, na Irlanda do Norte. Ficando órfão, foi para os Estados Unidos com cerca de dez anos, mediante o auxílio de um tio, o Rev. John Simonton, pastor da Igreja Presbiteriana de Great Valley, no Condado de Chester, na Pensilvânia. William tornou-se médico e casou-se com Jane Wiggins em 17 de novembro de 1777, sendo a cerimônia oficiada pelo seu tio. Em 1784, adquiriu a propriedade denominada “Antigua”, em West Hanover. Teve oito filhos, cinco homens e três mulheres, e faleceu em 24 de abril de 1800. Sua esposa faleceu em 1824.

Seu terceiro filho, também chamado William Simonton (1788-1846), foi o pai de Elizabeth e do Rev. Ashbel Green Simonton. Ele cursou a Universidade da Pensilvânia, formando-se em medicina em 1809. Em 1815, casou-se com Martha Snodgrass (1791-1862), filha do Rev. James Snodgrass, pastor da Igreja de Hanover, e professou a fé na Igreja Presbiteriana de Derry no dia 8 de junho de 1817. A fazenda Antigua foi dividida igualmente entre ele e o irmão John, que faleceu em 1824. O casal Simonton teve onze filhos, nove dos quais chegaram à idade adulta: Martha Jamison (1816), Jane (1818), William (1820), Elizabeth Wiggins (1822), Anna Mary (1824), John Wiggins (1826), James Snodgrass (1829), Thomas Davis (1831) e Ashbel Green (1833).

Elizabeth nasceu no dia 4 de setembro de 1822 em West Hanover, Condado de Dauphin, na Pensilvânia. Era, portanto, uma irmã mais velha do futuro Rev. Ashbel Green Simonton, o missionário fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil, e a quarta filha de William Simonton e Martha Snodgrass Simonton. Elizabeth estudou no Seminário Feminino de Newark, em Delaware, onde teve marcante experiência de conversão durante um avivamento. Filiou-se à Igreja Presbiteriana de Derry, na Pensilvânia, no dia 15 de maio de 1842. Tinha o apelido familiar de Lille.

Pouco antes de vir para o Brasil, o Rev. Simonton visitou o Western Theological Seminary, em Allegheny, oeste da Pensilvânia, para conhecer o Rev. Alexander Latimer Blackford, que acabara de ser ordenado e também fora aceito como missionário para o Brasil. Nessa ocasião, provavelmente surgiu um convite para que Blackford visitasse a família Simonton em Harrisburg, no mesmo estado, onde a mesma agora residia, e foi assim que ele conheceu Elizabeth. Casaram-se no dia 8 de março de 1860. Depois de uma tumultuada e perigosa viagem marítima de três meses, o casal chegou ao Rio de Janeiro em 25 de julho de 1860.

Após um período inicial no Rio de Janeiro, o casal Blackford mudou-se para São Paulo em outubro de 1863, dando início à obra presbiteriana na capital paulista. Em maio do ano seguinte, receberam a visita do sacerdote José Manoel da Conceição, que retribuía uma visita que Blackford lhe havia feito. Conceição deixou um belo testemunho acerca de Elizabeth: “Sua muito nobre senhora, Mme. Blackford, cuja alma é o santuário do Espírito de Deus, a primeira palavra que me dirigiu foi um convite para comungar na sua igreja. A surpresa embarçou-me por um momento... Três grandes nomes, que farão eternamente o objeto de minha gratidão, são inseparáveis da minha conversão e entrada na família cristã. Estes nomes são A. L. Blackford, sua muito nobre senhora e A. G. Simonton. Eis os dignos instrumentos de que quis Deus servir-se para me fazer cristão”.

A residência do casal Blackford na Rua Nova de São José, nº 1 (atual Rua Líbero Badaró), próximo ao Largo de São Bento, foi o berço do presbiterianismo paulista. Ali se reuniu a

igreja por muitos anos; ali Elizabeth criou a pequenina Helen Simonton, após o falecimento da sua cunhada; ali faleceu o seu irmão, o pioneiro Ashbel G. Simonton, em 9 de dezembro de 1867. Pouco antes do desenlace, Elizabeth aproveitou um dos últimos momentos de lucidez de Ashbel e perguntou-lhe se tinha recados para os amigos do Estados Unidos, para a Junta de Missões e para a Igreja do Rio. Ao ver a sua irmã tomada de emoção, Simonton afirmou: “Devemos apenas nos recostar nos Braços Eternos e estar sossegados”.

Com a morte de Simonton, o casal Blackford voltou para o Rio de Janeiro e esteve por vários anos à frente da igreja local. Em fevereiro de 1870, a revista *The Foreign Missionary* publicou um interessante relato de Elizabeth acerca da escola dominical da Igreja do Rio. Ela foi uma grande entusiasta da obra missionária no Brasil. Possuía uma mente ágil e observadora e tinha facilidade de relacionar-se com todos os tipos de pessoas, usando essa habilidade com fins evangelísticos. Acometida por uma enfermidade nervosa nos últimos anos de sua vida, sofreu com o clima do Brasil. Foi algumas vezes aos Estados Unidos em busca de tratamento, uma vez sem o marido, mas logo que sentia algum alívio regressava ao campo missionário, por causa do desejo que tinha de viver e trabalhar no Brasil com o seu esposo e do seu grande amor por este país. Viajou pela última vez à pátria no dia 25 de abril de 1878, a bordo do navio Mississippi, levando consigo a pequena Helen Simonton.

Elizabeth Simonton Blackford faleceu no dia 23 de março de 1879, após quase vinte anos dedicados à obra missionária no Brasil. O casal achava-se de passagem por São Paulo quando Elizabeth foi acometida de uma febre tifóide. Para ter os melhores cuidados disponíveis, foi levada para a residência de um médico americano em Campinas (Dr. James M. Gaston?). Apesar da assistência recebida e do carinho do esposo, ela veio a falecer. Seu corpo foi levado para São Paulo e sepultado ao lado do de seu irmão no Cemitério dos Protestantes, conforme o desejo que manifestara muitas vezes. O Rev. John B. Kolb deu um dos mais significativos testemunhos sobre Elizabeth ao afirmar que ela “amava com toda a ternura do seu coração o povo brasileiro, chamando-o ‘o meu povo’.” No túmulo da dedicada missionária estão as palavras de 2 Timóteo 1.12: “I know whom I have believed” (Eu sei em quem tenho crido).

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 175.
- Ferreira, *História da IPB*, I:84.
- *O Diário de Simonton*, 142s.
- William Simonton. *Family History, Genealogical, Historical and Biographical of the Simonton and Related Families*. Saint Paul: Webb Publishing Company, 1900.
- Modesto Carvalhosa, “Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Elisabeth Blackford”, *Imprensa Evangélica* (17-04-1879), 124.
- George Norcross, *The Centennial Memorial of the Presbytery of Carlisle* (Harrisburg: Meyers, 1889), Vol. II, 453-54.
- Álvaro Reis, *Almanack Histórico do O Puritano*, 40s.
- Vicente T. Lessa, *Padre José Manoel da Conceição*, 2<sup>a</sup> ed. (São Paulo: Estabelecimento Gráfico Cruzeiro do Sul, 1935), 21.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 270s.

## **Rev. Francis Joseph Christopher Schneider**

### *Pioneiro presbiteriano no interior de São Paulo e na Bahia*

Francis J. C. Schneider nasceu em Erfurt, na Alemanha, em 29 de março de 1832 e emigrou para os Estados Unidos, tornando-se cidadão norte-americano. Bacharelou-se em letras no Jefferson College, em Canonsburg, oeste da Pensilvânia. Em 1861, concluiu os estudos no Seminário Teológico do Oeste (Western Theological Seminary), em Allegheny, o mesmo em que havia estudado o Rev. Alexander Blackford. Foi licenciado pelo Presbitério de Ohio e ordenado em 1861 pelo Presbitério de Saltsburg, na Pensilvânia. Foi o terceiro missionário presbiteriano a vir para o Brasil, tendo chegado ao Rio de Janeiro no dia 7 de dezembro de 1861. A Junta de Nova York o enviou para trabalhar entre os imigrantes alemães. No mesmo mês, a convite do diretor da Colônia D. Pedro II, mantida pela Companhia União e Indústria, pregou diversas vezes aos colonos alemães em Juiz de Fora. Dali voltou a tempo de assistir à fundação da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro e à primeira celebração da Ceia do Senhor, no dia 12 de janeiro de 1862.

Embora em 1860 e 1861 Simonton e Blackford tenham feito visitas de reconhecimento à então Província de São Paulo, Schneider foi o primeiro a residir no território paulista. No final de janeiro de 1862, esteve por alguns dias na capital paulista e pregou em alemão a cerca de trinta pessoas. Seguiu então para o interior, visitando as colônias alemãs e suíças de São Jerônimo, Ibicaba, Beri, Cubatingo, São Lourenço e Paraíso, pregando nelas e também em Campinas, Limeira e Rio Claro, sempre em alemão. Essas colônias estavam em terras de cidadãos ilustres como o senador Vergueiro, o senador Queiroz e o comendador Luís Antônio de Souza Barros. Nessa viagem, Schneider fixou-se em Rio Claro, ali permanecendo até março de 1863 e pregando aos domingos nas colônias citadas. Logo, porém, decepcionou-se com a espiritualidade dos alemães. Crendo na regeneração batismal, a maior preocupação dos colonos consistia em batizar os filhos e participar da comunhão, sem contudo abandonarem os vícios habituais.

Após um ano de trabalho, Schneider deixou Rio Claro em fins de março de 1863 e regressou ao Rio de Janeiro. Tendo falado somente alemão e inglês durante a sua permanência na Província de São Paulo, não aprendera português e pouco podia fazer entre os brasileiros. Dedicou-se ao estudo da língua portuguesa e ajudou os colegas Simonton e Blackford nas pregações. No dia 15 de maio, foi eleito co-pastor da Igreja do Rio. Transcorrido cerca de um ano, regressou a Rio Claro ao saber através do Rev. Blackford que os colonos sentiam a sua falta e desejavam que voltasse. Em 22 de março de 1864, o Rev. Blackford oficiou o seu casamento com Ella Grace Kinsley, uma norte-americana residente em São Paulo. Esse casamento, realizado na casa de Blackford, foi o primeiro a ser registrado no livro de atas da Igreja de São Paulo. No mês seguinte, o casal fixou residência em Rio Claro. Além de pregar e evangelizar, Schneider distribuiu bíblias e literatura evangélica, e iniciou escolas dominicais, ensinando aos meninos a história da Bíblia e o catecismo. Seu filho Robert Henry nasceu em 18 de dezembro do mesmo ano e foi batizado por Blackford em 12 de fevereiro de 1865, em Rio Claro. Mais tarde, o missionário enviuvou e casou-se novamente, mas a segunda companheira também veio a falecer.

O problema anterior voltou a repetir-se em Rio Claro. Os colonos pouco se importavam com a sua salvação ou com as coisas espirituais. Com isso, Schneider passou a pregar aos brasileiros. Participou da organização do Presbitério do Rio de Janeiro, ocorrida no dia 16 de dezembro de 1865 na cidade de São Paulo, e da cerimônia de ordenação do Rev. José Manoel da Conceição, no dia seguinte. Em 1866, fez várias visitas ao promissor campo de Brotas, cuja igreja fora organizada em 13 de novembro de 1865. Em uma das visitas, no início de maio, encontrou-se com George Chamberlain e José Manoel da Conceição e no dia 7 batizou sete pessoas, entre elas o Sr. Henrique Gomes de Oliveira e três parentes de Conceição – sua cunhada Antônia, sua irmã Gertrudes e o esposo desta, José Rufino. A presença de Schneider fez-se necessária no Rio de Janeiro, para onde novamente se transferiu, colaborando no púlpito e na *Imprensa Evangélica*. Prestou valiosos serviços ao novo seminário, que iniciou suas aulas em 14 de maio de 1867, encarregando-se da educação pré-teológica ou secundária. Na reunião do presbitério em julho daquele ano, leu um trabalho intitulado “Algumas considerações que nos levam a crer que o evangelho de Jesus Cristo deve ser divulgado em todo o Brasil”.

Schneider era versado em ciências físicas e matemáticas e conhecedor de diversos idiomas. No final de 1869, fez uma apreciada palestra científica aos alunos da escola dominical da Igreja do Rio, realizando experiências com diversos equipamentos. Contribuiu para a conversão do futuro escritor e filólogo Júlio Ribeiro, que lhe escreveu uma carta afetuosa no final de 1869. De 27 de setembro de 1870 a 19 de janeiro de 1871, auxiliou o Rev. Chamberlain em São Paulo e também fez alguns trabalhos literários, revendo a tradução de um dicionário da Bíblia publicado pela Sabbath School Union e outra do primeiro volume da *História da Reforma do XVI<sup>o</sup> Século*, de J. H. Merle D’Aubigné, tradução essa feita por Júlio Ribeiro. Schneider foi eleito duas vezes moderador do Presbitério do Rio de Janeiro, em 1869 e 1872.

Autorizado pelo presbitério, Schneider chegou com a família à cidade de Salvador em 9 de fevereiro de 1871, para implantar o trabalho presbiteriano na Bahia. Era um difícil desafio em virtude de Salvador ser a sede do arcebispado metropolitano e o centro da ação católica no país. Levava algumas cartas de recomendação do Rev. Richard Holden (1828-1886), missionário episcopal que havia trabalhado naquela província. A partir de 13 de junho, Schneider contou com a colaboração do colportor José Freitas de Guimarães, um membro da Igreja do Rio de Janeiro. O missionário organizou a Igreja de Salvador em 21 de abril de 1872, recebendo como primeiros membros apenas um casal: Torquato Martins Cardoso e Maria Pereira Cardoso. Outro dos primeiros conversos, o carpinteiro negro Marcos Luiz da Boa Morte, entregou ao missionário mudas de laranja baiana, que, levadas aos Estados Unidos, foram o ponto de partida para o cultivo dessa variedade naquele país.

Quando da inauguração do templo da Igreja do Rio, em 1874, Schneider não pôde comparecer, mas enviou um sermão sobre o governo da Igreja Presbiteriana, que foi lido num dos cultos e preservado em um dos números de *O Púlpito Evangélico* daquele ano. Schneider ajudou o Rev. James T. Houston a organizar a Igreja de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, em 12 de setembro de 1875. Algum tempo depois, seu filho Robert Henry estudou no Colégio Internacional de Campinas (Catálogo de 1877). Em 1877, Schneider desligou-se da missão e passou a residir em Nova York, sendo transferido para o Presbitério de Brooklyn. Colaborou com o Dr. José Carlos Rodrigues no conhecido

periódico *O Novo Mundo* (1865-1879) e trabalhou na tradução de várias obras, entre elas *O Caminho da Vida*, de Charles Hodge, e *Esboços de Teologia*, de Archibald Alexander Hodge.

Schneider retornou ao Rio de Janeiro em 1882, sendo novamente arrolado pelo Presbitério. Reatou as suas ligações com a Junta de Nova York por cinco anos (1885-1890) e tomou parte na organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, em setembro de 1888. Em 1890, transferiu-se para São Paulo, onde passou os últimos anos de sua vida. Tornou-se funcionário público estadual, trabalhando por quase vinte anos na seção de meteorologia da Secretaria da Agricultura (Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo). Presidiu a comissão sinodal para edificação de templos, cujo órgão, *Boletim Mensal*, começou a ser publicado pelo Rev. Emanuel Vanorden em 1892. Lecionou grego e física no Instituto Teológico, fundado em 1893, e no Seminário Presbiteriano, que foi transferido de Nova Friburgo para São Paulo em 1895. Os alunos iam ter as lições na casa do velho mestre, no Largo do Arouche. Colaborou com a escola dominical da 1ª Igreja de São Paulo; de sua classe faziam parte os alunos do seminário. Mais tarde, também cooperou com a Igreja Unida. Transferido para o Presbitério de São Paulo, foi jubilado em 1895. Sua filha Mary Kinsley Schneider foi arrolada na Igreja de São Paulo em 2 de outubro de 1896, por transferência da 6ª Igreja Presbiteriana de Pittsburgh, e mais tarde se filiou à Igreja Unida.

Homem de trabalho, Schneider era visto com suas barbas brancas a andar apressadamente para cumprir as suas obrigações. Austero e de gênio impulsivo, era rigorosamente exato e exigia o mesmo dos outros. Sempre tomava parte nos concílios da igreja, acompanhando com interesse os temas palpitantes. No Sínodo de 1903, que resultou no cisma presbiteriano, por causa de declarações suas a respeito da maçonaria, os “independentes” propalaram que Schneider não aceitava a mediação de Cristo, o que o levou a fazer uma comovente declaração de fé. Seu testamento tem a seguinte cláusula: “Minha fé para a salvação está depositada no meu Senhor e Salvador Jesus Cristo que morreu por meus pecados e, ressuscitado, subiu ao céu, onde vive e intercede por mim à destra do Pai. Esta é a fé que recomendo aos meus filhos e amigos, e exorto-os, ainda depois de morto, a que aceitem este mesmo Jesus por seu Salvador e vivam obedientes à sua lei contida nas Sagradas Escrituras, comumente chamadas a Bíblia”.

O Rev. Schneider faleceu em São Paulo no dia 21 de março de 1910, após prolongada enfermidade. Era o último sobrevivente dos companheiros de Simonton. Embora não tenha se equiparado aos seus colegas como pastor e evangelista, deu valiosa contribuição no preparo de candidatos ao ministério, na literatura evangélica e na obra missionária. Deixou vários sermões esparsos em *O Púlpito Evangélico* e nos suplementos da *Imprensa Evangélica*. Sua lápide no Cemitério dos Protestantes tem os seguintes dizeres: “Nosso Senhor Jesus Cristo disse: ‘Pai! A minha vontade é que, onde eu estou, estejam também comigo aqueles que tu me deste’” (João 17.24).

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 18-22, 76s, 79-81, 166, 200, 392, 426, 458, 477s, 484, 520s, 668.
- Ferreira, *História da IPB*, I:33, 41, 57, 81, 85-86, 128-32, 190, 194, 214s, 310s, 397, 576; II:189, 320.

- *The Foreign Missionary*, Jul 1862, p. 45s; Jul 1863, p. 55s; Mar 1868, p. 232s; Abr 1870, p. 259; Ago 1870, p. 69-71; Ago 1871, p. 82-87; Mai 1873, p. 370; Ago 1873, p. 69s, 72.
- V. T. Lessa, “F. J. C. Schneider”, *O Estandarte* (29-02, 07-03 e 14-03-1912).
- “A Crença Cristã do Missionário Schneider”, *Revista das Missões Nacionais* (Abril 1912), 3.
- R. F. Lenington. “A Short History of the Work of the South Brazil Mission”. 1936.
- *General Biographical Catalogue, The Western Theological Seminary of the Presbyterian Church, Pittsburgh, Pennsylvania, 1827-1927*.
- Robert Leonard McIntire, *Portrait of Half a Century: Fifty Years of Presbyterianism in Brazil (1859-1910)* (Cuernavaca, México: CIDOC, 1969), 7/66-69.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 271.

### **Rev. George Whitehill Chamberlain**

*Notável evangelista em São Paulo e na Bahia, fundador da Escola Americana*

Inicialmente Chamberlain não veio ao Brasil como missionário, e sim em caráter particular. Ele nasceu no dia 13 de agosto de 1839 em Waterford, Condado de Erie, no noroeste da Pensilvânia. Estudou no Colégio Delaware, em Newark, Estado de Delaware, onde se bacharelou em 1857, e no Seminário Teológico Union, em Nova York (1857-1859). Algumas fontes dizem que estudou no Union College e que foi membro da 4ª Igreja Presbiteriana de Washington. Trabalhou como professor até que veio para o Brasil por recomendação médica, visando obter melhora para os olhos, que haviam sido prejudicados pelos estudos. Chegou ao Rio de Janeiro em 21 de julho de 1862 trazendo uma carta de recomendação para o Rev. Alexander L. Blackford, cunhado de Ashbel Green Simonton, que se encontrava nos Estados Unidos. Conheceu também o professor Horace Manley Lane, seu futuro colaborador. Blackford sugeriu-lhe que visitasse o campo missionário e ele interessou-se muito pelo trabalho evangelístico. Esteve por cerca de um ano e meio na Província de São Paulo, tendo visitado o Rev. Francis Schneider em Rio Claro, e no Rio Grande do Sul (Porto Alegre), onde lecionou inglês.

Em 23 de maio de 1864 chegou ao Rio de Janeiro em companhia do poeta Antônio José dos Santos Neves para auxiliar o Rev. Simonton, em resposta a um apelo deste. Fez companhia ao pioneiro por ocasião da morte de sua esposa Helen, no final de junho. Colaborou também em São Paulo, na capital e no interior. Residiu na capital paulista de novembro de 1864 a agosto de 1865 como professor particular de inglês, tendo prestado “constante e valioso auxílio em todos os trabalhos e pregações evangélicas”, segundo consta do prefácio histórico do 1º livro de atas da Igreja de São Paulo. Esteve presente à organização da Igreja de São Paulo, em 5 de março de 1865. Em março e abril acompanhou Simonton numa viagem a Brotas e em agosto e setembro fez muitas viagens pelo interior. Regressou então ao Rio, onde por seis meses auxiliou Simonton, substituindo-o quando este foi a São Paulo para a organização do Presbitério do Rio de Janeiro.

Em 6 de janeiro de 1866, soube por carta de sua nomeação como missionário coadjutor. Vindo do Rio a São Paulo em 8 de abril, pregou na ausência de Blackford e em seguida foi

novamente a Brotas, onde fez pregações com o Rev. José Manoel da Conceição. No início de maio, assistiu ao batismo de vários parentes de Conceição, ministrado pelo Rev. Schneider. De regresso a São Paulo, pregou em Sorocaba em 20 de maio, seguindo então para o Rio. Sua ordenação se deu no dia 8 de julho do mesmo ano, na segunda reunião do Presbitério do Rio, realizada na capital do império. Foi examinado sobre a sua experiência e vocação religiosa, ciências naturais, grego e latim. À noite, proferiu a sua homilia sobre Romanos 12.1-5. Na sessão seguinte, foi examinado sobre teologia e história eclesiástica. No dia 7 pregou o sermão de prova sobre João 6.29, sendo ordenado no domingo dia 8. Fez a parênese o Rev. Simonton e pregou o Rev. José Manoel da Conceição.

No mês seguinte (agosto de 1866), Chamberlain seguiu para os Estados Unidos a fim de estudar teologia no Seminário de Princeton. Nesse período, angariou a maior parte dos recursos para a construção do templo da Igreja do Rio de Janeiro e contraiu matrimônio com Mary Ann Annesley (1868). Também acompanhou o Rev. José Manoel da Conceição em suas viagens pelo país e o apresentou às igrejas de imigrantes madeirenses em Illinois. Nessa visita, Chamberlain convidou o Rev. Robert Lenington, que estava pastoreando duas dessas igrejas em Jacksonville e Springfield, a vir para o Brasil, e influenciou João Fernandes Dagama, presbítero da Igreja de Springfield, que viria para o Brasil como missionário em 1870. Compareceu a duas reuniões da Assembléia Geral da Igreja do Norte (1867 e 1868) como representante da missão brasileira. Enquanto isso, no dia 15 de dezembro de 1867, a Igreja de São Paulo, em assembléia presidida pelo Rev. Blackford, elegeu como pastores Chamberlain e Emanuel N. Pires, a fim de que pudessem officiar casamentos legalmente.

Chamberlain regressou ao Brasil em 23 de setembro de 1868, demorando-se por um ano na Igreja do Rio em substituição a Blackford, que se achava nos Estados Unidos. Quase um ano depois, escrevendo às crianças do seu país, deu-lhes informações sobre a Escola Dominical daquela igreja e sobre um passeio feito ao Jardim Botânico. Em outubro de 1869 assumiu o pastorado da Igreja de São Paulo, organizada quatro anos antes, onde permaneceria até 1887, com alguns intervalos motivados por viagens no Brasil e aos Estados Unidos. Deu novo impulso à fraca igreja e visitou incansavelmente os bairros da capital, o interior da província e o litoral, evangelizando e abrindo igrejas. Em 1870 e 1871, esteve em Sorocaba, Santa Bárbara, Capivari, Campinas, Jundiaí, Itu, Limeira, Brotas, Rio Claro e outros locais.

Em 1870, em sua residência à Rua Visconde de Congonhas do Campo, nº 1, o casal Chamberlain iniciou a Escola Americana. Uma hora por dia, Mary Ann passou a dar aulas a meninas que não podiam freqüentar as escolas públicas por causa da intolerância religiosa. No ano seguinte, a escola passou a ocupar as instalações da igreja, na Rua Nova de São José, nº 1 (atual Líbero Badaró), sob a direção da missionária Mary P. Dascomb, que também lecionava matemática. Os outros mestres eram Mary Ann Chamberlain (música e francês), Harriet Greenman (inglês, caligrafia e conhecimentos gerais), Júlio Ribeiro (português), Palmira Rodrigues (história) e Adelaide Molina (geografia). Em 3 de setembro de 1876, a escola transferiu-se para a Rua de São João, esquina com Rua do Ipiranga, onde também passou a funcionar o internato para meninas e, dois anos depois, o jardim da infância (Kindergarten). A igreja reuniu-se por vários anos no salão da Escola Americana, sendo o templo da Rua 24 de Maio inaugurado em 6 de janeiro de 1884. Os dois edifícios

(da escola e da igreja) foram construídos mediante donativos angariados em grande parte por Chamberlain nos Estados Unidos, onde esteve de agosto de 1875 a dezembro de 1876 e de março a setembro de 1882 (sendo substituído pelo Rev. John B. Howell).

Chamberlain organizou a Igreja de Caldas (MG) em 20 de abril de 1873 e a de Lençóis (SP) em 15 de dezembro de 1880. Foi moderador do Presbitério do Rio de Janeiro por três vezes, em 1873, 1874 e 1877. Recebeu como membros da Igreja de São Paulo senhoras de famílias ilustres (como Maria Antonia da Silva Ramos, filha do Barão de Antonina) e homens que iriam destacar-se na vida nacional (entre os quais o futuro escritor Júlio César Ribeiro e o futuro cientista Vital Brasil Mineiro da Campanha). Por vários anos, também se dedicou à preparação de candidatos ao ministério tais como Antônio Pedro de Cerqueira Leite, Eduardo Carlos Pereira e Manoel Antônio de Menezes. Durante a estadia inicial do casal Chamberlain no Rio de Janeiro e depois na cidade de São Paulo nasceram os seus sete filhos, a saber: Laura (1869), Pierce (1872), Mary Christine (1873), Ruth (1875), Helen (1877), George Agnew (1879) e Daniel Stewart (1881). Todos foram batizados por diferentes colegas do pai como os Revs. Blackford, Morton, Vanorden, Howell e Lenington. Uma boa foto da família Chamberlain pode ser vista nas páginas finais do livro *A Igreja Presbiteriana no Brasil, da Autonomia ao Cisma*, do Rev. Boanerges Ribeiro.

Em 1885, Chamberlain convidou o médico e educador Horace M. Lane para assumir a direção da Escola Americana e no início do ano seguinte foi inaugurado o internato para meninos na Rua Maria Antonia, em uma propriedade adquirida pelo casal Chamberlain e depois doada à instituição. A pedra memorial colocada no dia 4 de julho, que pode ser vista ainda hoje em um dos edifícios do Mackenzie, tem as palavras de 1 Timóteo 1.17: “Ao Rei dos séculos, imortal, invisível, a Deus só seja honra e glória. Anno Domini 1885”. Parte dos recursos para a construção desse edifício veio de algumas senhoras dos Estados Unidos e outra parte do general Couto de Magalhães, um oficial do exército brasileiro residente em São Paulo. Nas lutas em torno do Mackenzie na década de 1890, que contribuíram para a divisão do presbiterianismo brasileiro em 1903, Chamberlain apoiou os planos da Junta de Nova York. Ele, que sempre se dedicou à evangelização, entendia que a educação também era uma importante esfera de atuação da igreja.

Com a Escola Americana sob a direção do Dr. Horace Lane e a Igreja de São Paulo entregue aos cuidados do pastor auxiliar, Rev. Modesto Carvalhosa, Chamberlain pôde dedicar-se mais plenamente à evangelização. Em maio de 1886 esteve no Paraná com o Rev. W. M. Brown, sucessor do Rev. Blackford como agente da Sociedade Bíblica Americana. Enquanto Brown e o colportor Francisco Alves de Oliveira distribuíam a Bíblia, Chamberlain fez conferências em Curitiba, Itaquí, Campo Largo, Ponta Grossa, Castro e Tibagi. No final do mesmo ano, fez uma segunda visita àquele estado, por alguns meses, pregando nos mesmos lugares. Sofreu forte perseguição em Campo Largo, estando acompanhado pelo colega George Landes. No início de 1887, visitou vários pontos do Rio Grande do Sul e participou da organização da Igreja de Rio Grande, no dia 6 de março. Em setembro daquele ano, encerrou o seu pastorado na capital paulista, partindo novamente para a sua terra, onde se demorou por quase um ano devido a sérios problemas de saúde.

Em agosto de 1888, a Igreja Presbiteriana de São Paulo elegeu o seu primeiro pastor brasileiro, Eduardo Carlos Pereira. De regresso ao Brasil, Chamberlain participou da

organização do Sínodo Presbiteriano, sendo nomeado “missionário sinódico”, cargo que exerceu até 1897, tendo sido reeleito em 1891 e 1894. Permaneceu inicialmente em São Paulo, visitando muitos locais do interior, principalmente o vasto campo de Lençóis, como já o fizera anteriormente por várias vezes. Esteve presente na inauguração do templo da Igreja de Jaú em 13 de dezembro de 1891 e, usando da palavra, historiou o seu trabalho naquele município desde 1875. Ao longo dos anos, foram poucos os antigos campos do sul que não receberam pelo menos uma visita do incansável obreiro.

Em junho de 1892, devido à morte do Rev. Edgar M. Pinkerton e à retirada do Rev. Woodward E. Finley para o campo de Sergipe, Chamberlain transferiu-se para a Bahia, a fim de dar assistência às Igrejas de Salvador e Cachoeira, mediante autorização do Presbitério do Rio de Janeiro, para o qual havia se transferido. Fez longas viagens pelo interior e visitou outros estados, dando continuidade ao seu trabalho como missionário do sínodo. Geralmente pregava nas salas do júri cedidas pelas prefeituras. Em março de 1893, acompanhado do colportor e evangelista José Clementino, visitou a Fazenda Flores, perto de Orobó (atual Rui Barbosa), onde recebeu no dia 22 os primeiros membros. Na segunda visita do missionário, os crentes tentaram iniciar um trabalho na vila, mas foram impedidos por forte oposição. Mais tarde foi construído um pequeno templo e uma igreja foi organizada em 28 de setembro de 1902.

Chamberlain passou vários meses no sul do Brasil em 1894. Em 21 de janeiro participou da organização da Igreja do Riachuelo, no Rio de Janeiro, e no dia 12 do mês seguinte esteve presente ao lançamento da pedra angular do edifício do Mackenzie College, dedicado “às ciências divinas e humanas”. Participaram da cerimônia o ministro do interior, Dr. Cesário Mota Júnior, o senador Prudente de Moraes Barros e outras autoridades destacadas. Mais tarde, quando Prudente de Moraes estava para assumir a Presidência da República (1894-1898), Chamberlain o visitou e lhe ofereceu um exemplar das Escrituras. Em abril e maio de 1894, passou cinquenta dias em Sergipe auxiliando o Rev. Finley e pregando nas principais cidades do estado. No segundo semestre, depois de comparecer à terceira reunião do sínodo, pregou em Campos, Nova Friburgo, Juiz de Fora, Barbacena, Ouro Preto, Sabará e nas minas de Morro Velho. No início de 1895 e 1896 fez novas viagens respectivamente a São Paulo e ao Paraná.

Em março de 1896, Chamberlain fixou residência em Feira de Santana, na Bahia, dando continuidade ao seu trabalho evangelístico, pastoral e educacional. No ano seguinte, solicitou dispensa do cargo de missionário sinodal. Chorou em 1899 a perda de dois filhos, vitimados pela febre amarela: Mary Christine, em 4 de setembro, e o caçula Daniel Stewart em dezembro, em Feira de Santana. De 1899 a 1902, fez de São Félix e Cachoeira os pontos de partida de suas viagens evangelísticas. Em 19 de novembro de 1901, recebeu os primeiros membros em Palmeiras, na região da Chapada Diamantina, cuja igreja seria organizada no dia 7 de setembro de 1902. Ao lado do Rev. Finley, organizou a Igreja de Aracaju no dia 13 de dezembro de 1901.

Vitimado pelo câncer, o missionário seguiu para os Estados Unidos em busca de tratamento, mas já era tarde. Quis morrer no Brasil, ao qual devotara quarenta anos da sua vida. Foi a São Paulo visitar a sua antiga igreja e a Escola Americana. Depois esteve no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, seguindo para o Nordeste. Visitou mais uma vez a

Igreja de Cachoeira. Mary Ann mantinha um internato, onde residiam várias professoras e alunos. Duas irmãs de Chamberlain, Mary e Elizabeth, moravam com eles e também a missionária Margaret B. Axtell, que veio a casar-se com o Rev. Henry J. McCall. Chamberlain faleceu na casa do seu filho Pierce, em Salvador, no dia 31 de julho de 1902, exatamente um ano antes da separação dos presbiterianos que, no dizer de um historiador, teria magoado o seu coração pacifista. Foi sepultado no velho Cemitério dos Ingleses, no Rio Vermelho. Escrevendo para São Paulo, sua viúva observou: “O Senhor foi muito misericordioso para conosco e tomou-o para si mui suavemente”. Ficaram no Brasil D. Mary Ann e os filhos Laura, Pierce, Helen e George Agnew.

Uma placa em homenagem a Chamberlain, existente no Edifício Mackenzie (Prédio nº 1), tem os seguintes dizeres: “Por amor de Cristo: servo do povo brasileiro durante 39 anos, evangelizador dos sertões e das cidades, fundador da Escola Americana. Sonhador cujo sonho realizado é o Mackenzie College, seu primeiro benfeitor que com a doação destes terrenos, abriu o caminho para o seu progresso. Cercado dos seus patrícios adotivos, nas plagas baianas, espera ressurreição.” Sua filha Laura (que se casou em 1897 com o Rev. William A. Waddell) dedicou quarenta anos à obra missionária no Brasil (1893-1932), Pierce, dez anos (1899-1909) e Mary Christine, dois anos (1897-1899). Mary Christine professara a sua fé na Igreja de São Paulo em 6 de setembro de 1885, aos doze anos. A Sra. Mary Ann faleceu nos Estados Unidos em 1930.

Em 1898, o Rev. Chamberlain editou o livro *Harpa de Israel*, uma tradução dos salmos a partir do texto hebraico feita pelo professor e ex-sacerdote Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva (1834-1900). Deixou inúmeros escritos em todos os periódicos presbiterianos do seu tempo, bem como muitas atas, relatórios pastorais, cartas e outros documentos. Nas lutas eclesiásticas, soube manter uma atitude digna e cristã. Dez dias antes da sua morte escreveu uma carta ao seu antigo discípulo, Rev. Eduardo Carlos Pereira, a propósito das questões vitais da igreja, carta essa que ficou por concluir e mesmo assim foi publicada em *O Estandarte*.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 27-29, 56, 59, 60s, 71-74, 98, 101, 105s, 107, 118, 128s, 135s, 146, 205, 241, 294s, 308s, 319, 340, 387, 395, 530s, 594s, 641s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:41s, 69-71, 97, 140-143, 145s, 149, 187, 194s, 214, 215s, 264s, 286, 294, 307, 317s, 330, 349s, 359, 393, 468-71, 475-77, 518, 532s; II:23, 93, 126, 330, 373.
- *The Foreign Missionary*, Ago 1866, p. 91s; Ago 1870, 71s; Out 1872, p. 148-50; Out 1874, p. 140; Fev 1881, p. 402; Out 1884, p. 210; Nov 1885, p. 248-250; Nov 1886, p. 251-53.
- “A Brazilian Christian College” (1890), folheto.
- Antônio Ernesto, “Dr. George W. Chamberlain”, *O Estandarte* (4 e 11-01-1912), p. 33s.
- Vicente Temudo Lessa, “G. W. Chamberlain”, *O Estandarte* (11-04, 18-04, 25-04, 02-05 e 09-05 de 1912).
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1815-1954*.
- “George Chamberlain”, *SUPRE – Suplemento Presbiteriano* (Nov 1958), 7.
- McIntire, *Portrait*, 4/35-36; 7/39-43.

- Benedicto Novaes Garcez, *O Mackenzie* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970), 91-94.
- Boanerges Ribeiro, *A Igreja Presbiteriana do Brasil: Da Autonomia ao Cisma* (São Paulo: O Semeador, 1987), 15-70.
- *Mackenzie, 126 Anos de Ensino: Valores Acima do Tempo*. São Paulo: Prêmio, 1997.
- Antônio Máspoli de Araújo Gomes. *Religião, Educação e Progresso: A Contribuição do Mackenzie College para a Formação do Empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 47, 49s, 117, 186, 223-251, 268-270.

### **Rev. Emanuel Nathaniel Pires**

#### *Pioneiro presbiteriano na cidade e na província de São Paulo*

Emanuel N. Pires foi o primeiro pastor presbiteriano de nacionalidade portuguesa a trabalhar no Brasil. Em algumas fontes, o seu nome do meio consta como Nunes. Nasceu na Ilha da Madeira em 19 de outubro de 1838. Durante as perseguições promovidas contra o Rev. Robert Reid Kalley e seus seguidores, em 1849, foi levado ainda menino para a Ilha de Trinidad, nas Antilhas, uma colônia inglesa. Nessa ilha, faleceram seus pais. Enquanto isso, chegara ao conhecimento de cristãos norte-americanos que cerca de três mil evangélicos madeirenses haviam abandonado a pátria e viviam no Caribe. Esse fato despertou a simpatia de muitas pessoas, que logo forneceram os meios para o transporte daqueles que quisessem se estabelecer nos Estados Unidos. Assim, Emanuel foi com o seu tio Patrício e muitos outros madeirenses para Jacksonville, no Estado de Illinois.

O jovem foi um dos fundadores da 2ª Igreja Presbiteriana Portuguesa de Jacksonville (maio de 1855), cujo primeiro pastor foi o Rev. Robert Lenington, bem como presbítero dessa igreja. Mais tarde, haveria de pastorear várias dessas comunidades portuguesas daquele estado. Depois de estudar em Illinois, formou-se em 1863 no Hanover College, um colégio presbiteriano do sudeste de Indiana, e em 1866 no Seminário Teológico de Princeton. No mesmo ano, em 4 de maio, foi ordenado pelo Presbitério de Sangamon, no Illinois, e logo em seguida veio para o Brasil. Naturalmente, o conhecimento do idioma contribuiu para a sua nomeação.

Pires chegou ao Rio de Janeiro em meados de agosto de 1866. Em carta ao periódico *The Foreign Missionary*, informou que no dia 2 de setembro, um domingo, assistiu aos cultos matutino e vespertino na Igreja Presbiteriana e à tarde esteve com o Rev. Simonton na Igreja Evangélica Fluminense, onde participou de sua primeira Santa Ceia no Brasil, ministrada pelo próprio Rev. Robert Kalley. Seguiu então para São Paulo, ali chegando no dia 8 de setembro, para auxiliar o Rev. Alexander L. Blackford na igreja fundada no ano anterior. Pouco após a sua chegada, passou dois meses junto à Igreja de Brotas, também organizada recentemente. Num distrito próximo, sua vida correu grave perigo quando um grupo tentou atacá-lo.

Em abril de 1867, acompanhado do futuro presbítero e pastor William D. Pitt, Pires pregou em São Roque, Sorocaba, Itu e Jundiaí, havendo grande interesse nos três primeiros pontos.

Depois, pregou quatro vezes em Campinas, mas em Jundiaí, falando em um hotel, foi interrompido por um grupo de desordeiros. Do início de agosto até o início de dezembro, novamente ocupou-se de trabalhos itinerantes na região de Brotas e Rio Claro. De 10 a 28 de outubro teve a companhia de Blackford em Brotas. Receberam seis pessoas por profissão de fé, inclusive três escravos, e batizaram doze crianças. Pouco antes da chegada de Blackford, Pires havia sido ameaçado de morte em uma localidade a cerca de 40 km de Brotas, sendo defendido por uma corajosa mulher e seu esposo. Em dezembro de 1867, quando Blackford voltou para o Rio de Janeiro em virtude do falecimento de Simonton, foram eleitos para substituí-lo na Igreja de São Paulo os Revs. Pires e George W. Chamberlain, sendo que este último só assumiu o posto dois anos depois.

Logo, chegaram outros obreiros para auxiliar o Rev. Pires – em janeiro de 1868, Hugh Ware McKee, e em fevereiro, Robert Lenington. Alguns meses depois, este foi residir em Brotas. Assim, Pires e McKee pastorearam juntos a Igreja de São Paulo desde janeiro de 1868 até setembro de 1869. Os dois ministros também viajaram pelo interior, visitando Brotas e outros lugares. No primeiro semestre de 1868, Pires pregou a grandes auditórios em Pouso Alegre, Borda da Mata, Camanducaia e Bragança. Operoso e dinâmico, ele percorreu mais de uma vez a estrada do sul. Em São Roque, teve uma discussão com um certo Dr. Pedro Taques e saiu-se relativamente bem. Em Jundiaí, um bando de desordeiros o impediu de terminar um sermão.

No dia 25 de junho de 1868 teve início uma famosa série de debates entre, de um lado, os Revs. Pires e Lenington, e do outro lado, alguns estudantes da célebre Academia de Direito de São Paulo, no Largo de São Francisco, que haviam formado uma associação para combater os protestantes. Os estudantes, entre os quais estava o futuro homem público Joaquim Nabuco (1849-1910), mostraram-se intolerantes com os missionários, não lhes dando a oportunidade de exporem adequadamente as suas posições. Nabuco mais tarde penitenciou-se publicamente por esse erro. Em 11 de outubro de 1868, o Rev. Pires batizou um filhinho do Rev. McKee nascido em São Paulo. Pires estava com Lenington em 23 de maio de 1869 quando este organizou a Igreja de Borda da Mata (Pouso Alegre), a primeira de Minas Gerais. Depois que Pires pregou, Lenington batizou catorze adultos que os dois obreiros haviam examinado, bem como seus vinte filhos, quase todos da família Gouvêa, sendo que alguns parentes de Brotas vieram presenciar o evento. Em seguida, Pires regressou a São Paulo.

Por razões desconhecidas, o Rev. Pires recusou-se a ingressar no Presbitério do Rio de Janeiro em suas reuniões de 1867 e 1868, realizadas respectivamente no Rio e em São Paulo. Blackford e Schneider foram falar com ele sobre isso, sem resultados positivos. Parece que teve desavenças com alguns colegas, especialmente Blackford, Lenington e McKee. Advertido pelo seu presbitério de origem e pela Junta de Missões, prometeu filiar-se na reunião de 1869. Todavia, saiu em viagem pelo interior duas semanas e meia antes da reunião do presbitério em São Paulo (12-18 de agosto), regressando somente após o encerramento da mesma. Diante disso, o presbitério solicitou à Comissão Executiva da Junta de Nova York que o retirasse do campo o mais breve possível. Essa decisão foi tomada com pesar, porque Pires vinha demonstrando grande zelo no trabalho evangelístico. Na viagem que fizera durante a reunião do presbitério, ele havia passado cerca de um mês em Sorocaba, pregando quase que diariamente. Colhendo os frutos do trabalho desse

obreiro, Blackford foi para lá logo em seguida e no dia 1º de setembro de 1869 organizou a igreja presbiteriana daquela cidade, a sexta a ser fundada no Brasil, com cinco membros iniciais.

Nesse mesmo mês de setembro, Pires deixou definitivamente o Brasil. Visitou Portugal e a Ilha da Madeira para averiguar as oportunidades missionárias daqueles lugares e chegou aos Estados Unidos no final de dezembro. Voltou a residir em Jacksonville, onde pastoreou a 2ª Igreja Presbiteriana Portuguesa (1870-1877), da qual tinha sido presbítero. Em seguida, foi pastor da 2ª Igreja Portuguesa de Springfield (1878-1891), da “Velha Escola” como a anterior. Encerrou o seu ministério na Igreja Portuguesa Unida de Jacksonville (1887-1896), organizada em 27 de fevereiro de 1887. As igrejas portuguesas de Illinois tiveram importantes ligações com o início da obra congregacional e presbiteriana no Brasil. Delas também vieram os Revs. Hugh Ware McKee, Robert Lenington e João Fernandes Dagama. Em 1890, a pedido da Junta de Missões da Igreja Congregacional, Pires foi para Honolulu, nas Ilhas Sandwich (Havaí), onde organizou duas igrejas portuguesas fundadas por imigrantes de Açores, Madeira e Macau. O Rev. João Fernandes Dagama, em seu livro *Perseguição dos Calvinistas da Madeira* (escrito por sugestão de Pires), conta que uma filha desse obreiro trabalhou naquelas ilhas visitadas por seu pai. O Rev. Pires faleceu em Jacksonville no dia 3 de março de 1896.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 47s, 59, 62s, 65-67, 69, 520.
- Ferreira, *História da IPB*, I:89-92.
- E. N. Pires, “My first communion Sabbath in Brazil”, *The Foreign Missionary*, Fev 1867, p. 242s; também Fev 1868, p. 211-213; Set 1868, p. 92s; Dez 1869, 153.
- “Rev. Emmanuel N. Pires”, *O Estandarte* (16-05-1896), 1.
- João Fernandes Dagama. *Perseguição dos Calvinistas da Madeira: Subsídios para a História das Perseguições Religiosas*. Rio Claro: Tipografia Magalhães e Gerlach, 1896.
- Vicente Temudo Lessa, “E. N. Pires”, *O Estandarte* (06-06-1912), 8-10.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1815-1954*.
- Michael P. Testa, “The Apostle of Madeira”, *Journal of Presbyterian History*, Vol. 42, Nº 3 e 4 (Set e Dez 1964). Transcrito em: <http://freepages.genealogy.rootsweb.com/~klondike98/Exiles/apostle/Apostle%20of%20Madeira.rtf>
- McIntire, *Portrait*, 6/3-4, 10/27.
- Boanerges Ribeiro, *O Padre Protestante*, 2ª ed. (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979), 174s.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 60s, 81.

### **Rev. Hugh Ware McKee**

#### *Pioneiro presbiteriano na cidade e na província de São Paulo*

Hugh W. McKee nasceu em Harrodsburgh, Kentucky, no dia 24 de dezembro de 1840. Estudou no Hanover College, em Indiana, onde se formou em 1863. Em seguida, cursou o Seminário Teológico de Princeton, graduando-se em 1866. Foi ordenado pelo Presbitério

de Transylvania, do Sínodo de Kentucky, em 4 de setembro de 1866, e pastoreou a Igreja de Burkesville, no seu estado natal. Chegou ao Rio de Janeiro com sua esposa Margaret A. McKee em 19 de agosto de 1867. Ali ficou por alguns meses, fazendo companhia aos Revs. Ashbel G. Simonton e Francis Schneider e pregando em inglês, enquanto estudava a língua portuguesa.

No dia 2 de janeiro de 1868, menos de um mês após a morte do Rev. Simonton, fixou residência em São Paulo para auxiliar o colega Emanuel N. Pires, que havia chegado àquela cidade em setembro de 1866 a fim de auxiliar o Rev. Alexander L. Blackford. Este, por sua vez, havia se transferido para o Rio de Janeiro em virtude do falecimento de Simonton. Como fizera no Rio, McKee pregava em inglês e estudava português, tendo como professor Ciríaco Antônio dos Santos e Silva, um dos primeiros membros da Igreja de São Paulo. Além de pastorearem a Igreja de São Paulo, McKee e o colega Emanuel Pires viajaram pelo interior, visitando Brotas, Borda da Mata e pontos intermediários. Entre fevereiro e agosto de 1868, colaborou com eles na capital outro missionário recém-chegado ao Brasil, o Rev. Robert Lenington. Após o devido exame, McKee foi arrolado por jurisdição pelo Presbitério do Rio de Janeiro em sua quarta reunião, em 5 de agosto de 1868. No dia 11 de outubro do mesmo ano, seu filhinho Hugh Deruelle McKee, nascido em São Paulo em 1º de agosto, foi batizado pelo Rev. Pires.

De 16 de fevereiro de 1868 a 16 de agosto de 1869, o nome do Rev. McKee figura nas atas da Igreja de São Paulo como secretário da sessão (conselho). Os registros, entretanto, são de punho do Rev. Blackford. Parece que, ao vir a São Paulo de tempos em tempos, Blackford punha em ordem os assentos. O Rev. McKee, ainda inexperiente, limitava-se a assinar como secretário. Em setembro de 1869 houve a retirada do Rev. Pires e no mês seguinte a chegada do Rev. George W. Chamberlain, com quem McKee continuou a trabalhar por mais alguns meses. Em 19 de novembro de 1869, visitou a Igreja de Borda da Mata e no dia 5 de dezembro celebrou a Santa Ceia e batizou dois menores.

Seu nome figura pela última vez nas atas da Igreja de São Paulo em 6 de março de 1870, quando ministrou a Santa Ceia ao lado do Rev. José Manoel da Conceição. No dia 29 de março, ele acompanhou o Rev. Edward Lane na primeira viagem evangelística feita por este, seguindo até Sorocaba, e na volta pregaram na colônia americana de Santa Bárbara. McKee e a esposa não chegaram a dominar a língua portuguesa e tinham problemas de saúde. Deixaram São Paulo possivelmente em julho de 1870 e foram para o Rio de Janeiro, de onde regressaram para o seu país no mesmo ano ou, segundo um informe do Rev. Antônio Trajano, no dia 9 de janeiro de 1871.

Em 1871 e 1872, graças ao relativo conhecimento do idioma, o Rev. McKee pastoreou a 1ª Igreja Presbiteriana Portuguesa de Jacksonville, fundada pelos imigrantes madeirenses em 1849 e desde abril de 1856 filiada ao Presbitério de Springfield, do Sínodo de Illinois. Seu primeiro pastor havia sido o Rev. Antônio de Matos (1850-1868). Ao mesmo tempo, McKee pastoreou a 2ª Igreja Portuguesa de Springfield, organizada em 1858, também sucedendo o Rev. Antônio de Matos. Em seguida, pastoreou a 1ª Igreja Portuguesa de Springfield, onde havia trabalhado o Rev. Robert Lenington. Faleceu nessa cidade no dia 11 de maio de 1877, com apenas 34 anos de idade.

**Bibliografia:**

- Lessa, *Annaes*, 40, 59-62, 65, 81.
- Ferreira, *História da IPB*, I:92.
- Vicente Temudo Lessa, “H. W. McKee”, *O Estandarte* (20-06-1912), 4-5.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1815-1954*.
- Testa, “The Apostle of Madeira”, Apêndice.

**Rev. Robert Lenington***Operoso pioneiro presbiteriano em São Paulo, Minas e Paraná*

Robert Lenington nasceu no dia 27 de janeiro de 1833 nas proximidades de Muncie, Condado de Delaware, no Estado de Indiana. Bacharelou-se no Colégio Jefferson, em Cannonsburg, Pensilvânia, em 1859. Formou-se em teologia no Seminário de Princeton em 1862 e no mesmo ano casou-se com Martha Dale, filha do Rev. John Dale. Foi licenciado pelo Presbitério de Logansport em 1861 e ordenado pelo Presbitério de Sangamon, Illinois, em 16 de julho de 1862, indo pastorear as igrejas dos refugiados da Ilha da Madeira nas cidades de Springfield (1ª Igreja Presbiteriana Portuguesa) e Jacksonville (2ª Igreja Presbiteriana Portuguesa). Foi o primeiro pastor desta última (1862-1867), partidária da chamada Velha Escola (“Old School”). Quando o Rev. George Chamberlain visitou essas igrejas, convidou Lenington para trabalhar no Brasil.

Lenington chegou ao Rio de Janeiro em 24 de janeiro de 1868 e, como já conhecia o idioma, seguiu duas semanas mais tarde para São Paulo (chegou em 7 de fevereiro), onde passou a cooperar com os Revs. Emanuel Nathaniel Pires e Hugh Ware McKee, obreiros que permaneceram pouco tempo no Brasil (1866-69 e 1867-70, respectivamente). Lenington foi o primeiro missionário presbiteriano a chegar ao Brasil após a morte de Simonton. No dia 25 de junho de 1868, ocorreu um célebre debate entre os missionários de São Paulo (Pires e Lenington) e alguns estudantes da Academia de Direito do Largo de São Francisco, entre eles Joaquim Nabuco. Os estudantes chegaram a organizar uma sociedade para defender a fé católica e combater os protestantes. Nesses debates, que se estenderam por algumas semanas, os missionários viram-se em dificuldades por não dominarem muito bem o idioma e por causa da intolerância dos seus opositores, que não lhes davam tempo suficiente para expor as suas idéias. Anos mais tarde, em uma conferência pública, Nabuco, um grande defensor da liberdade religiosa, penitenciou-se por esse erro da juventude. Pouco depois dos debates, na 4ª reunião do Presbitério do Rio de Janeiro, realizada em São Paulo de 5 a 8 de agosto de 1868, Lenington foi recebido por transferência do Presbitério de Sangamon, do Sínodo de Illinois, na mesma ocasião que o colega Hugh W. McKee.

No dia 27 de agosto, acompanhado da família, Lenington seguiu para Brotas, onde chegou em 4 de setembro, tornando-se o primeiro pastor residente da promissora igreja presbiteriana local, fundada três anos antes. Passou então a visitar o seu vasto campo, com muitos pontos de pregação. No dia 23 de maio de 1869, organizou em companhia do Rev. Emanuel Pires a Igreja de Pouso Alegre (Borda da Mata), no sul de Minas, filha da Igreja de Brotas. Essa igreja rural, fundada no sítio do Sr. Antônio Joaquim de Gouvêa (seu primeiro presbítero), foi a primeira igreja presbiteriana organizada em Minas Gerais. Os

membros fundadores, catorze adultos e vinte crianças, eram quase todos da família Gouvêa, parentes dos primeiros membros da Igreja de Brotas. Na ocasião foi celebrada pela primeira vez a Santa Ceia. Lenington visitou também Dois Córregos e Rio Novo (Avaré), do outro lado do rio Tietê. Em Alto da Serra, criou uma escola primária que ficou a cargo de José Rufino de Cerqueira Leite, cunhado do Rev. José Manoel da Conceição. Em dezessete meses, Lenington viajou mais de 500 léguas (3000 km) a cavalo. Em muitas de suas viagens, chegava a ficar dois meses longe da família.

Após a reunião do presbitério em 18 a 29 de agosto de 1870, Lenington foi a Lorena (cuja igreja fora organizada em 17-05-1868) em companhia do novo licenciado Modesto Carvalhosa. Dali, seguiu a cavalo para Borda da Mata e posteriormente para Brotas. Em fevereiro de 1871, fixou-se temporariamente em Rio Claro, onde, no dia 16 de março, nasceu o seu filho Roberto Frederico Lenington, que seria um continuador da obra do pai e professor do Seminário Presbiteriano (faleceu em 1939). Em Rio Claro, Lenington realizou reuniões evangelísticas que foram se tornando cada vez mais concorridas. Pouco depois, voltou para Brotas e deu prosseguimento ao seu notável ministério itinerante, visitando a cidade de Lençóis. Foi possivelmente o primeiro pregador nesse local. Nesse ano, a igreja de Brotas contava com 116 membros adultos e 123 menores. Lenington foi moderador do Presbitério do Rio de Janeiro em 1870, 1871 e 1876.

Em abril e maio de 1872, Lenington fez uma grande excursão com o estudante de teologia Antônio Pedro de Cerqueira Leite e o colportor Bartolomeu Reviglio. Visitaram Patrocínio (Araras), Mogi-Mirim, Borda da Mata, Pouso Alegre, Bom Retiro, Campanha e Caldas, esta última o futuro campo do Rev. Miguel Torres. Os obreiros venderam todas as bíblias que haviam levado. No dia 15 de maio pregou numa grande sala em Caldas a um numeroso auditório convidado por ele mesmo. Teria sido este o primeiro culto público realizado naquela localidade. No segundo semestre, após a reunião do presbitério, Lenington regressou aos Estados Unidos em gozo de uma licença, tendo sido nomeado delegado à Assembléia Geral a reunir-se em maio de 1873. Voltou a pastorear a 2ª Igreja Portuguesa de Jacksonville (1873-1875). Por seu trabalho pioneiro e incansável no Brasil, ele e seus colegas George W. Chamberlain e João Fernandes Dagama foram denominados pelo historiador Vicente Temudo Lessa “os três valentes de Davi”.

O Rev. Lenington permaneceu na sua pátria até novembro de 1875, quando regressou ao Brasil na companhia de um novo missionário, Rev. Dillwin M. Hazlett. No ano seguinte, colaborou na Igreja do Rio de Janeiro, bem como visitou Lorena, Cruzeiro e outros locais. De 1877 a 1880 residiu na Bahia, substituindo o Rev. James T. Houston em Cachoeira e o Rev. Francis Schneider em Salvador. Voltou então para Rio Claro, a fim de substituir o Rev. Dagama, que se achava de férias nos Estados Unidos. Seu filho John Allen, nascido em 9 de novembro de 1881, foi batizado no dia 1º de janeiro de 1882 por Chamberlain, cujo filho Daniel Stewart foi batizado na mesma ocasião por Lenington. De 1882 a 1884, Lenington residiu em São Paulo, cooperando na Escola Americana e no jornal *Imprensa Evangélica*, e pastoreando o campo de Lorena e Cruzeiro. Nessa época (1883), a sua família teve de regressar para os Estados Unidos. No dia 28 de agosto de 1884, a Missão norte-americana, reunida em São Paulo, decidiu que ele iria ocupar o Paraná.

Lenington concluiu a sua carreira missionária no Brasil evangelizando o Paraná. Os Revs. José Manoel da Conceição e Alexander L. Blackford, e também colportores como João Antunes de Moura, presbítero da Igreja de Faxina (Itapeva), já haviam visitado aquele estado há anos, mas o trabalho regular foi iniciado por Lenington. Deixando São Paulo no dia 16 de maio de 1884, pregou por alguns dias em Itapetininga e Itapeva, sendo daí em diante acompanhado pelo colportor Moura. Chegaram em 3 de junho à cidade de Castro, onde o missionário pregou por uma semana. Algumas pessoas dessa cidade haviam escrito no ano anterior ao Rev. Antônio Pedro de Cerqueira Leite, pastor em Sorocaba, pedindo que os visitasse, vindo ele a falecer quando planejava essa visita. Os obreiros visitaram no dia 12 de junho a vila de Tibagi, lá encontrando Antônio Pinheiro de Carvalho, colportor da Sociedade Bíblica Britânica. Lenington pregou todas as noites por uma semana e os colportores trabalharam de casa em casa. A família de Delfino Ribeiro dos Santos era crente desde Faxina, mas ainda não professara a fé.

Na mesma viagem, os colportores Moura e Pinheiro visitaram a localidade de Fundão, a 60 km de Castro, onde venderam Bíblias, distribuíram folhetos, realizaram cultos e ensinaram hinos. A leitura de uma Bíblia (talvez vendida pelo colportor Manoel Pereira da Cunha Bastos) e de alguns números da *Imprensa Evangélica* havia sido responsável pela conversão do Sr. José Rodrigues Lagos e sua família, quando ainda residiam em Castro. Mudando-se para Fundão, foi ativo evangelista, conseguindo vários frutos. Foi então que Moura e Pinheiro visitaram o local. Quando ainda residia em Castro, Lagos teria sido o principal responsável pelo convite feito ao Rev. Antônio Pedro para visitá-los e também escreveu ao Rev. Chamberlain no mesmo sentido.

Lenington chegou novamente a Castro no dia 24 de outubro do mesmo ano, encontrando à sua espera o Sr. José Lagos, que o levou a Fundão, atual distrito de Pirai do Sul. Ali foi organizada no dia 26 de outubro de 1884 a primeira igreja presbiteriana do Paraná, mediante a profissão de fé e batismo de José Rodrigues Lagos e sua esposa Sebastiana Borges de Macedo, bem como do batismo de seus filhos menores Joaquim, Maria Rita e Palmira. No dia 9 de novembro, Lenington recebeu outros três adultos (José Teotônio de Almeida Jorge, Porfírio Rodrigues de Oliveira e Amâncio Rodrigues Lagos) e batizou dois menores. Entre os membros recebidos nos meses seguintes estavam vários outros integrantes da família Jorge, que haveriam de contribuir para a fundação de quatro outras igrejas: Espigão Alto, Sengés, Boa Vista e Montaria.

Em seguida Lenington visitou a vila de Tibagi, pregando a grandes auditórios de 27 de novembro a 11 de dezembro. No dia 7 de dezembro de 1884, organizou a Igreja de Tibagi, a segunda do Paraná, mediante a profissão de fé e batismo de Delfino Ribeiro dos Santos, sua esposa Francisca Maria dos Santos e outras cinco pessoas, examinados no dia anterior. Também batizou doze menores e ministrou a Santa Ceia, da qual participou Felício José Correia, um membro da Igreja de Rio Novo (SP). Mais tarde, as Igrejas de Fundão e Tibagi deixaram de existir e seus membros foram agregados às Igrejas de Castro e Curitiba, organizadas em 1888.

Outra cidade visitada pelo Rev. Lenington em 1884 e depois em 1886 foi a distante Guarapuava, a 200 km de Castro, cuja igreja foi finalmente organizada pelo Rev. Modesto Carvalhosa em 17 de fevereiro de 1889. O primeiro convertido foi o tenente Francisco de

Paula Pletz, o líder maçônico local. O operoso missionário também pregou em Curitiba, Imbituva, Ivaí, Cerro Azul, Antonina e outros lugares. No fim de setembro de 1885, após a reunião do Presbitério do Rio de Janeiro, os Revs. Lenington e George A. Landes fizeram uma viagem evangelística de São Paulo ao Paraná, visitando Fundão, Castro, Tibagi, Ponta Grossa, Palmeira, São Luís e Curitiba. De Curitiba, Landes regressou a São Paulo por mar e Lenington voltou para o interior. Nesse ano produtivo, Lenington pregou 315 vezes e viajou centenas de quilômetros a cavalo.

Robert Lenington retornou definitivamente para os Estados Unidos em março de 1886 e voltou a trabalhar nas igrejas portuguesas de Springfield (1ª) e Jacksonville (2ª) até a sua morte, em 26 de dezembro de 1903. Além do valoroso Roberto Frederico, outros filhos do casal Lenington trabalharam no Brasil como missionários e educadores. Effie R. Lenington trabalhou para a Missão como professora (1886-1903) e depois como missionária (1903-1915). Ela havia sido arrolada na Igreja de São Paulo, por transferência de Jacksonville, em 25 de abril de 1888; cinco anos e meio depois, em 18 de outubro de 1893, transferiu-se para a 2ª Igreja Presbiteriana, tendo sido uma de suas fundadoras. Lecionou na Escola Americana de São Paulo e em sua filial de Curitiba. Mary Elizabeth Lenington ensinou no jardim da infância da Escola Americana (1886-1891) e então se casou com o Rev. William A. Waddell, falecendo dois anos depois. Outro filho dos Lenington, George, lecionou na Escola Americana de 1893 a 1895.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 60, 65-67, 72, 86a (foto), 87, 96, 201, 237, 276, 304, 343, 441.
- Ferreira, *História da IPB*, I:92-95, 98s, 146s, 215, 236-38, 261-63, 305, 391, 525; II:130, 380.
- Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Fundão, Arquivo Presbiteriano.
- Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Tibagi, Arquivo Presbiteriano.
- Vicente Temudo Lessa, “Rev. R. Lenington”, *O Estandarte* (26-06-1912), 3-5.
- *The Foreign Missionary*, Set 1869, p. 85s; Ago 1870, p. 72; Set 1884, p. 171s; Nov 1885, p. 252; Mar 1886, p. 471.
- George A. Landes. *A Evangelização do Paraná: Apontamentos Históricos*. São Paulo: Casa Eclética, s/d.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1815-1954*.
- R. F. Lenington. “A Partial History of the Work of the South Brazil Mission”. 1936.
- Testa, “The Apostle of Madeira”, Apêndice.
- McIntire, *Portrait*, 7/43-51.
- Oswaldo Soeiro Emrich e Túlio Vargas, *Pioneiros da Evangelização Presbiteriana no Paraná*. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Vol. XV. Nº 81. Curitiba: Secretaria Municipal de Cultura, 1988.

### **Mary Parker Dascomb**

#### *Missionária-educadora pioneira em São Paulo e no Paraná*

O presbiterianismo nacional recebeu a valiosa colaboração de muitas missionárias norte-americanas que dedicaram as suas vidas ao ensino e à evangelização do povo brasileiro. A

primeira missionária-educadora enviada ao Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova York, da Igreja do Norte (PCUSA), foi Mary Parker Dascomb. Ela nasceu em Providence, capital do Estado de Rhode Island, em 30 de junho de 1842, e passou a sua infância e mocidade na cidade de Oberlin, em Ohio, onde seu pai foi professor no famoso colégio local. Mary formou-se no Oberlin College em 1860 e lecionou por um ano em Joliet, Illinois, um ano em Elyria, Ohio, outro em Canton, Ohio, e alguns meses no Vassar College, no Estado de Nova York, onde recebeu o primeiro convite para vir ao Brasil. O Colégio de Oberlin ficou famoso por suas ligações com o avivalista arminiano Charles G. Finney (1792-1875), que ali desenvolveu a chamada “teologia de Oberlin”, com sua ênfase na conversão individual, no perfeccionismo cristão e em reformas sociais.

Mary veio pela primeira vez ao Brasil em 1866, como professora dos filhos do cônsul americano no Rio de Janeiro, o presbiteriano James Monroe, ex-professor em Oberlin e depois deputado federal. Conheceu o Rev. Ashbel G. Simonton e o professor Horace M. Lane. Seus contatos com o Rev. Simonton fizeram-na voltar ao Brasil em 1869 como missionária. Deve ter chegado no final do ano, porque em um relatório datado de 18 de agosto daquele ano, o Rev. Alexander L. Blackford dizia que a esperavam para o ano seguinte. Trabalhou inicialmente no Rio de Janeiro, na escola para meninos e meninas anexa à Igreja do Rio, e depois por algum tempo em Brotas, na época do nascimento do Rev. Roberto Frederico Lenington (1871). Nesse período, foi professora do menino Herculano de Gouvêa, então com dez anos. No mesmo ano, passou a dirigir a recém-criada Escola Americana, em São Paulo, ao mesmo tempo em que colaborou com o Rev. George W. Chamberlain como organista da igreja.

Um relatório de Chamberlain de 20 de julho diz o seguinte: “Desde março de 1871 têm funcionado sob a direção da Sra. Mary P. Dascomb duas aulas, sendo uma freqüentada por 23 meninos e meninas inglesas e a portuguesa por 10 meninos e meninas”. Iniciada em 1870 pela esposa do missionário, Mary Ann Annesley Chamberlain, a escola foi aberta oficialmente no ano seguinte, na sede da igreja, na Rua Nova de São José (atual Líbero Badaró), sob a direção de Mary Dascomb. Em 20 de agosto de 1872, o *Correio Paulistano* deu notícia elogiosa dos exames prestados pelos alunos, afirmando: “Mostraram todos maravilhosos desenvolvimentos, como não estamos nós brasileiros habituados a presenciar nas nossas escolas rotineiras do tempo colonial. Encontra-se ali o ideal americano – escola mista regida por mulher”. Além de dirigir a escola, Mary lecionava matemática. Por sua orientação, seu discípulo, o futuro pastor Antônio Bandeira Trajano, elaborou a famosa *Aritmética Progressiva*, que se tornou célebre nas escolas do Brasil.

Mary voltou a dirigir por algum tempo a escola fundada em Brotas pelo Rev. Lenington, na época em que ali residiu o Rev. João Fernandes Dagama. Em meados de 1873, fixou residência na pequena cidade de Rio Claro, no interior da província, para colaborar com Dagama, que para ali havia se transferido junto com a escola. Em 20 de julho de 1873, foi arrolada por transferência na igreja local, organizada apenas três meses antes, em 13 de abril. Quando foi criada a escola dominical, no dia 7 de setembro, ficou responsável por uma das classes. No “Livro de Atas da Escola Dominical” daquela igreja, o seu nome consta até o dia 23 de julho de 1876. Além de auxiliar na igreja, Mary lecionou no colégio fundado pelo Rev. Dagama, tendo como colaboradora, a partir de junho de 1874, uma nova professora chegada dos Estados Unidos, Elmira (Ella) Kuhl. As duas missionárias se

tornariam grandes amigas e companheiras de trabalho até o final de suas vidas. No segundo semestre de 1876, Mary foi chamada para os Estados Unidos pela doença dos pais, deixando temporariamente a missão. Ficou quatro anos na pátria, tendo lecionado no Wellesley College, em Massachusetts, durante três anos e meio. Em 1878, obteve no Oberlin College o grau de mestrado (M.A.).

Após a morte dos pais, Mary Dascomb retornou ao Brasil em 5 de setembro de 1880, para ajudar no internato feminino da Escola Americana, trabalhando ao lado de Elmira Kuhl. Sua outra atividade importante foi, novamente, como organista da Igreja de São Paulo, na qual foi arrolada no final de 1880. Desde 1876 até o final de 1883, a Igreja Presbiteriana de São Paulo reuniu-se na “Sala Grande” da Escola Americana, na Rua de São João. Em suas “Reminiscências” publicadas em *O Estandarte*, o Dr. Antônio Gomes da Silva Rodrigues, que freqüentou a igreja naquela época, informa que o harmônio no qual a professora Dascomb tocava os hinos ficava ao lado direito de quem entrava. A missionária continuou a tocar o pequeno harmônio no novo templo da Rua 24 de Maio, inaugurado no dia 6 de janeiro de 1884, sendo os hinos cantados em uníssono pela congregação.

Em agosto de 1885, quando chegou a São Paulo para dirigir a Escola Americana, o médico e educador Horace Manley Lane desde logo conquistou a amizade e a lealdade incondicional da missionária Mary Dascomb. As cartas pitorescas escritas por ela a Lane, e guardadas pelo neto deste, Fred Lane, foram publicadas nos *Anais do Museu Paulista*, Tomos XV (1961) e XVI (1962). Mary foi sempre sua firme aliada nas lutas travadas na Missão, na Junta de Missões e na Igreja Presbiteriana do Brasil. Naquele ano (1885), ao encerrar a sua carreira em São Paulo, Mary lecionava geografia, inglês e matemática na Escola Americana. A seguir, dirigiu a escola fundada pelo Rev. George A. Landes em Botucatu, assistida pela missionária Arianna (Nannie) Henderson. A partir de 1885, na escola e na igreja, foi grande colaboradora do pastor recentemente ordenado, João Ribeiro de Carvalho Braga. Também a ajudaram na escola as professoras Elmira Kuhl, Clara E. Hough e Alexandrina Braga, a esposa do pastor. Um de seus alunos foi o futuro Rev. Erasmo de Carvalho Braga, filho primogênito do pastor da igreja.

Em janeiro de 1891, Mary foi pela primeira vez ao Paraná, a fim de participar de uma reunião da Missão. No seu estilo inconfundível, escreveu um relato pitoresco sobre a viagem que foi publicado na revista *Brazilian Missions* em maio daquele ano. No ano seguinte, as professoras Dascomb e Kuhl foram transferidas respectivamente de Botucatu e São Paulo para Curitiba, onde a Missão havia criado uma filial da Escola Americana, que dirigiram por vinte e cinco anos. As aulas tiveram início em 25 de janeiro de 1892. Em 1894, Mary registrou em seu diário as ansiedades com a Revolta da Armada, cujos rumores chegavam ao Paraná. Curitiba era o lugar usado preferivelmente para o aprendizado da língua e o ponto de encontro dos obreiros do sul. Mary não só trabalhou de modo eficiente na escola, mas deu importante auxílio à igreja e aos pastores e missionários que por ali passavam. O Rev. Frederico Lenington, que para ela sempre foi o “Fred” da infância, conta que foram gratos os seus anos como pastor daquela igreja, porque recebia de Miss Dascomb a crítica amável dos sermões e sugestões valiosas para o pastorado. Na Escola Americana, Mary lecionou aritmética, álgebra, história sagrada, história universal, inglês e português.

Em 1911, referindo-se aos vários lugares em que exerceu as suas atividades, Mary disse ter trabalhado como professora “no belo Rio, na linda capital de São Paulo, na diminuta vila de Brotas, na quietinha cidade do Rio Claro, na pequena cidade de Botucatu, da poeira roxa, e agora por dezenove anos em Curitiba, a enérgica capital paranaense”. A incansável obreira faleceu repentinamente em Curitiba na madrugada do dia 11 de outubro de 1917, horas após regressar de um culto e escrever uma carta ao Rev. Roberto Frederico Lenington sobre a obra evangélica. Os que conviveram com ela descreveram-na como dotada de um coração magnânimo e bondoso, de um temperamento alegre, expansivo e simpático, de um carinho especial pelos pobres e humildes. Morreu oito dias antes da sua amiga e companheira Ella Kuhl, que se encontrava nos Estados Unidos. Delas se disse que poucos estrangeiros influenciaram tantas famílias brasileiras, principalmente no sul do país. Entre os seus muitos alunos estiveram os Revs. Roberto Frederico Lenington, Herculano de Gouvêa, Erasmo Braga, Tancredo da Costa, Pierce Chamberlain e Filipe Landes.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 74, 86, 106, 142, 153, 176, 349.
- Ferreira, *História da IPB*, I:524-528.
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Livro de atas, notas pastorais e outros documentos” (1873-1901).
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Livro de Atas da Escola Dominical” (1873-1880).
- *The Fortieth Annual Report of the Board of Foreign Missions of the P.C.U.S.A.* (Nova York, 1877), 19. Centro de Documentação e História Rev. Vicente T. Lessa.
- *The Forty-Fourth Annual Report of the Board of Foreign Missions of the P.C.U.S.A.* (Nova York, 1881), 21. Centro de Documentação e História Rev. Vicente T. Lessa.
- *Brazilian Missions* (Maio 1891), 36-38.
- *The Brazilian Bulletin* (1898).
- “A Estas Três Venerandas Senhoras Americanas”, *Revista das Missões Nacionais* (Maio 1911), 1.
- Herculano de Gouvêa. “Homenagem a Mary Parker Dascomb, de um de seus Discípulos e Admiradores”. Curitiba, 1920.
- Braga, *Música Sacra Evangélica*, 138s.
- McIntire, *Portrait*, 7/56s, 10/38.
- Frank P. Goldman, *As Cartas de Miss Mary P. Dascomb ao Dr. Horace Manley Lane (1886-1907)*. Anais do Museu Paulista XV (p. 249-336).
- Frank P. Goldman, *As Cartas de Miss Mary P. Dascomb ao Dr. Horace Manley Lane (1908-1912)*. Anais do Museu Paulista XVI (p. 289-363).
- Garcez, *Mackenzie*, 38.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 185s, 227.
- Ribeiro, *IPB: Da Autonomia ao Cisma*, 43.
- Geysa Spitz Alcoforado de Abreu, “Escola Americana de Curitiba (1892-1934): Um Estudo do Americanismo na Cultura Escolar”, Dissertação de Mestrado em Educação, PUC/SP, 2003.

**Rev. João Fernandes Dagama**

*Pioneiro presbiteriano no interior de São Paulo*

João Fernandes da Gama nasceu no dia 4 de novembro de 1830 na localidade de Santo Antônio, na Ilha da Madeira. Aos dezesseis anos, teve de fugir da sua terra natal por causa das grandes perseguições movidas contra os crentes evangélicos convertidos através do trabalho do Rev. Robert Reid Kalley. Inicialmente, foi para a ilha de Saint Kitts, no Caribe, e depois para Springfield, Illinois, nos Estados Unidos, onde chegou no dia 15 de novembro de 1849. Foi diácono e presbítero da Igreja Presbiteriana Portuguesa daquela cidade. Terminou os seus estudos em um colégio e seminário dirigido por um certo Rev. Miller. Em 1853, quando estudava teologia, foi até Nova York a pedido do Rev. Kalley para dar assistência a um novo grupo de imigrantes que chegava da Ilha da Madeira, com 130 pessoas.

Dagama foi ordenado pelo Presbitério de Springfield em 1869. Era casado com Eulália Rosa Câmara Dagama, nascida em 24 de abril de 1831. Foi o segundo missionário presbiteriano português vindo de Illinois para trabalhar no Brasil (o primeiro foi Emanuel N. Pires). Seu irmão Francisco da Gama e a família haviam vindo para o Rio de Janeiro muitos anos antes, em 1856, a convite do Rev. Kalley. Francisco foi um dos membros fundadores da Igreja Evangélica Fluminense, presbítero da mesma e um dos primeiros colportores do Brasil, vindo a falecer em 1880.

Dagama chegou ao Brasil como missionário da Igreja do Norte (PCUSA) em outubro de 1870, sendo arrolado pelo Presbitério do Rio de Janeiro em 12 de janeiro do ano seguinte, numa reunião extraordinária realizada em São Paulo. Por quase dois anos, trabalhou na capital do Império, auxiliando o Rev. Alexander L. Blackford. Pregou nos bairros de São Cristóvão, São Francisco Xavier e Saco do Alferes. Esteve em três cidades da província do Rio de Janeiro em 1871. Possivelmente, foi o primeiro missionário a visitar a cidade de Campos, onde encontrou algumas famílias inglesas e americanas que se mostraram desejosas de ter uma igreja. Esteve também em Lorena, onde pregou por vários dias e ministrou os sacramentos na igreja organizada três anos antes (17-05-1868). Fez a primeira de várias visitas a Petrópolis em 3 de setembro, pregando na igreja alemã. No dia 19 de março de 1872, tomou parte na organização da Igreja Presbiteriana de Petrópolis, ao lado do Rev Blackford.

Em maio de 1872, Dagama tomou um vapor até Santos, de onde seguiu para Campinas. Precisou procurar um médico, pois estava adoentado desde que saiu do Rio de Janeiro. Depois de três dias em Campinas, onde falou a um bom auditório, seguiu pregando de cidade em cidade, de vila em vila, até três léguas (18 km) além de Dois Córregos. Visitou, entre outros lugares, Limeira, Rio Claro e Brotas. Nesta última, foi recebido pela Sra. Martha Lenington e pela missionária Mary P. Dascomb, que tinha ali uma conceituada escola. O Rev. Robert Lenington estava ausente em uma viagem missionária; quando regressou, os dois obreiros visitaram muitos lugares em toda a região. Depois, Dagama continuou a sua viagem evangelística em direção ao sul, passando por Piracicaba, Santa Bárbara, Capivari e Itu, chegando por fim a Sorocaba. Sua visita de onze dias produziu um despertamento na igreja dessa cidade, organizada em 1869.

Após a sua viagem pela Província de São Paulo, o Rev. Dagama retornou ao Rio de Janeiro, onde residia, e participou da reunião do Presbitério, de 16 a 21 de agosto de 1872. Nessa reunião decidiu-se a sua transferência para o interior de São Paulo. Em 6 de setembro, ele deixou o Rio com a família e, após passar por Rio Claro, chegou no dia 21 a Brotas, onde fixou residência, substituindo o Rev. Robert Lenington, que seguira temporariamente para os Estados Unidos. Brotas foi o centro da evangelização do oeste de São Paulo. Os pontos dos itinerários de Dagama foram marcados inicialmente por famílias evangélicas saídas de Brotas rumo ao sertão. Da igreja dessa cidade foram dadas as cartas de transferência para a formação das igrejas da região. Dagama foi muito operoso no oeste paulista, viajando constantemente e abrindo novos trabalhos. De Brotas, visitou as congregações rurais de Bom Jardim, Boa Vista do Jacaré e Água Branca. Também visitou as regiões de Dois Córregos e São Carlos do Pinhal e chegou até Rio Novo (Avaré), local já visitado pelo Rev. Lenington. Foi, no dizer de Temudo Lessa, um dos “três valentes de Davi”.

Em 16 de março de 1873, o Rev. Dagama organizou a igreja rural de Rio Novo, na fazenda Rosário, logo estabelecendo uma escola, que ficou a cargo do futuro pastor João Vieira Bizarro. Em 13 de abril, organizou a Igreja de Rio Claro com apenas sete membros, fundando também uma escola primária, na qual pouco depois passou a trabalhar a missionária Mary Dascomb. Nessa cidade, o interesse do povo não era tão acentuado como nas regiões rurais. Seu companheiro de viagens era o dedicado colportor Bartolomeu Reviglio, membro da Igreja de São Paulo desde setembro de 1867 e arrolado em Rio Claro em 20 de julho de 1873. Nas férias, além de Bizarro, outro estudante e futuro ministro auxiliava Dagama – Manoel Antônio de Menezes. Curiosamente, Bizarro veio a casar-se com uma filha de Reviglio e Menezes, com uma filha de Dagama. A sistemática criação de escolas ao lado das congregações que estabelecia foi uma peculiaridade do Rev. Dagama.

Em agosto de 1873, Dagama mudou-se para Rio Claro, onde permaneceu o restante da sua vida. Continuou a trabalhar num vasto campo, de ambos os lados do rio Tietê. Com sua retirada, Brotas foi ocupada pelo licenciado Antônio Bandeira Trajano, que ali residiu por algum tempo. Em 1874, Dagama dedicou no Alto da Serra, na região de Brotas, um edifício construído para o culto e escola ao mesmo tempo. O colégio de Rio Claro, por ele mantido, recebeu nesse ano o valioso auxílio da missionária Elmira Kuhl, recém-chegada dos Estados Unidos. No ano seguinte, em 21 de março, o Rev. Dagama organizou a Igreja de Dois Córregos, e no dia 25 de abril, a de São Carlos. Ambas tiveram a sua sede inicial em fazendas, e depois se transferiram para as respectivas cidades.

Outras localidades visitadas nesses primeiros anos foram Pirassununga, Descalvado, Bom Jardim, Ribeirão Bonito, Jaú, Ribeirão do Veado (Pederneiras) e os sítios de Henrique Gomes de Oliveira e Inácio Pereira Garcia. No sítio de Henrique Gomes (1820-1896), que professara a fé em 1866 com o Rev. Schneider, surgiu uma próspera congregação e foi fundada uma escola. O velho patriarca reunia os muitos filhos, netos e vizinhos para os cultos no pequeno templo ali construído. Da família Garcia veio o Rev. João Pereira Garcia, nascido em 1886 em Figueira (município de Dois Córregos), filho do presbítero Antônio Pereira Garcia, filho de Inácio. Foi ordenado em 1910 e pastoreou muitas igrejas do Presbitério Oeste de São Paulo (Araraquara, Dois Córregos, Taquaritinga, Boa Vista do Jacaré, Pederneiras, Jaú e outras). Ironicamente, tendo deixado a sua terra natal na

adolescência por causa de perseguições, o Rev. Dagama voltou a enfrentar esse tipo de experiência no Brasil. No dia 26 de abril de 1877, indo pregar na vila de Jaú, foi barbaramente espancado e arrastado por um bando de fanáticos. Foi seu companheiro nessa viagem o jovem colportor Belarmino Ferraz (1858-1943), que muitos anos depois, em 1905, ingressou no ministério.

Além da escola primária dirigida pelas missionárias Mary Dascomb e Elmira Kuhl, Dagama iniciou em 9 de janeiro de 1877 um “Internato para Crianças Pobres e Órfãos”. O objetivo era que essas crianças passassem três anos num regime rigoroso de estudo, trabalho e instrução religiosa e depois voltassem às suas famílias e comunidades como pequenos evangelistas. Ele também reconhecia a importância dos professores primários, leitores da Bíblia (evangelizadores de casa em casa) e colportores para a expansão da obra. Dagama também organizou as Igrejas de Araraquara (03-06-1879), Pirassununga (10-01-1885) e Boa Vista do Jacaré (18-10-1891). O operoso missionário apresentava relatórios detalhados de suas inúmeras viagens evangelísticas e outras atividades tanto ao Presbitério do Rio de Janeiro quanto ao periódico *The Foreign Missionary*. Foi eleito moderador do Presbitério em 1880. No dia 6 de setembro de 1888, participou da organização solene do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, no Rio de Janeiro, passando a integrar o Presbitério de Minas, instalado em 6 de dezembro. No dia 8 de janeiro de 1885, sob a liderança de D. Eulália Dagama, fora fundada em Rio Claro a Sociedade de Senhoras “Boa Esperança”, a segunda do Brasil.

Em 1892, surgiu no Presbitério de Minas o “caso Dagama”. Em novembro de 1890, Dagama havia escrito à Junta de Nova York informando estar cansado e envelhecido. Enviou cópia do ofício à Missão do Brasil, que se reuniu em Curitiba em janeiro de 1891. A Missão e a Junta o dispensaram dos seus serviços, mas ele relutou em entregar ao seu sucessor, Rev. Wilmot A. Carrington, as sete igrejas a seu cargo. Na reunião de 1891, o Presbitério de Minas o elegeu moderador e evangelista presbiterial; no fim do ano, porém, surgiram dificuldades entre ele, o presbitério e alguns missionários. Desgostoso, renunciou em dezembro aos cargos para que fora eleito e pediu para ser retirado do rol do concílio. Surgiu então uma série de conflitos entre o velho pastor, o missionário substituto e a igreja de Rio Claro, por ele fundada quase vinte anos antes.

Em 9 de outubro de 1892, o Rev. Dagama organizou uma igreja com os poucos membros que lhe permaneceram fiéis, tendo como sede o seu colégio. Esse grupo recebeu o nome de Igreja Presbiteriana Independente. No mesmo mês, numa reunião extraordinária do presbitério em Campinas, Dagama foi eliminado do rol. Não deixou, contudo, de pregar durante todo o tempo em que se conservou afastado do presbitério, visitando Araraquara, Pirassununga e outros pontos do seu antigo campo. Em 1895, publicou o folheto *Exposição de Fatos*, que novamente acirrou os ânimos de alguns. Felizmente, o conflito foi sanado em meados de 1897, sendo restauradas as antigas relações com o Presbitério de Minas. Em julho de 1901, o velho ministro foi jubulado pelo recém-criado Presbitério Oeste de São Paulo.

Em 1896, o Rev. Dagama publicou um trabalho histórico, *Perseguição dos Calvinistas da Madeira*, uma narrativa da era de perseguições religiosas na sua ilha nativa, desde os tempos do Dr. Kalley (1839-1856). O velho missionário faleceu no dia 27 de agosto de

1906, aos setenta e seis anos de idade. Dona Eulália faleceu em 1º de fevereiro de 1908. O casal Dagama teve quatro filhas: Verlinda, Sofia, Leonor e Paulina. Paulina casou-se com o Rev. Manoel Antônio de Menezes. Verlinda Eva (1858-1941) trabalhou com a missão norte-americana de 1876 a 1891. O casal Dagama e outros membros da família estão sepultados no Cemitério Evangélico de Rio Claro. No final do livro *A Igreja Presbiteriana no Brasil, da Autonomia ao Cisma*, de autoria do Rev. Boanerges Riberiro, encontra-se a reprodução de uma bela fotografia da família Dagama.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 86a (foto), 88-89, 96, 114s, 121s, 127, 147, 402-405, 529, 537, 627.
- Ferreira, *História da IPB*, I:147-149, 184-87, 220, 334-337; II:189s.
- *The Foreign Missionary*, Fev 1872, p. 273; Maio 1872, p. 383; Out 1872, p. 149s; Dez 1872, p. 209-212; Set 1875, p. 122-24; Nov 1875, p. 182s; Set 1876, p. 113s; Abr 1877, p. 344-46; Ago 1877, p. 82-85; Set 1877, p. 113-115; Mar 1878, p. 306s; Set 1875, p. 122-24; Nov 1875, p. 182-84; Set 1876, 113-115; Abr 1877, p. 344-46; Ago 1877, p. 82-85; Set 1877, p. 113-115; Mar 1878, p. 306s.
- João F. Dagama e Verlinda Eva Dagama. “A Brief Account of the Great Empire of Brazil: Our Mission Work and its Present Needs”. Jacksonville, Illinois, 1882.
- João F. Dagama. *Perseguição dos Calvinistas da Madeira: Subsídios para a História das Perseguições Religiosas*. Rio Claro: Tipografia Magalhães e Gerlach, 1896.
- “Dados Históricos”. Relatórios de Dagama (1871-1874). Arquivo Presbiteriano.
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Livro de atas, notas pastorais e outros documentos” (1873-1901).
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Registro de pastores, oficiais, batismos, casamentos e óbitos” (1873-1901).
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Registro de casamentos, rol de membros, batismos de menores e óbitos” (1893-1901).
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Livro de Atas da Escola Dominical” (1873-1880).
- “Rev. João Fernandes da Gama”, *O Puritano* (06-09-1906), 5.
- “Rev. João Pereira Garcia”, Pasta Ministros (191), Arquivo Presbiteriano.
- Dorothy Menezes Wolf, “D. Palmira Menezes”, *O Puritano* (25-08-1949), 6.
- Testa, *The Apostle of Madeira*, 182, 196, 256, 266.
- McIntire, *Portrait*, 7/50s.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 186-89, 193-198.
- M. Porto Filho. *Robert Reid Kalley: Apóstolo em Três Continentes. I – A Epopéia da Ilha da Madeira*. Rio de Janeiro, 1987.

### **Rev. Emanuel Vanorden**

*Divulgador da literatura evangélica no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul*

Como alguns de seus antecessores enviados ao Brasil pela Junta de Nova York, Emanuel Vanorden não era um americano nato. Ele era um judeu de origem holandesa que nasceu na cidade de Haia no dia 14 de novembro de 1839, converteu-se ao evangelho em Londres e depois emigrou para os Estados Unidos. Estudou teologia no Seminário Teológico

McCormick, em Chicago, Illinois, sendo ordenado ministro presbiteriano em 1872. Em dezembro do mesmo ano, chegou ao Rio de Janeiro acompanhado da esposa, Bertha Doebely Vanorden (nascida em 10 de setembro de 1850), sendo recebido pelo Presbitério do Rio no dia 20 daquele mês. Poucos meses depois, veio para São Paulo a fim de auxiliar o Rev. George W. Chamberlain, sendo eleito co-pastor da Igreja Presbiteriana local em março de 1873. Enquanto aprendia o português, ensinou grego e história da igreja ao estudante Antônio Pedro de Cerqueira Leite (do qual se tornou muito amigo), bem como inglês e francês na Escola Americana. Além de conhecer hebraico, grego e latim, Vanorden falava corretamente holandês, alemão, inglês e francês. Também prestou serviços em Santos e em Sorocaba.

Ainda em São Paulo, Vanorden iniciou uma atividade na qual daria importante contribuição ao presbiterianismo nacional – a produção de literatura evangélica. Em janeiro de 1874, lançou *O Púlpito Evangélico*, que veio a ser o segundo periódico protestante e presbiteriano do Brasil. Os vinte e quatro números publicados em dois anos traziam sermões escolhidos de missionários e pastores, bem como notícias das igrejas. O primeiro número trouxe um sermão de Vanorden intitulado “A Bíblia Será a Palavra de Deus?”

Em março de 1874, Vanorden transferiu-se para o Rio de Janeiro a fim de cooperar com o Rev. Alexander L. Blackford. No final daquele mês e início de abril, participou das solenidades de inauguração do templo local, o primeiro templo presbiteriano do Brasil, pregando em uma das noites. Os sermões pregados nessa ocasião foram publicados em *O Púlpito Evangélico*. Vanorden teve a seu cargo a livraria da missão, dirigiu cultos nos bairros de Cosme Velho e Engenho Novo, e colaborou na publicação da *Imprensa Evangélica*. No dia 14 de dezembro do mesmo ano, participou ao lado do Rev. Modesto Carvalhosa da organização da Igreja de Embaú (Cruzeiro), no Vale do Paraíba. Por volta de 1876, esse ministro, que, segundo o historiador Temudo Lessa, havia nascido para ser um “varão de contendas”, desentendeu-se com a Missão e com o Presbitério do Rio de Janeiro, desligando-se de ambos.

Vanorden seguiu em agosto de 1877 para a cidade de Rio Grande, no sul do Brasil, onde por uma década teve uma tipografia e uma livraria. Lançou no mesmo ano o periódico bimensal *O Pregador Cristão*, o primeiro jornal evangélico em português publicado no estado gaúcho, que foi mantido regularmente durante dez anos. Ainda em 1877, passou a publicar um periódico em inglês, *The Brazilian Christian Herald* (O Arauto Cristão Brasileiro), para divulgar o seu trabalho entre seus colaboradores estrangeiros. Fiel à vocação ministerial, Vanorden iniciou uma “Igreja Evangélica” em 20 de fevereiro de 1878, inicialmente composta de oito pessoas. Na ocasião foi adotada uma resolução unânime segundo a qual, “sendo a escravidão um pecado contra Deus e contra o homem, nenhum proprietário de escravos será admitido à igreja a menos que primeiro liberte seus escravos”. Os cultos dominicais eram celebrados pela manhã em inglês e à noite em português. Dessa igreja saíram três futuros pastores, os Revs. Henrique Augusto Vogel, Francisco Lotufo e Alfredo Vanorden.

Esse trabalho não estava filiado a qualquer missão estrangeira, sendo mantido às custas do ministro e de doações de amigos na Inglaterra e nos Estados Unidos, aos quais ele enviava relatórios anuais da sua “Missão Cristã Brasileira”. Vanorden era auxiliado por colportores

como Francisco Machado e Estêvão Gibotti, que vendiam ou distribuíam gratuitamente uma boa quantidade de Bíblias, Novos Testamentos, evangelhos, folhetos e livros em diversos idiomas. Entre as cidades visitadas estavam Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Santa Vitória, São Leopoldo e Porto Alegre. À semelhança de Francis J. C. Schneider, Vanorden ficou decepcionado com o pequeno interesse religioso demonstrado pelos imigrantes alemães.

Em 31 de agosto de 1886, ainda residindo no sul, Vanorden reconciliou-se com o Presbitério do Rio de Janeiro, do qual se desligara oito anos antes (seu afastamento oficial datava de 1878), mas não mais voltou à Missão. No ano seguinte, em 6 de março de 1887, a comunidade que ele havia fundado foi organizada como Igreja Presbiteriana de Rio Grande, sendo a comissão organizadora composta por ele mesmo e pelos colegas George W. Chamberlain e Manoel Antônio de Menezes. Este último foi designado para pastoreá-la. A nova igreja tinha 39 membros, sendo 28 procedentes da Igreja Evangélica de Vanorden, cinco de outras igrejas protestantes e seis que professaram a fé naquela ocasião. O jovem Francisco Lotufo foi eleito diácono. Em 1891, a igreja e todo o campo rio-grandense seriam transferidos aos episcopais por decisão dos missionários de Nova York, decisão essa até hoje lamentada pela Igreja Presbiteriana do Brasil.

Depois de uma viagem à Inglaterra e aos Estados Unidos a fim de angariar recursos para a produção de literatura religiosa, Vanorden retornou para São Paulo em 1888 e abriu uma casa comercial. Participou da organização do Sínodo Presbiteriano em setembro. Ofereceu a sua colaboração à Igreja de São Paulo, que naquele ano elegeu o seu primeiro pastor nacional, Rev. Eduardo Carlos Pereira, e iniciou um trabalho evangélico no bairro da Bela Vista. Algum tempo depois, Vanorden voltou a envolver-se em problemas eclesiásticos. Os membros da igreja julgavam suas atividades comerciais incompatíveis com o ministério e o Rev. Eduardo deixou de ceder-lhe o púlpito. No conflito surgido entre os líderes nacionais e os missionários em 1892, Vanorden colocou-se ao lado destes últimos, principalmente os Drs. Horace M. Lane e William A. Waddell. No mesmo ano, pediu licença ao Presbitério de São Paulo para organizar a congregação que havia fundado na Bela Vista como uma segunda igreja presbiteriana, o que acirrou ainda mais os ânimos na 1ª Igreja. O conselho dessa igreja chegou a pedir que a mesma fosse transferida para o Presbitério de Minas.

Os processos iniciados contra Vanorden em 1892 foram anulados, mas em 1895 ele foi condenado pelo presbitério. Posteriormente, em 1900, foi restaurado com todas as honras. Nessa ocasião, o veterano missionário foi jubulado a pedido e ofereceu-se para publicar gratuitamente, por um ano, a *Revista das Missões Nacionais*. Na verdade, acabou fazendo isso por muitos anos. Eventualmente, filiou-se ao Presbitério de Neosho, nos Estados Unidos. O Rev. Emanuel Vanorden faleceu em São Paulo aos 78 anos de idade, no dia 14 de junho de 1917. A Sra. Bertha Vanorden faleceu aos 80 anos em 23 de junho de 1930.

Seu filho Alfredo Vanorden, nascido na capital paulista em 31 de agosto de 1873, estudou teologia em Genebra, formando-se em 1896. Em seguida, fez estudos de pós-graduação no Seminário McCormick, em Chicago, e foi ordenado pelo Presbitério de Kansas City, Missouri, em 8 de outubro de 1897. Inicialmente exerceu o pastorado nas Igrejas de Centerview e High Point, em Missouri. Outros filhos do casal Vanorden foram Winifred (1875-1952), Adele (n. 1877), Henrique José (1878—1919), René Charles (1879—1927),

Paulo (n. 1882), Herbert (n. 1884) e Anézia (1886—1965). Winifred (Winnie) casou-se com Giles Williams Lane, filho do Dr. Horace Lane, e foi membro atuante da Igreja Unida por muitos anos. Adele foi esposa do Dr. Augustus F. Shaw. Henrique e René dirigiram por muitos anos a Casa Vanorden, fundada pelo pai, uma grande empresa de impressão e gravação sediada no bairro da Moóca-Brás. Henrique participou de diversas associações esportivas de São Paulo, tendo sido presidente do Esporte Clube Americano.

Em Rio Grande, o Rev. Emanuel Vanorden publicou obras valiosas como *A Sociedade de Jesus* (de E. Pressensé), *Filosofia do Plano da Salvação*, *Os Decretos do Vaticano* (de W. E. Gladstone), *O General Gordon*, *O Presidente Garfield* e *O Futuro dos Povos Católicos* (de Émile de Laveleye), entre outros. Também editou livros infantis ilustrados. De regresso a São Paulo, começou a publicar em 1889 o *Anuário Evangélico*, em forma de folheto. Trazia o calendário com uma passagem bíblica para cada dia, bem como a estatística do Sínodo e informações sobre outras denominações, colégios, jornais, etc. Publicou por alguns anos, a partir de janeiro de 1892, *A Aurora*, jornalzinho ilustrado destinado aos alunos dos colégios evangélicos e das escolas dominicais, com notícias missionárias e contos para crianças. Mais tarde, publicou também um periódico secular, *A Opinião*, de cuja redação fez parte por algum tempo o Rev. Modesto Carvalhosa. Continuou a editar livros, entre eles a volumosa *História dos Protestantes na França* (São Paulo, 1896), de Guillaume-Adam de Félice, publicada originalmente em 1850, com suplemento posterior de F. Bonifas.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 101s, 103s, 120, 122, 126, 149s, 159, 166s, 264, 327s, 338, 385-88, 397, 464, 471, 489, 528, 537, 552, 609, 657, 661
- Ferreira, *História da IPB*, I:168s, 189, 214, 266s, 321, 356-59, 380s, 384s, 394s; II:160s, 190.
- *The Foreign Missionary*, Jun 1874, 23s; Out 1874, p. 139; Nov 1875, p. 180-182; Dez 1886, p. 326.
- “Dados Históricos”, Relatórios de Emanuel Vanorden (1873-1875), 215, 219s. Arquivo Presbiteriano.
- *The Brazilian Christian Herald – A Monthly Paper Published by Rev. Emanuel Vanorden*, Rio Grande, Vol. I, N° 6-7 (Fevereiro-Março 1878).
- Rev. E. Vanorden. *Fourth and Fifth Annual Reports of the Brazilian Christian Mission*, Rio Grande do Sul. Janeiro de 1882.
- Eduardo Carlos Pereira, “Dupla Defesa” (São Paulo, 1896), 14-16.
- *Ministerial Directory, PCUS/PCUSA* (1898), 519.
- *Revista das Missões Nacionais* (19-03-1907).
- Vicente Temudo Lessa. “Do Tietê ao Uruguai”.
- *General Catalogue, Presbyterian Theological Seminary, Chicago* (1939).
- Ribeiro, *IPB: Da Autonomia ao Cisma*, 263-277.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 102-105, 262.
- Flávio Magalhães, coord., *Cemitério dos Protestantes: Repouso de Ilustres* (São Paulo: Associação Cemitério dos Protestantes, 1995), 70, 72, 78.

## **Rev. John Beatty Howell**

### *Pioneiro da educação teológica em São Paulo*

John Beatty Howell nasceu em Allentown, Nova Jersey, em 31 de março de 1847. Obteve o bacharelado no Colégio de Nova Jersey em 1866 e formou-se no Seminário Teológico de Princeton em 1870, época em que exercia o magistério. Licenciado pelo Presbitério de Burlington em 13 de abril de 1870, trabalhou como missionário urbano em Wilkes-Barre, na Pensilvânia (1870-1873). Foi ordenado pelo Presbitério de Lackawanna em 18 de abril de 1872. Enviado pela junta missionária de Nova York, chegou ao Rio de Janeiro em 19 de agosto de 1873 e por um semestre auxiliou o Rev. Alexander L. Blackford no Rio e em Petrópolis. Foi recebido pelo Presbitério do Rio de Janeiro em 22 de janeiro de 1874, em uma sessão extraordinária, quando foi determinada a sua transferência para São Paulo, a fim de substituir o Rev. Emanuel Vanorden, que ia para o Rio de Janeiro.

Em São Paulo, o Rev. Howell tornou-se pastor-auxiliar do Rev. George W. Chamberlain. Passou três semanas em Sorocaba, cujo pastorado dependia dos obreiros da capital (o primeiro obreiro residente veio a ser o licenciado Antônio Pedro de Cerqueira Leite). Howell também deu assistência aos trabalhos de Santos e Bragança e substituiu Chamberlain por algumas vezes quando este se ausentou em gozo de férias. Permaneceu em São Paulo por cerca de dez anos, cooperando não só no púlpito como na Escola Americana, da qual foi diretor. Desde o início, a maior preocupação de Howell, expressa em inúmeras cartas e artigos, foi a preparação de um ministério nacional para a Igreja Presbiteriana do Brasil.

Em 1877, Howell viajou para os Estados Unidos e no dia 14 de junho casou-se com Elizabeth Hibler Day em Wilkes-Barre, na Pensilvânia. Ao regressarem ao Brasil, foram acompanhados pela professora Phebe A. Thomas, que vinha trabalhar na Escola Americana. Howell cooperou com o Rev. Chamberlain como professor de teologia dos estudantes da época, lecionando uma classe teológica iniciada na Escola Americana em 1878 (a chamada Escola de Treinamento). Entre os seus alunos estiveram Manoel Antônio de Menezes, José Zacarias de Miranda, Eduardo Carlos Pereira e João Ribeiro de Carvalho Braga. Sua esposa, Elizabeth Day Howell, auxiliou na direção do internato para meninas da Escola Americana. Foi arrolada na Igreja de São Paulo no dia 6 de julho de 1879. Howell fez muitas viagens de evangelização pelo interior paulista. Como todos os missionários do norte que residiram no Rio e em São Paulo, foi redator da *Imprensa Evangélica*. Foi eleito moderador do Presbitério do Rio de Janeiro em 1879. Dois filhos seus nascidos em São Paulo, Emma Day (07-10-1879) e Archibald Alexander (27-06-1881) foram batizados pelo Rev. Chamberlain.

A partir do final de 1877, Howell começou a escrever regularmente para o periódico de missões *The Foreign Missionary*, dando notícia de suas atividades e planos. Embora continuasse residindo em São Paulo, o presbitério lhe havia confiado o vasto campo de Brotas e ele preocupava-se com a falta de obreiros. Sua idéia era treinar jovens promissores da própria região para servirem como professores e evangelistas ou “leitores da Bíblia”. Esses jovens deveriam lecionar em escolas paroquiais durante oito meses do ano e passariam os quatro meses restantes estudando com Howell em Brotas, durante as férias do

curso teológico de São Paulo. O missionário pretendia ensinar-lhes prioritariamente interpretação e exposição bíblica. No início de 1878, ele pregou pela primeira vez em Jaú, onde Dagama havia sido agredido e impedido de pregar no ano anterior.

Em 1885, Howell foi transferido para o campo de Brotas, que ficara vago com a remoção do Rev. Zacarias de Miranda para Sorocaba. O campo tinha muitos pontos de pregação, sendo que o seu trabalho mais importante foi realizado em Jaú. Howell adquiriu uma propriedade a poucos quilômetros dessa vila, na localidade denominada Ortigal ou Capim Fino, onde criou em 1887 um instituto bíblico ou colégio agrícola. Devido à escassez de pastores, esse novo tipo de escola visava preparar jovens para trabalharem como catequistas ou pregadores nas suas igrejas locais e incluía treinamento profissional em agricultura. Começou com doze rapazes, que pagavam seus estudos com trabalho agrícola no período da manhã. Alguns dos alunos de Howell em Jaú alcançaram o ministério, tais como João Vieira Bizarro, Herculano Ernesto de Gouvêa e Bento Ferraz. Acompanhado pelo presbítero Bizarro, Howell organizou a Igreja Presbiteriana de Jaú no dia 14 de abril de 1889.

Depois de trabalhar no Capim Fino, Howell partiu com a família para os Estados Unidos em 24 de maio de 1890, chegando a Nova York em 26 de junho. Desligou-se da Missão em 4 de agosto, exercendo o ministério em Burlington, Nova Jersey. Quatro anos mais tarde, retornou ao Brasil, indo novamente para a sua propriedade agrícola de Jaú. Vinha agora em conexão com a Aliança Missionária Internacional, trazendo em sua companhia o Rev. W. D. Smart e o Sr. J. B. Emery, um especialista em agricultura. No instituto bíblico do seu sítio continuou a preparar moços que ao mesmo tempo trabalhavam na lavoura. Mais tarde, seu plano seria executado com maior eficiência pelo Rev. William A. Waddell, tanto no Instituto de Ponte Nova, na Bahia, quanto principalmente no Instituto José Manoel da Conceição, em Jandira, nos arredores de São Paulo.

Mesmo filiado a outra missão, Howell continuou a fazer longas viagens e a cooperar com os antigos companheiros. Em 1895, recebeu várias pessoas por profissão de fé na região de São José do Rio Preto. Pouco depois, em agosto, visitou Araguari e Paracatu com seu companheiro Rev. Smart, realizando atos pastorais no antigo campo do Rev. John Boyle. Pretendiam descer o rio São Francisco até a Bahia, mas aparentemente não realizaram o seu intento. No ano seguinte, Howell regressou aos Estados Unidos, onde pastoreou a Igreja Memorial Tennent, em Filadélfia (1897-1904), e foi capelão do Hospital Presbiteriano daquela cidade (1903-1912). O Rev. Álvaro Reis, recentemente eleito o primeiro moderador da Assembléia Geral da IPB, visitou-o em Filadélfia em 1910.

Anos depois, Howell dedicou parte de sua vida ao trabalho missionário em Portugal. Foi para aquele país em 1912, depois de passar pelo Brasil e comparecer à segunda reunião da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana. Auxiliou o Rev. João Marques da Mota Sobrinho, primeiro missionário da Igreja Presbiteriana do Brasil naquele país (1911-1922) e contribuiu para a publicação do jornal evangélico *O Doutrinador*. Publicou em Portugal um excelente comentário de Mateus e preparou um comentário de Romanos que não chegou a ser publicado. Regressando definitivamente ao seu país, residiu em Newtown, Connecticut (1919-1924), falecendo no dia 23 de janeiro de 1924, em Stanford, no mesmo estado.

Deixou um legado, o Fundo Howell, cujos rendimentos foram aplicados pelo Presbitério de Rio Claro de conformidade com as condições do legado.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 30b (foto), 113s, 125, 168, 205, 210, 237s, 469, 489s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:181, 215, 317, 330-32, 516; II:126, 172, 194.
- *Ministerial Directory, PCUS/PCUSA* (1898), 317.
- *The Foreign Missionary*: Mar 1878, p. 307-309; Ago 1878, p. 78s; Annual Report, 1878, p. 23s; Jun 1879, p. 12s; Ago 1880, p. 118s; Fev 1881, p. 400-402; Ago 1884, p. 100-103; Ago 1884, p. 114-117; Nov 1885, p. 244-46; Nov 1885, p. 253-56; Jun 1886, p. 36s.
- *Revista das Missões Nacionais* (31-05-1890), .
- John B. Howell. *Comentário ao Evangelho Segundo São Mateus*. Lisboa e Rio de Janeiro, 1912.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1815-1954*.
- McIntire, *Portrait*, 7/63-65.

### **Elmira Kuhl**

#### *Missionária-educadora pioneira em São Paulo e no Paraná*

Elmira Kuhl, conhecida pelos amigos como Ella, nasceu no dia 13 de janeiro de 1842 em Copper Hill, perto de Flemington, a principal municipalidade do Condado de Hunterdon, em Nova Jersey. Frequentou a escola municipal e, aos dezesseis anos, ingressou no Instituto Presbiteriano de Peekskill, em Nova York, onde ficou apenas um ano. Matriculou-se então no Colégio Feminino de Bordentown, em Nova Jersey, onde fez o curso inteiro em um só semestre. Após novo ano de estudos em outro local, em 1865 o superintendente de escolas deu-lhe permissão para lecionar na escola pública de sua cidade natal, revelando-se ela uma excelente professora. No outono de 1870, abriu uma escola particular na casa do seu pai, escola essa que logo adquiriu grande popularidade. Por algum tempo após a sua formatura no colégio, auxiliara o pai em um empreendimento comercial, obtendo o conhecimento prático que muito contribuiu para o sucesso da sua administração escolar tanto na sua pátria como posteriormente no Brasil.

A Junta de Missões de Nova York a nomeou para o trabalho missionário no Brasil em 7 de maio de 1874 e um mês depois ela chegou ao Rio de Janeiro, onde o Rev. João Fernandes Dagama foi buscá-la. Aparentemente veio para substituir a missionária Harriet Greenman, chegada em 1869, que havia se casado. Em Rio Claro, Elmira trabalhou na escola evangélica fundada pelo Rev. Dagama, auxiliando a colega Mary Parker Dascomb. A partir de então, as duas notáveis mestras passaram juntas boa parte do restante de suas vidas. Elmira também colaborou na igreja organizada no ano anterior, na qual foi arrolada no dia 1º de novembro de 1874. Foi professora na pequena escola dominical desde outubro daquele ano até 25 de novembro de 1877. Pouco depois, seguiu para São Paulo a fim de trabalhar na Escola Americana, assumindo a direção do Internato Feminino, na Rua de São João. Foi arrolada na Igreja Presbiteriana de São Paulo em janeiro de 1878. Nesse ano,

lecionavam nas classes primárias, além de Ella Kuhl, as professoras Adelaide Molina, Alexandrina Braga e Mary Ann Chamberlain, a fundadora da escola.

A partir de março de 1875, Ella Kuhl começou a enviar cartas a *The Foreign Missionary*, o periódico de missões da Igreja do Norte (PCUSA). Nessas cartas, ela falava sobre os acontecimentos em Rio Claro e região, as conversões ocorridas, as atividades das escolas, igrejas e pontos de pregação, as práticas do catolicismo, as perseguições sofridas e a situação política do país. Escrevendo em 30 de agosto de 1878, já em São Paulo, disse que a Escola Americana estava com 185 alunos, apesar de forte oposição. Elmira lecionava uma grande classe composta de estudantes franceses, alemães, americanos e brasileiros. Em uma carta de 27 de fevereiro de 1879, informou com orgulho que os pais consideravam a escola “a melhor da cidade”. Nessa altura, lecionava inglês, desenho, aritmética, geografia e doutrina cristã. Fazia trabalho de visitação nos lares da igreja e dos alunos, acompanhada da professora Adelaide Molina, que foi elogiada por sua facilidade em relacionar-se com as pessoas ao apresentar-lhes o evangelho. Elmira também falou de uma “sociedade de costuras”, que chegou a reunir sessenta senhoras e visava angariar fundos para a construção do templo. Em 1884, era presidente da “Sociedade Missionária Juvenil” da Igreja de São Paulo, na qual os alunos da escola dominical estudavam as missões mundiais e contribuíam para as mesmas. Em 1890, esteve entre os fundadores do Hospital Samaritano.

Elmira permaneceu em São Paulo durante doze anos, seguindo então para Botucatu, onde novamente auxiliou a sua grande amiga. Com a independência financeira do Colégio Protestante de São Paulo, as duas mestras foram para Curitiba em 1892, a fim de dirigir uma filial da Escola Americana, o que fizeram por vinte e cinco anos. O Rev. Júlio Andrade Ferreira transcreve uma bem-humorada descrição das instalações e atividades dessa escola em seu livro *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Em Curitiba, as atividades de Elmira não se limitaram ao trabalho escolar. Ela também foi uma força poderosa na igreja, na escola dominical, nas Sociedades Auxiliadoras Femininas e em trabalhos evangelísticos. Criou três crianças, cuidava do pessoal da cozinha, das finanças, dos estudantes especiais de inglês e ainda ministrava lições a crianças surdas e mudas. O Arquivo Fred Lane tem vinte cartas enviadas por ela ao Dr. Horace M. Lane no período de 1888 a 1912, quase todas escritas de Curitiba.

Os contemporâneos de Mary Parker Dascomb e Elmira Kuhl descreveram as diferenças de temperamento e métodos de trabalho dessas duas companheiras inseparáveis. Mary era cheia de energia e possuía uma conversa cativante. Versada na literatura moderna e nos grandes movimentos mundiais, emitia opiniões positivas sobre temas sociais, literários, políticos e pedagógicos. Tinha um coração expansivo e generoso, mas podia ser bastante rigorosa em sua disciplina. Elmira era calma, quieta, mas alegre, simpática e maternal com os estudantes. Muito paciente e reservada em suas opiniões, era firme em conservá-las tenazmente. Com grande prudência e mansidão, diligente e conscienciosa em seu trabalho, metódica e sistemática nos negócios, possuía grande capacidade administrativa e uma determinação inabalável.

Seus antepassados vieram, em tempos remotos, da Espanha, que deixaram pela França por causa da sua fé. Mais tarde, pelo mesmo motivo, foram para a Holanda, de onde emigraram para Nova York. Da parte da mãe, Elmira Kuhl era ligada aos Yutphen ou Sutphen, mas

originalmente da Espanha. Entre os antepassados dos Sutphen existiram vários duques e barões. De tais progenitores certamente vieram a coragem, a devoção e a determinação que caracterizaram a sua carreira missionária tão bem-sucedida. As duas notáveis mestras, nascidas no mesmo ano de 1842, trabalharam juntas por quase quarenta anos e faleceram ambas aos setenta e cinco anos de idade em 1917, com poucos dias de diferença, Mary Dascomb em Curitiba, no dia 11 de outubro, e Ella Kuhl em Nova York, no dia 19 de outubro, antes que a notícia da morte de uma pudesse alcançar a outra viva.

A Escola Americana de Curitiba ocupava um longo terreno nas proximidades do templo presbiteriano. Com frente para a rua Comendador Araújo estava o internato feminino. No outro lado da quadra, defronte à rua Vicente Machado, ficava o imponente edifício do externato. Segundo o historiador paranaense David Carneiro, ilustre ex-aluno de Mary Dascomb e Elmira Kuhl, a instituição não foi mais a mesma após o falecimento das notáveis mestras. As diretoras que as sucederam não puderam dar continuidade ao trabalho das fundadoras. No final de 1934, a escola foi vendida ao Rev. Luiz Lenz de Araújo César, então pastor da Igreja de Curitiba. Este no ano seguinte fundou o Ginásio Belmiro César (mais tarde Colégio Belmiro César), que funcionou com o curso ginásial paralelamente ao ensino primário oferecido pela Escola Americana. Em 1956, as duas instituições encerraram definitivamente as suas atividades.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 121s, 153, 349, 357s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:345, 524-528.
- *The Thirty-Eighth Annual Report of the Board of Foreign Missions of the P.C.U.S.A.* (Nova York, 1875), 18. Centro de Documentação e História Rev. Vicente T. Lessa.
- *The Foreign Missionary*: Jul 1875, 50s; Abr 1876, p. 345s; Jul 1876, p. 47s; Mar 1877, p. 302s; Jan 1879, p. 252-54; Jun 1879, p. 13-15; Nov 1885, p. 274-76.
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Livro de atas, notas pastorais e outros documentos” (1873-1901).
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Livro de Atas da Escola Dominical” (1873-1880).
- Garcez, *Mackenzie*, 39.
- McIntire, *Portrait*, 7/57, 10/38.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 276.
- Abreu, “Escola Americana de Curitiba”, 65, 121.

### **Rev. James Theodore Houston**

*Missionário na Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catarina; autor de hinos*

James T. Houston nasceu em Olivesburg, Ohio, em 1847, sendo seus pais Robert e Rebecca Houston. Obteve o seu bacharelado em artes no Lafayette College, Pensilvânia, em 1871. Em seguida, estudou no Western Theological Seminary, no mesmo estado, formando-se em 1874. Foi ordenado nesse mesmo ano pelo Presbitério de Wooster, Ohio. Enviados pela Junta de Missões Estrangeiras, ele e a esposa Nancy partiram de Nova York no dia 23 de novembro de 1874, chegando a Salvador em 16 de dezembro e a Cachoeira em 31 de dezembro, para colaborar com o Rev. Francis J. C. Schneider. Este havia chegado a

Salvador em 1871, tendo organizado a igreja presbiteriana no ano seguinte. Houston organizou a Igreja de Cachoeira em 12 de setembro de 1875. Foi arrolado pelo Presbitério do Rio de Janeiro em 3 de agosto de 1876 e pastoreou a Igreja de Salvador de junho a outubro de 1877.

Em julho de 1877, o Presbitério nomeou Houston para pastorear a Igreja do Rio ao lado de Dillwin M. Hazlett. Houston assumiu o posto em novembro e trabalhou com Hazlett até janeiro de 1879. Ficou sozinho até outubro de 1880, quando Antônio Bandeira Trajano veio ajudá-lo. Os dois obreiros trabalharam juntos até agosto de 1885. Durante a sua residência no Rio de Janeiro, Houston fez visitas pastorais a Ubatuba, Cruzeiro e outros lugares. Foi o primeiro ministro presbiteriano a pregar em Ubatuba, onde se demorou cinco dias no início de 1880. No dia 4 de março, celebrou a Santa Ceia e recebeu nove pessoas por profissão de fé e batismo (a igreja foi formalmente organizada pelo Rev. Trajano no dia 28 de novembro). Houston foi também um dos redatores da *Imprensa Evangélica*.

Durante o seu pastorado, em setembro de 1879, houve uma famosa cisão na Igreja do Rio, com o afastamento do presbítero Dr. Miguel Vieira Ferreira e um grupo de simpatizantes, que formaram a Igreja Evangélica Brasileira. Outro episódio conhecido ocorreu em 1883, durante a 19ª reunião do Presbitério. Ao amanhecer do dia 31 de agosto, o Rev. Antônio Pedro de Cerqueira Leite, que estava hospedado na residência do Rev. Houston, faleceu subitamente vitimado por um enfarte. A primeira esposa do Rev. Houston, Nancy, faleceu em 1881. Em 25 de abril de 1883, ele casou-se em segundas núpcias, em São Paulo, com a missionária Sophie Amanda Dale, de 24 anos, que havia vindo para o Brasil em 1881 e ocupava o cargo de professora em Rio Claro. A cerimônia foi realizada no salão da Escola Americana, sendo oficiante o Rev. Robert Lenington e servindo como testemunhas Manoel da Paixão e a professora Elmira Kuhl. Sophie era irmã de Martha Dale, a esposa do Rev. Robert Lenington.

No dia 14 de agosto de 1884, na época em que se intensificava a luta abolicionista, Houston pregou na Igreja do Rio um sermão que demonstrava a incompatibilidade da escravidão com o ensino bíblico e a prática cristã, exortando os fiéis a se empenharem na libertação dos escravos e profetizando o fim próximo da escravidão. O sermão foi publicado no mesmo ano. Em agosto de 1885, o Rev. Houston regressou aos Estados Unidos, depois de onze anos de serviços no Brasil. Pastoreou igrejas em Laclede e Kirksville, no Estado de Missouri. Somente em 1892 o Presbitério do Rio lhe deu carta de transferência para o Presbitério de Palmyra, nos Estados Unidos. Em 1896, Adielah (Ada), sua filha do primeiro casamento, casou-se com o Rev. Roberto Frederico Lenington.

Em 1900, Houston veio novamente para o Brasil, indo trabalhar em Florianópolis, ao lado de seu genro, o Rev. Roberto F. Lenington. Fez trabalho itinerante no litoral catarinense e construiu o templo de São Francisco do Sul. Em companhia do Rev. Lenington, organizou a Igreja de Florianópolis em 6 de janeiro de 1901. Em novembro de 1902, retornou à sua pátria definitivamente, tendo trabalhado em duas igrejas da Califórnia e servido como missionário entre portugueses daquela região. Faleceu em Oakland, na Califórnia, em 21 de junho de 1929, aos 82 anos. Sua esposa veio a falecer menos de um ano depois, em 13 de maio de 1930.

James Houston colaborou com a hinologia evangélica do Brasil. Foi o organizador da *Nova Coleção de Hinos Sagrados para Uso da Igreja Evangélica*, publicada no Rio de Janeiro em 1881, contendo 29 hinos. No hinário *Hinos Evangélicos e Cânticos Sagrados*, publicado por John Boyle no Rio de Janeiro, em 1888, encontravam-se vinte e quatro hinos de Houston. Quando preparava o hinário, Boyle enviou o manuscrito a Houston, que o examinou cuidadosamente e forneceu muitas sugestões sobre diferentes aspectos da obra (disposição dos assuntos, escolha dos hinos, falhas de versificação e equívocos doutrinários). Além do hinário do Rev. Boyle, as letras de hinos de James Houston também figuram em conhecidos hinários atuais como *Salmos e Hinos* (12 hinos), *Hinário Evangélico* (8 hinos) e *Hinário Presbiteriano Novo Cântico* (6 hinos, os de nº 35, 47, 130, 214, 230 e 400). Alguns dos seus hinos mais conhecidos são “Louvamos-te, ó Deus, pelo dom de Jesus”, “Dirijo a ti, Jesus, minha oração”, “Ó vinde fiéis, triunfantes e alegres”, “Grande Deus, em paz agora”, “Vem, Senhor, do bem a fonte” e “Oh, vinde todos! Celebrai”.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 86a (foto), 123s, 145, 201, 392, 622.
- Ferreira, *História da IPB*, I:238-40, 280s, 518, 529, 534.
- *The Foreign Missionary*: Jun 1879, p. 15s; Ago 1880, p. 117s; Nov 1885, p. 246-48.
- Igreja Presbiteriana de São Paulo, “Livro de Certidões de Casamento” (1882-1921), Centro de Documentação e História Rev. Vicente T. Lessa.
- J. T. Houston, *O Cristianismo e a Escravidão*. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Lenzinger e Filhos, 1884.
- *Ministerial Directory, PCUS/PCUSA* (1898), 317.
- *General Biographical Catalogue, The Western Theological Seminary of the Presbyterian Church, Pittsburgh, Pensilvânia, 1827-1927*.
- Haroldo Cook, “Uma página do passado”, *O Puritano* (Junho 1957).
- Braga, *Música Sacra Evangélica*, 156, 327.
- *Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro: Primeiro Centenário, 1862-1962*.

#### **Rev. Dillwin MacFadden Hazlett**

*Antigo pastor da Igreja do Rio de Janeiro*

Dillwin M. Hazlett nasceu em Elderton, Pensilvânia, em 4 de janeiro de 1852 (Temudo Lessa diz que foi em 4 de julho). Bacharelou-se no Colégio de Nova Jersey em 1872 e estudou teologia no Seminário Teológico Western, em Allegheny, na Pensilvânia (1872-1875), o mesmo em que haviam estudado os Revs. Blackford, Schneider e Houston. Foi ordenado pelo Presbitério de Kittanning em 11 de maio de 1875, chegando ao Brasil em 19 de novembro do mesmo ano, em companhia da esposa, Jennie Reed, e do Rev. Robert Lenington, que regressava de uma licença de três anos. Dillwin foi arrolado pelo Presbitério do Rio de Janeiro em agosto de 1876, na capital do império. Não chegou a aprender bem o português. No início de janeiro de 1877, participou de uma semana de oração promovida pelo Rev. George W. Chamberlain na Igreja de São Paulo, especialmente de uma reunião com os “irmãos ingleses”.

Sucedeu o Rev. Emanuel Vanorden na direção da livreria evangélica da Igreja do Rio de Janeiro. Como o seu antecessor, tinha vocação para o comércio e montou uma tipografia onde publicou a *Imprensa Evangélica*. Isso absorvia o seu tempo, prejudicando o seu pastorado na Igreja do Rio. Não tendo tempo para o preparo dos sermões, entregou o púlpito ao Dr. Miguel Vieira Ferreira, que era engenheiro, mas não tinha preparo teológico. Esse presbítero começou a fundamentar o seu ensino em sonhos e visões, alegando receber revelações diretas de Deus. Já no pastorado de James T. Houston, o conselho interveio, suspendendo-o do presbiterato e vedando-lhe o púlpito, ato que foi confirmado pelo presbitério. Desgostoso, em setembro de 1879 o Dr. Miguel retirou-se da igreja com 27 simpatizantes, indo constituir a Igreja Evangélica Brasileira (sobre o Dr. Miguel Vieira Ferreira, ver a última seção deste livro, na parte referente aos leigos destacados). É de autoria do Rev. Hazlett a tradução portuguesa do conhecido hino “Morri na cruz por ti”, publicado pela primeira vez em 1885 (no *Hinário Presbiteriano Novo Cântico* tem o nº 270). Em janeiro de 1879, o seu último ano no Brasil, iniciou uma publicação mensal, *Sermões Evangélicos*, da qual saíram apenas quatro números.

Retornando ao seu país, o Rev. Hazlett fez estudos de pós-graduação no Seminário Teológico de Princeton (1879-1880). Em seguida, exerceu o pastorado em Plum Creek e Overton, Nebraska (1880-1881) e em Rome, Ohio (1882-1885). Trabalhou como missionário em Fernandez de Taos, Novo México (1885-1886). Depois pastoreou igrejas em Asbury, Nova Jersey (1886-1887), Shenandoah, Pensilvânia (1887-1888), e Upper Alton, Illinois (1888-1889). Foi editor assistente do jornal *The Mid-Continent*, em Saint Louis, Missouri (1889-1902). Residiu nessa cidade durante o restante da sua vida, vindo a falecer no dia 3 de março de 1931. Nas fontes, o seu prenome aparece grafado de várias outras maneiras: Dillwyn, Dylwin e Dilwynn.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 145s, 159s, 163.
- Ferreira, *História da IPB*, I:172.
- *General Biographical Catalogue, The Western Theological Seminary of the Presbyterian Church, Pittsburgh, Pensilvânia, 1827-1927.*
- Braga, *Música Sacra Evangélica*, 330.

### **Rev. George Anderson Landes**

#### *Pioneiro presbiteriano em São Paulo, Paraná e Santa Catarina*

George A. Landes nasceu em Milroy, Pensilvânia, aos 17 de fevereiro de 1850. Bacharelou-se no Colégio da Pensilvânia, em Gettysburg, em 1877. Coursou teologia no Seminário de Princeton e foi ordenado pelo Presbitério de Huntingdon em 9 de junho de 1880. Casou-se em setembro com Rebecca M. N. Sheeder e no mês seguinte chegou ao Brasil, permanecendo inicialmente no Rio de Janeiro. Foi arrolado pelo Presbitério do Rio de Janeiro, reunido em São Paulo, no dia 25 de agosto de 1881. Nesse ano, enquanto ainda aprendia a língua, foi estabelecer-se em Botucatu, no então extremo oeste de São Paulo, na fronteira das terras habitadas pelos índios.

Residiu durante quatro anos naquela cidade, época em que nasceu o seu filho Filipe Landes (22 de junho de 1883), que também seria um notável missionário em várias regiões do Brasil. Nesse período, começou a funcionar em Botucatu uma escola evangélica na qual trabalharam inicialmente as missionárias Mary P. Dascomb, Arianna (Nannie) Henderson e Clara E. Hough. No final da sua estadia em Botucatu, o Rev. Landes foi auxiliado na igreja e na escola pelo licenciado João Ribeiro de Carvalho Braga, que o sucederia no pastorado, e por sua esposa Alexandrina Teixeira da Silva Braga. Landes organizou a Igreja de Botucatu no dia 1º de agosto de 1885.

O Paraná foi o principal campo de atividade do Rev. Landes. Antes, já haviam visitado aquela província o Rev. José Manoel da Conceição, o Rev. Alexander L. Blackford (quando agente da Sociedade Bíblica Americana) e o colportor João Antunes de Moura, presbítero de Faxina (Itapeva). Porém, o trabalho regular de evangelização do Paraná foi iniciado em 1884 pelo Rev. Robert Lenington. No final de setembro de 1885, depois da reunião ordinária do Presbitério do Rio de Janeiro, os Revs. Landes e Lenington viajaram por terra de São Paulo a Curitiba, passando por Faxina, Fundão, Tibagi, Ponta Grossa, Palmeira e São Luís, e pregando em todos esses locais. De Curitiba, Landes regressou a São Paulo por mar e Lenington voltou para o interior. Em novembro, Landes mudou-se com a família para Curitiba, campo que iria ficar vago com a próxima retirada do Rev. Lenington, ali chegando no dia 5 de dezembro.

A princípio o trabalho foi muito difícil. Em algumas ocasiões, apenas o missionário e sua família estavam presentes nos cultos. Continuaram, porém, a reunir-se na hora e local marcados (Salão Motzko, na Rua do Rosário). Em março de 1886, o vigário geral forense enviou uma circular aos párocos do estado e publicou-a num dos jornais da capital, dizendo que os ministros protestantes não tinham o direito de pregar aos católicos e que os casamentos que realizavam eram nulos. Esse fato e a subsequente publicação nos jornais de folhetos de controvérsia (“O purgatório” e “Por que o vosso vigário vos proíbe a leitura da Bíblia”, entre outros) despertaram maior interesse pela pregação do missionário.

Em 1886 e 1887, Landes recebeu por algumas vezes a visita do Rev. George W. Chamberlain, pastor da Igreja de São Paulo, que também estava interessado na evangelização do Paraná. Em vários locais os missionários foram objeto de intolerância religiosa, o que, todavia, despertou a atenção do povo para a pregação do evangelho. Landes aproveitou a ocasião para continuar publicando nos jornais diversos artigos de polêmica. Organizou a Igreja Presbiteriana de Curitiba no dia 1º de julho de 1888 e a de Castro em 29 de julho. Esta última recebeu muitos membros da Igreja de Fundão, dissolvida naquela oportunidade, e da Igreja de Tibagi. Poucos meses depois, por motivo de saúde da esposa, Landes seguiu para os Estados Unidos no navio Finance. Foi substituído no campo de Curitiba pelo Rev. Modesto Carvalhosa, que ali permaneceu até 1893 e organizou as Igrejas de Guarapuava e Itaquí, ambas em 1889.

No início de 1890, Landes voltou ao Paraná, trazendo em sua companhia um novo missionário, Thomas Jackson Porter. Reiniciou os seus artigos sobre superstições populares católicas, como as crenças de que José e Maria passaram por certas ruínas de Campo Largo na sua fuga para o Egito e de que um monge de Tibagi era operador de milagres. Em janeiro do ano seguinte, a “Brazil Mission” (entidade dos missionários de Nova York),

reuniu-se em Curitiba e resolveu abrir um internato para moças. A Escola Americana de Curitiba começou a funcionar em 1892, sob a eficiente direção das notáveis educadoras Mary Parker Dascomb e Elmira (Ella) Kuhl, que ali permaneceriam até a sua morte, em 1917. Em 1895, foi inaugurado o magnífico templo da Igreja de Curitiba, defronte à Escola Americana.

Além de Carvalhosa e Porter, outro obreiro que colaborou com o Rev. Landes nesse período foi Roberto Frederico Lenington, filho do pioneiro Robert Lenington. Em 1896, com o crescimento da obra presbiteriana no sul do Brasil, a missão norte-americana dividiu-se em duas: Missão Central (Bahia, Sergipe) e Missão Sul (Rio, São Paulo, Paraná e Santa Catarina). Landes também foi um pioneiro em Santa Catarina. Em 27 de setembro de 1896, recebeu os primeiros professores na cidade litorânea de São Francisco do Sul, próxima de Joinville. Retirou-se de Curitiba em 1898, deixando a igreja com mais de 150 membros ativos sob a liderança do seu primeiro pastor nacional, o recém-ordenado Rev. José Maurício Higgins.

Deixando Curitiba, Landes foi residir no interior do estado. Esteve por breve tempo em Ponta Grossa, indo logo depois pastorear a Igreja de Castro. Com o cisma presbiteriano de 1903, empenhou-se em manter a Igreja de Curitiba fiel ao Sínodo, entrando em atrito com o Rev. Higgins, que havia aderido ao movimento independente. A Igreja de Itaquí, porém, passou para a nova denominação. Landes fez parte do antigo Presbitério do Sul, criado em 1900, tendo como colegas os Revs. Roberto F. Lenington, John B. Kolb e George L. Bickerstaph. Após a reunião do presbitério em 1904, fez longa viagem pelo Paraná e Santa Catarina, visitando Bonfim, Manduri, Guarapuava, Mangueirinha, Palmas, Antas, Xanxerê (colônia militar) e Faxina de Iraí. Na época da organização da Assembléia Geral, em 1910, estava residindo em Florianópolis, de onde visitava todo o litoral e também a cidade de Lages, no planalto catarinense, onde esperava ter logo uma boa congregação. Informou que a viagem até essa cidade levava seis dias, a cavalo ou em diligência. Também visitou as vilas de Campos Novos e Curitibaanos.

O missionário veterano voltou a trabalhar em Ponta Grossa entre maio de 1914 e maio de 1917. Em companhia do Rev. Tancredo M. Costa, organizou a igreja presbiteriana local no dia 18 de julho de 1915. A partir de junho de 1917, residiu por algum tempo no Rio de Janeiro (Engenho Novo), para cuidar dos interesses da Missão Sul. Deixou o Paraná ao aposentar-se, em 1923, e colaborou com o seu filho na evangelização do Mato Grosso, tendo residido em Cuiabá. Mais tarde, seguiu para o Rio de Janeiro, residindo perto da Igreja de Riachuelo, que freqüentou com a família, auxiliando no púlpito. Fez todo o seu trabalho no Brasil, viajando e organizando, sob o peso do terrível flagelo da asma. Em 1927, após quarenta e sete anos de serviços, o Rev. George Landes regressou definitivamente para os Estados Unidos, indo residir em Pasadena, na Califórnia, onde faleceu no dia 30 de dezembro de 1938. Publicou valiosos apontamentos históricos sob o título *A Evangelização do Paraná*.

Retirando-se da arena de evangelização, George Landes deixou um digno sucessor na pessoa do seu filho, o Rev. Filipe S. Landes (1883-1966). A partir de 1911, foi esforçado evangelista no norte de Minas Gerais e depois em Mato Grosso, tanto no norte como no sul. Enquanto o velho pai ficava em Cuiabá, o filho fazia viagens incessantes pelo interior.

Filipe tomou parte na organização das Igrejas de Cuiabá (1920) e Rosário Oeste (1929), entre outras, e foi um pioneiro em Campo Grande (1934), Dourados (1937) e Rondonópolis (1948). Também serviu à Igreja Presbiteriana como professor do Seminário de Campinas. Escreveu uma valiosa biografia do Rev. Ashbel G. Simonton. Era casado com Margaret B. Hall, filha de imigrantes norte-americanos residentes em Santa Bárbara D'Oeste, São Paulo. Uma irmã de Filipe, Maud Landes, fundou em 1916, em Cuiabá, uma escola primária que três anos depois foi transferida para Buriti, na Chapada dos Guimarães. Seu irmão Ray Calder Landes foi arrolado na 2ª Igreja Presbiteriana de São Paulo em 30 de setembro de 1894, e mais tarde na Igreja Unida, seguindo pouco depois para os Estados Unidos.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 188, 199, 293-95, 443.
- Ferreira, *História da IPB*, I:254s, 260-65, 319s, 411, 524-36; II:39-41, 74, 130, 140s, 174s, 208, 365s, 379, 384-87, 406s.
- *The Brazilian Bulletin* (1898), 96.
- George A. Landes, *A Evangelização do Paraná: Apontamentos Históricos*. São Paulo: Casa Eclética, s/d.
- Lenington, “A Partial History of the Work of the South Brazil Mission”.
- “Rev. George Landes”, *O Puritano* (25-01-1939), 2.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1865-1954*.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Rev. George Anderson Landes”, *Brasil Presbiteriano* (Out 1997), 12.

### **Rev. John Byron Cameron**

#### *Missionário na Bahia*

John B. Cameron nasceu em Keith, na Escócia, em 1º de outubro de 1855. Temudo Lessa afirma que o seu nascimento foi em 1848. Bacharelou-se no Colégio Marietta, no Estado de Ohio, em 1878, e fez o curso de teologia no Seminário Teológico Lane, em Cincinnati, no mesmo estado (1878-1881). Foi ordenado pelo Presbitério de Lansing em abril de 1881. Enviado pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova York, chegou ao Brasil em setembro de 1881, acompanhado da esposa, Jessie Luce. O casal estabeleceu-se na Bahia, ali permanecendo apenas dois anos. Segundo o primeiro livro de atas da Igreja de Salvador, no dia 5 de março de 1882 o Rev. Cameron batizou a menina Hattie Gaston Blackford, filha do Rev. Alexander L. Blackford (nascida em 21 de dezembro de 1881). Por sua vez, em 4 de março de 1883, Blackford batizou um filho de Cameron, Ernest, nascido em 24 de março de 1882. O casal regressou em 1883 aos Estados Unidos, onde o Rev. Cameron exerceu o ministério em Trinidad, Colorado (1884-1896), Ida Grove, Iowa (1896-1897), Mount Pleasant, Iowa, e outros locais. Faleceu em 1931.

O Rev. Cameron provavelmente era parente de John Byron Cameron Donald, um escocês que veio para a Bahia no final do século 19 acompanhado da esposa Mary Elizabeth e dos filhos Joseph e Walter. Joseph Cameron Donald (Joe) veio a ser membro da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro com seus filhos Edwin e Colin. Walter Cameron Donald

(1883-1967) desejou seguir o ministério. Indo para os Estados Unidos, estudou no Seminário de Princeton, mas numa viagem ao Brasil sofreu um grave acidente de cavalo em Sergipe e teve de abandonar os planos ministeriais. Foi presbítero da Igreja de Aracaju e professor de inglês no Ateneu Sergipense. Era casado com Francisca Reis Donald. Foram pais do Rev. Walter Reis Donald, nascido em Salvador em 6 de junho de 1922, que se casou em 1949 com Ivonete Santos Donald, nascida em 1928 em Frei Paulo, Sergipe. Walter foi funcionário da Caixa Econômica Federal e inicialmente serviu à igreja como presbítero e pregador leigo. Tendo em vista as suas qualificações, o Presbitério de Sergipe o ordenou ao ministério em 24 de maio de 1964, mesmo sem ele ter cursado teologia. O casal tem duas filhas: Ilma Donald Pereira e Ilza Donald Oliveira.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 200s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:237.
- *Lane Theological Seminary, General Catalogue, 1829-1899* (Cincinnati, Ohio, 1899).
- Segundo Livro das Atas da Igreja Presbiteriana da Bahia (1885-1904).
- Vilas-Bôas, “Origens da Educação Protestante em Sergipe”, 129.
- Entrevista com D. Ivonete Santos Donald (14-05-2003).

### **Rev. John Merrill Kyle**

*Pastor em Nova Friburgo e grande incentivador da literatura evangélica*

John M. Kyle nasceu no dia 19 de maio de 1856, em Cedarville, Ohio, sendo seus pais James e Maria Jane (Tarbox) Kyle. Professou a fé na Igreja Presbiteriana Unida local aos dezessete anos. Fez os estudos preparatórios no Ginásio de Cedarville e na Academia Smith, em Xenia. Bacharelou-se em letras no Wooster College, no mesmo estado, em 1877. Estudou por um ano no Seminário Teológico de Princeton (1877-1878) e depois no Seminário Teológico Western, em Allegheny, onde se formou em 1880. Foi licenciado pelo Presbitério de Dayton em 10 de abril de 1879 e ordenado pelo Presbitério de Wooster em 5 de outubro de 1880, sendo na ocasião instalada como pastor da Igreja de Fredericksburg. Após dois anos de experiência pastoral em Fredericksburg e Holmesville, no seu estado, apresentou-se em julho de 1882 à Junta de Missões Estrangeiras, em Nova York, que lhe designou o Rio de Janeiro como campo de atividade.

Casou-se no dia 30 de agosto de 1882 com Orra Ellen Martin, em Fredericksburg, e deixou o seu país em dezembro, chegando ao Rio no dia 5 de janeiro de 1883. Na época, pastoreava a igreja local o Rev. Antônio Bandeira Trajano. O único missionário que o auxiliava era James Theodore Houston. Retirando-se este em agosto de 1885, foi substituído por Kyle, que exerceu as funções de tesoureiro da missão e gerente da livraria evangélica. Em 23 de agosto de 1885, participou ao lado do Rev. Trajano da organização da 2ª Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Além da capital, Kyle pregou em Niterói, Petrópolis, Resende, Embaú (Cruzeiro), Barra Mansa e Ubatuba. Participou da organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, no dia 6 de setembro de 1888. No final da sua estadia no Rio, foi redator da *Imprensa Evangélica* (outubro de 1889 a junho de 1890). No

primeiro semestre de 1890, Kyle fez uma longa excursão por Minas Gerais, na companhia de um missionário recém-chegado, James B. Rodgers. Visitaram Petrópolis, São João Del Rei, Barbacena, Ouro Preto e Mariana, e colheram assinaturas para a *Imprensa Evangélica*. O Rev. Trajano disse que ele foi um dos missionários mais úteis que vieram ao Brasil e o que melhor cultivou a língua portuguesa.

Kyle e a família foram para os Estados Unidos em junho de 1890, seguindo para Fredericksburg, Ohio, e regressaram ao Brasil um ano depois. Em outubro de 1891, fixou residência em Nova Friburgo, que havia visitado pela primeira vez em 1888, pregando no templo da antiga Igreja Luterana daquela cidade. Iria permanecer em Nova Friburgo por dezesseis anos. O missionário presbiteriano e o pastor luterano local, João Gaspar Meyer (1828-1906), tornaram-se muito amigos. Já idoso e impossibilitado de atender a todos os deveres do seu cargo, Meyer chegou a entregar ao Rev. Kyle, em uma reunião solene, a direção da Igreja Luterana. Em companhia do Rev. Álvaro Reis, Kyle organizou a Igreja de Nova Friburgo no dia 21 de setembro de 1898. Entre os primeiros membros estavam o prof. Antônio Francisco de Menezes Wanderley e o futuro pastor Henrique Louro de Carvalho (1876-1956). Durante o seu longo pastorado em Friburgo, Kyle fez muitas viagens aos municípios vizinhos e pastoreou a Igreja de Campos. Ele foi um pioneiro presbiteriano nos municípios fluminenses de Bom Jardim, Cantagalo e Sumidouro.

O Rev. Kyle foi um dos poucos missionários da Igreja do Norte que apoiaram os planos do Sínodo quanto ao Seminário Presbiteriano. Criado pelo Sínodo em 1888, o Seminário começou a funcionar em Nova Friburgo no dia 15 de novembro de 1892, sob a direção do Rev. John Rockwell Smith. Auxiliavam-no João Gaspar Meyer e o próprio Kyle, que lecionou História do Velho Testamento. Os estudantes eram Alberto Meyer (filho do pastor luterano), Franklin do Nascimento, Manoel Alfredo Guimarães e, posteriormente, Vicente Temudo Lessa. No mesmo ano, o Wooster College conferiu a Kyle o grau de Doutor em Divindade (D.D.). Kyle era membro da diretoria do seminário e foi o primeiro presidente da mesma. Ele tinha a seu cargo diversas congregações e pontos de pregação em estações vizinhas da Estrada de Ferro Leopoldina, no que era auxiliado pelos seminaristas. Por decisão do Sínodo de 1894, o seminário transferiu-se para São Paulo em fevereiro de 1895. Em 16 de maio de 1897, quando o Rev. Álvaro Reis assumiu o pastorado da Igreja do Rio de Janeiro, Kyle presidiu a cerimônia e fez o discurso alusivo.

Uma das mais importantes contribuições do Rev. John Kyle foi o início da obra presbiteriana no leste de Minas Gerais. No início de julho de 1897, ano em que seria eleito moderador do Sínodo, Kyle visitou o povoado de Alto Jequitibá (atual Presidente Soares), no município de Manhuaçu, a convite de Francisco Eller (1877-1973), um descendente dos luteranos de Nova Friburgo. Em outubro do mesmo ano foi concluída uma “casa de oração” pelo pai de Francisco, Henrique Eller. Após uma viagem aos Estados Unidos por dez meses em 1899-1900, Kyle providenciou um obreiro para a nova congregação na pessoa do licenciado Matatias Gomes dos Santos, que chegou a Alto Jequitibá no dia 4 de julho de 1901. A Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá, a primeira do Leste de Minas, foi organizada pelos Revs. Matatias e Álvaro Reis no dia 9 de março de 1902. Pouco antes, em 4 de dezembro de 1901, Kyle e Álvaro Reis haviam organizado a Igreja de Barra Alegre, no Estado do Rio.

No Sínodo de 1897, do qual foi eleito moderador, Kyle foi o único missionário da Igreja do Norte a assinar a “Moção Smith”, que solicitou às igrejas-mães norte-americanas um maior apoio para a evangelização direta. No Sínodo de julho de 1903, em que ocorreu a divisão da igreja, ele surpreendeu a todos apresentando uma proposta irônica acerca dos planos do Rev. Eduardo Carlos Pereira e seus simpatizantes. Reconhecendo o erro, desculpou-se e retirou a proposta. Nos debates, apesar de não ser maçom, defendeu a maçonaria sob o ponto de vista da liberdade de consciência. Para ele, essa era uma questão secundária. Ao mesmo tempo, com seu espírito pacificador, lutou para evitar a cisão, chegando a reunir-se em separado com a minoria dissidente. Curiosamente, na reunião seguinte do Sínodo, três anos depois, mediante proposta de Kyle foi nomeada uma comissão para estudar a união dos presbiterianos com os metodistas.

Em abril de 1907, o missionário foi passar suas férias em Xenia, Ohio. Dois anos depois, foi forçado a desistir do trabalho no exterior por razões de saúde e fixou residência em Harrisburg, na Pensilvânia. Logo depois, passou a trabalhar entre os imigrantes portugueses em Lowell, Massachusetts, sob os auspícios da junta de missões da Igreja Congregacional. Residiu em Lowell até a sua morte no dia 1º de julho de 1918, devido a problemas cardíacos, contando 63 anos de idade. Sua esposa havia falecido alguns anos antes, em 5 de janeiro de 1912. Kyle casou-se novamente em 19 de junho de 1913, em West Wareham, Massachusetts, com Mary C. Beaton.

O Rev. Kyle prestou um grande serviço à literatura evangélica no Brasil. Escreveu amplamente em jornais e revistas. Publicou e traduziu livros e promoveu a tradução de várias obras, tais como a *Confissão de Fé* e os *Catecismos de Westminster*, o *Comentário do Evangelho de São Marcos* (J. C. Ryle), *Princípios da Interpretação Bíblica* (E. P. Barrows), *Compêndio de Doutrina* (Francis L. Patton) e *A Igreja* (William Binney). Estes dois últimos, traduzidos pelo Rev. Modesto Carvalhosa, foram enfeixados em um volume publicado em Lisboa em 1909, “por ocasião do 50º aniversário do trabalho presbiteriano no Brasil”. Kyle também militou no jornalismo, não só na *Imprensa Evangélica*, como na *Revista Popular* e em outros periódicos. Entre seus trabalhos de compilação estão *Raios de Luz*, *Vultos e Doutrinas*, *Doutrina da Escritura Acerca do Batismo* e *Ensaio Religiosos*.

Cooperou na comissão interdenominacional da “Tradução Brasileira” das Escrituras, preparada de 1904 a 1914 e publicada em 1917. Como bibliófilo, ofertou muitas obras à biblioteca do Seminário Presbiteriano, do qual era muito amigo, inclusive depois de retornar aos Estados Unidos. Desde 1925 a biblioteca do Seminário de Campinas tem o seu nome. Os seminaristas do seu tempo também foram presenteados por ele com bons livros. Seu último trabalho foi uma conferência sobre Martinho Lutero proferida no dia 31 de outubro de 1917 (400º aniversário da Reforma) em uma reunião da Associação das Igrejas e Ministros de Andover, Massachusetts, realizada na South Congregational Church.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 212s, 560s, 589, 662s, 667, 670s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:240, 308-310, 369, 421, 481, 483-86, 572s, 576-78; II:51s, 83, 176, 191, 284, 346.
- *The Foreign Missionary*: Jan 1884, p. 329s; Ago 1884, p. 104-106.

- Chiquita Pereira Clark, “Mrs. Kyle”, *O Puritano* (14-03-1912), 3.
- John M. Kyle, “Martin Luther”, Folhetos Evangélicos, Vol. 43, Coleção Temudo Lessa.
- *The Princeton Theological Seminary Bulletin, Necrological Report* (Ago 1919), 610s.
- *Atas da Assembléia Geral* (1920), p. 116-121 (Herculano Gouvêa).
- *General Biographical Catalogue, The Western Theological Seminary of the Presbyterian Church, Pittsburgh, Pensilvânia, 1827-1927.*
- Matatias Gomes dos Santos, “Memórias”, *O Puritano* (10-05-1940).
- “Alberto Meyer”, *O Puritano* (25-03-1940), 2.
- Mário Neves. *Meio Século*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1955.
- Roberto Gripp e outros. *História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1991.
- Carlos R. Caldas Filho. *Fé e Café: Um Estudo do Crescimento do Presbiterianismo no Leste de Minas Gerais de 1919 a 1989*. Manhumirim: Didaquê, 1999.

### **Rev. John Benjamin Kolb**

*Dedicado evangelista no nordeste, sudeste e sul do Brasil*

John B. Kolb foi um dos mais dinâmicos missionários da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (a Igreja do Norte) a trabalharem no Brasil. Nasceu em Tamaqua, na Pensilvânia, no dia 6 de dezembro de 1850. Bacharelou-se em letras no Lafayette College, em Easton, no seu estado. Tornou-se membro da Igreja Presbiteriana de Easton em 1880. Formou-se em teologia no Seminário de Princeton em 1884, sendo ordenado em 10 de junho do mesmo ano pelo Presbitério de Lehigh. Kolb chegou à Bahia em setembro de 1884, servindo inicialmente por dois anos em Salvador. No dia 3 de dezembro de 1884, casou-se com Keziah Brevard Gaston (1857-1940), filha do Dr. James McFadden Gaston, um médico norte-americano que residiu por alguns anos na região de Campinas e foi presbítero da Igreja de Santa Bárbara ou “Hopewell Church”, dos imigrantes norte-americanos. Keziah nasceu na Carolina do Sul e veio para o Brasil com nove anos. Era irmã de Nannie, a segunda esposa do Rev. Alexander L. Blackford. Tinham um irmão que era médico como o pai.

Após a sua estadia em Salvador, Kolb atuou por seis anos em Laranjeiras, Sergipe (1886-1892), à época o maior centro comercial do estado. O campo até então vinha recebendo a assistência do Rev. Blackford, residente em Salvador, que organizara a Igreja Presbiteriana de Laranjeiras, a primeira de Sergipe, no dia 28 de dezembro de 1884. A organização ocorreu na residência do comerciante Manoel Antônio dos Santos David, tendo professado a fé e recebido o batismo o próprio Manoel, sua esposa Emília, dois filhos do casal (Emília e David) e Herculano Alves Café. Também foram batizados quatro filhos menores do casal David e foi celebrada pela primeira vez a Ceia do Senhor. Kolb fundou a Escola Americana (1886), possivelmente a primeira escola evangélica do Nordeste, e deu assistência aos pontos de pregação iniciados por Blackford em Itabaiana, Caraíbas (povoado de Lagarto), São Paulo (atual Frei Paulo), Maruim e Aracaju, bem como abriu um trabalho em Estância. Visitou extensamente o interior do estado, fazendo viagens, quase sempre a cavalo, que às vezes cobriam mais de 600 km. Em 1888, fez uma dessas excursões, passando por Caraíbas, Dores, Pão de Açúcar, São Brás, Curral da Pedra, Propriá e Capela. Laranjeiras

era uma das cidades mais prósperas do estado, com um comércio muito ativo, sendo o ponto estratégico para incursões pelo interior. Comunicava-se com a capital pelo rio Cotinguiba, que deságua no estuário do rio Sergipe. Kolb foi o primeiro pastor evangélico a residir em Sergipe, tendo sido enviado para esse estado pelo Presbitério do Rio de Janeiro, que recebera um grande abaixo-assinado de interessados pedindo um obreiro residente.

Como ocorreu em tantos outros lugares, a entrada do protestantismo em Laranjeiras despertou fortes reações católicas. Segundo o livro de tombo da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, no dia 17 de novembro de 1887 dois capuchinhos levantaram uma grande cruz num outeiro da cidade. Nessa ocasião, diante de imensa multidão, houve uma queima de livros, escritos e Bíblias protestantes, “como manifestação de fé e protesto pela invasão da nova seita presbiteriana. As colunas de fogo que subiam aos céus simbolizavam a fé ardente de um povo. Entre vivas, aclamações e o Hino Nacional, executado pela banda de música policial, encerrou-se este ato, que deu lugar à edificação da Igreja do Senhor dos Navegantes, inaugurada em 1908”. Apesar das controvérsias religiosas, Kolb participou da vida cultural da cidade, tornando-se sócio do Clube Democrático, ao lado de membros destacados da comunidade, e contribuiu para a organização do Gabinete de Leitura de Laranjeiras. Em 2 de abril de 1892, com a presença do Rev. Woodward Finley, o missionário inaugurou um templo no povoado de Lavandeiras (na época São Cristóvão), ocasião em que oito crentes professaram a fé. O terreno foi oferecido por Manuel do Espírito Santo e sua esposa Joana do Coração de Jesus e a construção foi financiada pelo coronel Luiz Francisco Cardoso de Menezes.

Um histórico da Igreja Presbiteriana de Aracaju informa que durante a estadia de Kolb em Sergipe aconteceu um incidente bastante inusitado. O missionário procurou o então presidente da província, capitão José Calazans, para solicitar um salão público onde pudesse pregar na capital, pois não pudera encontrar um espaço disponível em alguma residência particular. Apelou ao espírito liberal do presidente e saiu do salão de audiências com a promessa de atendimento do seu pedido. O capitão Calazans convocou o diretor da Instrução Pública, um ilustre sacerdote católico, e mostrou o desejo de atender à solicitação do pastor protestante, observando que esse gesto, além de ser uma demonstração de nobreza para com um ilustre representante da grande nação americana, não feria o texto da Constituição quanto à liberdade religiosa. O padre inicialmente concordou, sendo escolhido um dos salões do Ateneu Sergipense, e a decisão foi comunicada ao missionário. Antes de anoitecer, o padre compareceu ao palácio para dizer ao presidente que se arrependera, que o empréstimo do salão seria uma atitude incoerente da sua parte. Calazans argumentou que a sua palavra já fora empenhada e não era possível retroceder. Diante da posição irredutível do sacerdote, o presidente o demitiu e mandou abrir o salão para a pregação do evangelho.

O Rev. Kolb esteve de férias na pátria por alguns meses em 1892-1893. No final de 1893 retornou para a cidade de Salvador, onde o veterano George W. Chamberlain estava trabalhando desde o ano anterior. Kolb fundou uma escola, o Colégio Americano, precursor do Colégio 2 de Julho, fundado em 1928. Enviava matérias para o periódico *Brazilian Missions*. Tornou-se amigo do ilustre intelectual e homem público Rui Barbosa. Revezou-se com Chamberlain evangelizando também o interior do estado. Em maio de 1898, visitou a localidade de Bananeira, no município de Campo Formoso. No dia 22, após terminar o sermão, ia dar início à celebração da Santa Ceia quando a casa foi invadida e apedrejada

por uma multidão calculada em mais de trezentas pessoas. No dia seguinte, várias pessoas fizeram profissão de fé. Desse lugar saíram vários pastores, como o Rev. Manoel Antônio da Silva, um dos primeiros ministros ordenados na Bahia. Devido a problemas de saúde, Kolb retirou-se desse campo da Missão Brasil Central em 1900, passando algum tempo no Estado do Rio e na cidade de São Paulo. Em São Paulo, foi professor do Seminário Presbiteriano e capelão do Mackenzie College.

Depois de novas férias nos Estados Unidos (1901-1902), em 5 de outubro de 1902 os Kolb foram residir na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, cuja igreja presbiteriana havia sido organizada recentemente. No ano seguinte, em 28 de março, o missionário fundou uma escola evangélica que em 1904 tinha três professoras e mais de oitenta alunos. Eram seus colegas no Presbitério do Sul os Revs. George A. Landes, Roberto F. Lenington e George L. Bickerstaph. Em 1906, Kolb mudou-se para o Paraná, onde permaneceu durante quase todo o restante da sua carreira. Suas viagens evangelísticas levaram-no a percorrer todos os anos mais de 3000 km, a maior parte a cavalo. Residiu a partir de 1907 na então longínqua cidade de Guarapuava, cuja igreja presbiteriana havia sido organizada em 1889. No dia 27 de abril de 1907 foi inaugurado o templo daquela igreja. Por muitos anos, a classe de homens da escola dominical da Igreja Presbiteriana de Guarapuava teve o nome do missionário: “Classe Rev. Kolb”. Seu grande retrato estava em uma das paredes daquela igreja. Após retornar com a família de um período de férias nos Estados Unidos (setembro de 1912), foi residir em Campos, no Estado do Rio, de abril a outubro de 1913, trabalhando ao lado do Rev. Samuel Barbosa. A seguir voltou ao Paraná, ficando à frente da congregação de Ponta Grossa até maio de 1914.

Seu colega mais jovem, Roberto Frederico Lenington, deixou um belo depoimento acerca desse valoroso missionário ao escrever sobre a história da Missão do Sul do Brasil. Por quase quinze anos (1906-1920), o Rev. Kolb deu-se sem descanso à evangelização do interior do Paraná. Levantou-se muitas vezes do leito de enfermidade para longas cavalgadas de 45 a 60 km, cada dia, durante a semana toda, pregando todas as noites. As escolas de Guarapuava e Morro Alto, nas quais ensinavam suas filhas com boa vontade e competência, alargaram e aprofundaram a influência de suas vidas. Em 1921, voltando de uma jornada que se verificou ser a última, durante a qual precisou ser retirado do cavalo muitas vezes, o velho Kolb teve de dar por encerrada a carreira evangelística de 37 anos através da Bahia, Sergipe, Rio, Santa Catarina e Paraná. Faleceu no dia 13 de janeiro de 1921, na cidade de Ponta Grossa, onde havia chegado para o seu último pastorado em maio do ano anterior. Alguns meses depois, seus familiares mudaram-se para São Paulo. Dona Keziah (mais conhecida como Isabel) faleceu nessa capital em 17 de dezembro de 1940, aos 83 anos.

Outro colega mais jovem, o Rev. Ashmun C. Salley, referiu-se a John Kolb, George Landes e Roberto Frederico Lenington como três mestres esplêndidos, que “não poderão calcular como nos ensinaram a amar, a construir, a pregar”. Fez então estas preciosas observações: “Calmamente, a cada dia, o Rev. Kolb visitava o seu rebanho. Pondo no bolso do paletó seu pequeno Novo Testamento e o hinário, lá se ia ele de casa em casa. As crianças vinham cercá-lo, rindo e tagarelando. E então, tão naturalmente como o sol se ergue, o Rev. Kolb poderia dizer: ‘Vamos cantar ou vamos ler?’ Uma sensação de paz descia sobre os lares humildes, à medida que ele cantava ou que contava a sempre nova História. Corações se

erguiam, através das vozes, nos hinos. O amor de Deus derramado por aqueles por quem Cristo morreu estava ali presente e, com o missionário, caminhava de casa em casa, de vila em vila”.

Vários filhos do casal Kolb estudaram na Escola Americana e no Mackenzie College e residiram por muito tempo em São Paulo: Nannie (1887-1955), Ida Eloise (1890-1959), Grace Pinkerton (1891-1974), John Benjamin (1893-1980), Izzie Margaret (1894-1984), Ruth Dorothy (1896-1974) e Ann Mary (1900-1977). A filha Susan Mary morreu com menos de um ano em 1889. Todos foram sepultados no Cemitério dos Protestantes. Dois outros filhos, Frederick (n. 1885) e George (n. 1886), foram para os Estados Unidos nos primeiros anos do século vinte. Fred morreu jovem e George viveu muitos anos em Indianápolis, onde trabalhou como químico na indústria de alimentos Stokley's. Quatro filhas (Nannie, Ida, Grace e Ann Mary) lecionaram no Mackenzie. Grace era professora de piano e foi particularmente atuante na área religiosa, tanto no Mackenzie College, onde colaborou com a escola dominical ali existente e fundou o “Clube da Boa Vontade”, quanto na Igreja Unida, que teve sua constante participação nas atividades musicais e educacionais. Também foi presidente da Sociedade de Senhoras na década de 1930.

Ida Eloise lecionou por muitos anos na Escola Americana de Curitiba (1910-1929), da qual também foi a última diretora (1929-1934). Retornando a São Paulo, dirigiu o Internato Feminino do Mackenzie e a Escola Americana. No bairro da Casa Verde, em São Paulo, existe a Avenida Professora Ida Kolb. Ruth foi professora de português na São Paulo Graded School por cinquenta anos. Nannie e Izzie (Bela) foram respectivamente a segunda e a terceira esposas do Dr. Benjamin Harris Hunnicutt (1886-1962). Natural da Geórgia, Hunnicutt formou-se em agronomia e veio em 1907 para Lavras, onde organizou a Escola de Agricultura do Instituto Gammon. Sua primeira esposa foi Gladys Allyn, filha do Rev. Horace S. Allyn. Em 1933, o Dr. Hunnicutt foi para São Paulo, tendo ocupado a presidência do Mackenzie até 1951.

John Benjamin Kolb (“Júnior”) nasceu em Atlanta em 5 de julho de 1893 e professou a fé aos catorze anos (1907) em Guarapuava, no Paraná. Casou-se com Willielee Scurlock Kolb (1894-1963). Era engenheiro civil e eletricitista formado pelo Mackenzie, mas trabalhou como vendedor de máquinas agrícolas (John Deere). Foi por muitos anos diácono e presbítero da Igreja Unida de São Paulo, onde colocou em ordem as finanças, promoveu companhias e liderou a compra da propriedade do Jardim das Oliveiras, na Alameda Jaú, região da Avenida Paulista, onde o primeiro culto foi realizado em 1951. Essa propriedade destinava-se a ser um local para reuniões de evangelização e avivamento. Em 1972, passou a sediar a Igreja Presbiteriana do Jardim das Oliveiras, fundada por um grupo dissidente liderado pelo Rev. José Borges dos Santos Júnior. John Benjamin mudou-se para Nova Odessa em 1956 e iniciou em sua casa uma reunião semanal de oração que foi mantida ininterruptamente por mais de vinte anos, chegando o número de reuniões a mais de mil. Faleceu aos 87 anos no dia 22 de outubro de 1980. Seu filho com o mesmo nome, nascido em 21 de dezembro de 1930, é médico anestesista na capital paulista, tendo se formado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. É casado com Marília de Camargo Kolb e tem três filhos: John B. Kolb Jr., Laura Beatriz e Grace Eloise. O Dr. Kolb é membro há muitos anos da Igreja do Jardim das Oliveiras, na qual recentemente foi eleito presbítero pela segunda vez (08-12-2002).

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 200, 237, 263.
- Ferreira, *História da IPB*, I:237s, 307s, 469-72, 534; II:74, 130, 200s, 378, 380.
- *The Foreign Missionary*: Jul 1886, p. 86s; Ago 1886, p. 133.
- *Relatório da Igreja Presbiteriana Unida em 1903*, Coleção Temudo Lessa, Vol. 44.
- Segundo Livro das Atas da Igreja Presbiteriana da Bahia (1885-1904).
- Nota sobre retorno dos Estados Unidos, *O Puritano* (12-09-1912), 7.
- Roberto Frederico Lenington, “Rev. J. B. Kolb”, *Revista das Missões Nacionais* (Maio 1921), 10.
- “I Livro de Atas da Sessão da Igreja Presbiteriana de Guarapuava” (1889-1927).
- João Teles de Souza, *Cinqüenta Anos de Evangelismo: Histórico da Igreja Presbiteriana de Aracaju* (Aracaju, 1951).
- Adiron Ribeiro, “Dona Nannie Kolb Hunnicutt”, *O Puritano* (10-10-1955), 4.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1865-1954*.
- McIntire, *Portrait*, 7/68.
- “Milésima Reunião de Oração”, *Jornal Presbiteriano* (Setembro de 1976), 1.
- Octacílio Alcântara, “Perseguições religiosas na Bahia”, *Brasil Presbiteriano* (Junho 1982), 4.
- Magalhães, *Cemitério dos Protestantes*, 95, 106s, 109, 112.
- Samuel Kerr. *A História da Atividade Musical na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo*. São Paulo: Edicon, 2000.
- Olivetti, *Na Esteira dos Passos de Deus*, 69, 131, 144.
- Ester Fraga Vilas-Bôas, “Origens da Educação Protestante em Sergipe (1884-1913)”, dissertação, Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe (2000), 65-67.
- Abreu, “Escola Americana de Curitiba”, 65s, 71.

**Rev. Donald Campbell McLaren**

*Professor de teologia e segundo presidente do Mackenzie*

Donald McLaren nasceu em Tennent, Nova Jersey, no dia 13 de julho de 1859. Estudou no Colégio de Nova Jersey, em Princeton, formando-se em 1879. Graduiu-se em teologia no Seminário Teológico de Princeton em 1884, tendo sido professor substituto de grego e assistente de hebraico em 1884 e 1885. Foi ordenado pelo Presbitério de Monmouth em 14 de janeiro de 1885, sendo enviado ao Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova York a fim de lecionar teologia na Escola Americana. Chegou solteiro, vindo a casar-se muitos anos depois, nos Estados Unidos.

McLaren interessou-se pelo Brasil através de uma exposição feita pelo Rev. George W. Chamberlain no Seminário de Princeton, em uma de suas viagens aos Estados Unidos. Chegou ao Brasil em 14 de agosto de 1885, sendo arrolado pelo Presbitério do Rio de Janeiro no mesmo ano, em Sorocaba. Esteve por um ano em Campanha, Minas Gerais,

aprendendo o idioma com o Rev. Eduardo Carlos Pereira, tornando-se ambos muito amigos. Depois estudou em Embaú (Cruzeiro) com Benedito Ferraz de Campos, ao qual deu aulas de várias matérias teológicas. Colaborou naquele campo missionário, tendo trabalhado em Cruzeiro e Lorena, bem como em Itanhaém e outros pontos do litoral. No início de 1890, o missionário episcopal James Watson Morris, que também estudou a língua portuguesa com o Rev. Benedito F. Campos, daria seu testemunho sobre o apreço que os crentes da região sentiam pelo Rev. McLaren e de como desejavam ter notícias dele.

Vindo para São Paulo, McLaren assumiu a direção do curso teológico oferecido na Escola Americana, agora conhecida como Colégio Protestante, o futuro Mackenzie College. No catálogo da escola referente a 1885, ele e Chamberlain constam como responsáveis pelo “Curso Superior”. Cooperou na educação de estudantes e candidatos ao ministério como Benedito Ferraz de Campos, Bento Ferraz, Guilherme da Costa, Henrique Vogel e outros, e foi redator da *Imprensa Evangélica*. No dia 22 de agosto de 1888, presidiu a assembléia na qual a Igreja de São Paulo elegeu o Rev. Eduardo C. Pereira como seu pastor efetivo e dois meses depois fez parte da comissão de instalação.

O Rev. McLaren participou da criação do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, no dia 6 de setembro de 1888. Fez parte da comissão encarregada de dar um parecer sobre a criação do Seminário Presbiteriano e integrou a primeira comissão permanente do Plano de Missões Nacionais. Ao invés dele, que viera ao Brasil para lecionar teologia, o Sínodo escolheu para professor do futuro Seminário o Rev. Alexander L. Blackford. Por problemas de saúde, segundo alguns agravados pelas discussões em torno da criação do Seminário, McLaren retornou aos Estados Unidos em 1889. Deixou o Brasil em 6 de abril, seguindo inicialmente para Londres, onde ficou internado por algum tempo. Foi substituído no ano seguinte pelo Rev. William A. Waddell. Nos Estados Unidos, fez parte da Junta de Curadores do Mackenzie College. Durante muitos anos, foi responsável pelo valioso periódico *Brazilian Missions*, fundado em 1888, que era editado pelo Dr. Horace Lane em São Paulo e publicado em Nova York.

No seu país, McLaren foi professor no Instituto Politécnico do Brooklyn (1896-1899) e na cidade de Nova York (1899-1912). Casou-se em 30 de junho de 1904, em Nova York, com Bessie S. Higgons, que conhecera quinze anos antes, logo que voltara do Brasil. Em 1910, recebeu a visita do Rev. Álvaro Reis, recém-eleito moderador da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, e lhe serviu de intérprete em suas saudações a diversos auditórios. McLaren esteve pela segunda vez no Brasil de 1912 a 1914, sucedendo o Dr. Horace Manley Lane na presidência do Mackenzie, até ser substituído pelo Dr. William A. Waddell. No dia 23 de setembro de 1913 participou, na companhia de Matatias Gomes dos Santos, Filipe Landes e outros pastores, da comemoração do jubileu de prata do pastorado de Eduardo Carlos Pereira na Igreja Presbiteriana de São Paulo. Devido aos problemas legais da administração do Mackenzie e às novas exigências do governo brasileiro, a saúde de McLaren novamente foi prejudicada e ele regressou aos Estados Unidos a conselho médico. De 1915 a 1918, voltou a lecionar em Nova York.

Em dezembro de 1918, o Rev. McLaren veio pela terceira vez ao Brasil, sendo enviado pela Comissão de Cooperação na América Latina para cooperar com o Seminário Unido, no Rio de Janeiro, do qual foi um dos fundadores e dirigentes. Em abril do ano seguinte, alguns

alunos já estavam estudando, sendo que um deles era procedente do Instituto Evangélico de Lavras. McLaren era o único professor de tempo integral, mas regressou aos Estados Unidos em 1920. Em 1925, veio ao Brasil pela última vez, a fim de lecionar novamente no Seminário Unido (grego, hebraico e exegese), retirando-se definitivamente em dezembro do ano seguinte. Em 1927, McLaren recebeu o grau de Doutor em Divindade da Universidade de Nova York. Faleceu em New Rochelle, nas proximidades de Nova York, no dia 24 de outubro de 1930. Nas atuais obras de restauração do edifício inicial da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que irá sediar o centro histórico da instituição, foram encontradas várias cartas recebidas por McLaren, perfeitamente preservadas sob uma camada de serragem.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 180b (foto), 253s, 696.
- Ferreira, *História da IPB*, I:243, 293, 314, 338s, 349, 409; II:126, 138s, 241, 272.
- *The Foreign Missionary*: Nov 1885, p. 250-53; Jun 1886, p. 37.
- *Brazilian Missions* (Fevereiro 1890), 15-16.
- “Carta de Donald C. McLaren a Horace M. Lane”, 25-05-1904, Arquivo Fred Lane.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1865-1954*.
- Garcez, *Mackenzie*, 147.

### **Dr. Horace Manley Lane**

*Médico e educador, fundador e primeiro presidente do Mackenzie College*

Horace M. Lane nasceu no dia 29 de julho de 1837 em Readfield, Estado do Maine, Nova Inglaterra. Seus pais foram o coronel Rufus King Lane e Electa Davies Lane. Teve uma infância saudável, com muita atividade física, e logo que aprendeu a ler o pai lhe deu a tarefa de conhecer a Bíblia e a vida de Washington. Veio para o Brasil bem jovem, no início de 1859, e logo em seguida passou a lecionar no colégio do afamado educador João Kopke, em Petrópolis, onde ensinou inglês e matemática. Essa experiência revelou a sua verdadeira vocação. Mais tarde, foi para São Paulo, onde trabalhou em vários estabelecimentos de ensino, como o colégio dos beneditinos. Conheceu o futuro Rev. George W. Chamberlain logo que este chegou ao Rio de Janeiro em 1862. No dia 28 de março de 1863, em Worcester, Massachusetts, casou-se com Ellen Maria Williams, nascida naquela cidade em 16 de janeiro de 1838. No mesmo ano (1863), foi companheiro de viagem do Rev. Ashbel Green Simonton, quando este retornava ao Brasil recém-casado com Helen Murdoch.

Lane também se dedicou ao comércio em Ouro Preto, onde introduziu a iluminação a querosene, e no Rio de Janeiro. Em ambos os lugares, teve sérios prejuízos financeiros devido a um incêndio e à desonestidade de um sócio, respectivamente. Em três outras ocasiões sofreu grandes perdas, mas não esmoreceu devido à sua grande coragem e determinação. Esteve na Europa, onde se inteirou dos mais avançados recursos pedagógicos. Em 1870, regressou aos Estados Unidos com a esposa e cinco filhos. Formou-se em medicina em 1876 e passou a clinicar em Smithfield, uma pequena cidade no

Condado de Jasper, Estado de Missouri. O casal teve outros três filhos e Ellen veio a falecer em 14 de janeiro de 1879, em Spring River, durante uma epidemia de gripe. Lane não mais se casou. Foi presidente da Sociedade Médica do Condado de Jasper (1881-1882) e secretário da Sociedade Médica do Sudoeste do Missouri (1883-1884). Por dois anos, foi redator-chefe do periódico de higiene popular “Health at Home” (Saúde no Lar).

Em fins de 1884, o Rev. Chamberlain, pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo, conhecendo as grandes qualidades de Lane como educador, convidou-o para dirigir a Escola Americana. Após demorada troca de correspondências, Lane embarcou para o Brasil no dia 3 de julho de 1885, em Nova York, no vapor Finance. Ao que parece, não era filiado a nenhuma igreja evangélica. Logo que chegou a São Paulo, foi examinado pelo conselho da igreja e dois dias depois, em 26 de agosto de 1885, foi recebido por profissão de fé e batismo pelo Rev. Alexander L. Blackford, que passava pela cidade a caminho da reunião do presbitério em Sorocaba.

No segundo semestre de 1885, a Escola Americana ou Instituto de São Paulo já funcionou sob a direção de Lane. Além de ser o “diretor geral dos estudos”, lecionava inglês, ciências naturais, higiene e fisiologia rudimentares (Catálogo de 1885). Em março do ano seguinte, foi buscar quatro dos filhos nos Estados Unidos, retornando ao Brasil em outubro. A partir de então somente iria ausentar-se do país ocasionalmente, para tratar de interesses da escola ou em gozo de férias. Pouco depois, ainda em 1886, foi formalmente nomeado missionário pela Junta de Nova York. Lane residia no internato de meninos, inaugurado no início de 1886 na chácara do Higienópolis. A casa era dirigida por sua irmã solteira Lotie Lane, que voltou para Nova York em fins de 1888, vindo assumir a direção a filha de Lane, Fanny, com 18 anos. No dia 22 de agosto de 1888, quando o Rev. Eduardo Carlos Pereira foi eleito pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo, mediante proposta de Lane a eleição foi considerada unânime.

Como experiente educador e administrador, bem como profundo conhecedor do Brasil, Lane imprimiu as suas marcas na Escola Americana. Providenciou a formação de professores, o preparo de compêndios para as diferentes disciplinas e a adaptação dos métodos à realidade brasileira. Também obteve garantias legais para a instituição e aperfeiçoou as suas acomodações. Com o advento da república, a pedagoga Marcia Percy Brown e quatro professoras treinadas por ela e pelo Dr. Lane serviram o Estado de São Paulo na reforma do seu sistema educacional, mediante lei especial. O próprio Lane passou a ser consultado pelas autoridades sobre assuntos educacionais. Na época da chegada de Lane, havia sido implantado o curso superior da Escola Americana. Alguns anos mais tarde, em 1889-1890, houve a criação do Colégio Protestante, eventualmente denominado Mackenzie College, do qual Lane foi o primeiro presidente e eficiente administrador por cerca de vinte anos.

A partir de 1892, Lane viu-se envolvido em uma grave controvérsia que finalmente dividiu a denominação em 1903. O Rev. Eduardo C. Pereira passou a questionar as suas qualificações espirituais como líder do Mackenzie. A ausência de Lane dos cultos e de celebrações da Ceia, bem como o fato de supostamente não guardar o Dia do Senhor levaram o conselho da igreja a admoestá-lo e finalmente suspendê-lo da comunhão, em setembro de 1893. Essas questões pessoais eram parte de um problema mais amplo

relacionado com o lugar dos missionários na igreja nacional e com o papel da educação na obra evangelística da igreja. Mais tarde, dividida a igreja e cessada a crise, Eduardo e Lane voltaram a relacionar-se cordialmente.

Ainda que indiretamente, Lane contribuiu para o início da evangelização do Vale do Ribeira, no sul de São Paulo. Sendo proprietário da Fazenda Poço Grande, em Juquiá, convidou para administrá-la o paranaense Willis Roberto Banks, filho de norte-americanos, que ali chegou no início de 1897. Banks revelou-se um notável evangelista e, graças ao seu trabalho, a Igreja de Juquiá foi formalmente organizada pelo Rev. Modesto Carvalhosa no dia 10 de outubro de 1900. A partir dessa igreja o evangelho difundiu-se por toda aquela vasta região. Em janeiro de 1899, uma comissão de presbíteros da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo visitara o Dr. Lane, manifestando-lhe o desejo de vê-lo restaurado à comunhão da sua igreja. Ele respondeu que, quando estivera nos Estados Unidos dois anos antes, sem esperanças de regressar devido ao mal de que estava sofrendo, fora admitido como membro de uma grande igreja. Depois, acabou filiando-se à recém-criada Igreja Unida de São Paulo, pastoreada pelo amigo Carvalhosa.

O Dr. Horace Lane faleceu no dia 27 de outubro de 1912. Sua filha Fanny M. Lane, à qual era muito afeiçoado, havia falecido um mês antes, no dia 24 de setembro, ao completar 42 anos de idade (ela havia nascido em Providence, Rhode Island, em 24 de setembro de 1870). As contribuições do educador foram destacadas pelos principais periódicos paulistanos (*Correio Paulistano*, *O Estado de São Paulo*) e por vários oradores do legislativo estadual. Dentre seus traços mais destacados estavam a sua cultura, conhecedor que era de direito, matemática, filosofia e literatura, e o seu altruísmo, exemplificado pelo fato de que clinicava quase de graça e auxiliava os doentes pobres. No dia 17 de novembro foi realizado na capela do Mackenzie um culto memorial, em que foi pregador o Rev. Modesto Carvalhosa. O professor Rufus King Lane assumiu interinamente a direção da escola até a chegada do Rev. Donald C. McLaren, o novo presidente designado pela Junta de Nova York.

Além das suas atividades no Mackenzie, Lane foi sócio e secretário da Sociedade Paulista de Agricultura e membro do Instituto Histórico de São Paulo. Escreveu em parceria com Oscar Thompson e Carlos Reis o livro *Education in the State of São Paulo*, publicado em 1903. Em 1914 houve a inauguração do seu busto nas dependências do Mackenzie e em 1917 a criação do Centro Acadêmico Horácio Lane, que continua em existência até o presente. Em 15 de julho de 1953, mediante decreto do governo, o Ginásio Estadual de São Roque passou a denominar-se “Ginásio Estadual Dr. Horace Manley Lane”. Uma rua do bairro de Pinheiros, junto ao Cemitério São Paulo, recebeu o seu nome.

Horace e Ellen tiveram oito filhos, cinco homens e três mulheres: Frederick Sweetser Lane (1864-1926), Horace M. Lane Jr. (1865-1910), Giles Williams Lane (1867-1929), Margaret Electa Lane (1869-1943), Fanny Maria Lane (1870-1912), Rufus King Lane (1873-1926), Lauriston Job Lane (1876-1942) e Suzie Davies Lane (1877-1939). Frederick (dentista), Rufus (professor) e Job (médico) deram importantes contribuições à sociedade brasileira. Rufus, nascido em St. Louis, trabalhou ao lado do pai por muitos anos, como vice-diretor da Escola Americana. O Dr. Lauriston Job Lane foi um dos fundadores do Hospital Samaritano. Horace Jr., nascido em Worcester, Massachusetts, clinicou como médico na

cidade de Bariri. Giles casou-se com Winifred Vanorden, filha do Rev. Emanuel Vanorden, em 10 de maio de 1899. Uma filha de Suzie Davies Lane e Horace Elbert Williams, Ellen Maria Williams, foi missionária no Brasil de 1925 a 1929. O Sr. Frederico Lane, bisneto de Horace, reside nas proximidades do Mackenzie, trabalha como encadernador e mantém o arquivo reunido por seu pai, Fred Lane.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 241s, 257, 308, 383-85, 435s, 452, 577, 605s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:212, 317, 343-47, 350, 352-60, 363, 384-90, 404-416, 519-21; II:137s.
- *The Foreign Missionary*: Nov 1886, p. 243-250.
- H. M. Lane, ed., *The Brazilian Bulletin – Organ of Mackenzie College* (Junho 1898).
- H. M. Lane. “To the Board of Trustees of the Protestant College at S. Paulo, Brazil”. 1899.
- H. M. Lane. “To the Trustees of Mackenzie College, S. Paulo, Brazil”. 1908.
- “Dr. Horace M. Lane”, *O Estandarte* (31-10-1912), 9s.
- “Dr. Horácio Manley Lane”, *O Puritano* (07-11-1912), 1-2.
- Alfredo Cecílio Lopes, “In Memoriam”, *O Mackenzista* (27-10-1927), 1-2, 4.
- *A Gazeta* (29-07-1944), recorte. Arquivo Fred Lane.
- McIntire, *Portrait*, 8/31-39; 10/47.
- Ribeiro, *IPB: Da Autonomia ao Cisma*, 26-56, 255-262.
- Antônio Máspoli de Araújo Gomes. *Religião, Educação e Progresso*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.
- Documentos diversos, Arquivo Fred Lane.

### **Rev. James Burton Rodgers**

*Pastor no Rio de Janeiro e em Florianópolis*

James Rodgers nasceu em Albany, Estado de Nova York, no dia 1º de março de 1865. Bacharelou-se em letras no Hamilton College, no mesmo estado, em 1885. A seguir, fez os seus estudos teológicos no Seminário Teológico de Auburn, na cidade do mesmo nome, em seu estado natal, formando-se em 1888. Foi licenciado pelo Presbitério de Albany em 1887 e ordenado no dia 15 de junho de 1888, pastoreando por um ano a Igreja Presbiteriana de Belmont. Casou-se com Anna Van Vechten Bigelow, na cidade de Utica, em 5 de junho de 1889.

O casal Rodgers chegou ao Rio de Janeiro em 5 de agosto de 1889. No Natal daquele ano, receberam a visita do Rev. Samuel R. Gammon, que chegava dos Estados Unidos. Quando este perguntou à Sra. Rodgers qual tinha sido a maior provação que encontrara no Brasil, ela respondeu sem hesitar: “As pulgas”. No primeiro semestre de 1890, Rodgers acompanhou o Rev. John M. Kyle numa excursão a Minas Gerais. Depois de passarem por Petrópolis, perto da qual Rodgers pregou a algumas famílias inglesas na maior usina de algodão do Brasil, seguiram para Juiz de Fora, São João Del Rei, Barbacena, Ouro Preto (então a capital do estado) e Mariana. O novo missionário impressionou-se com as

condições religiosas e sociais do povo. Nessa viagem, os dois obreiros colheram um bom número de assinaturas do periódico *Imprensa Evangélica*, do qual Kyle era o redator. Em 1892, Rodgers foi acometido de febre amarela, causando grande apreensão aos colegas, mas, ao contrário de outros missionários, conseguiu sobreviver. Foi secretário da missão norte-americana, a “Brazil Mission”.

Por algum tempo, Rodgers foi pastor auxiliar do Rev. Lino da Costa na Igreja do Rio de Janeiro, assumindo o pastorado efetivo em fevereiro de 1896. Promoveu a reforma do templo da Travessa da Barreira, o primeiro templo presbiteriano do Brasil, inaugurado em 1874, cujo teto ameaçava desabar. Nesse período, a igreja reuniu-se no templo da Igreja Evangélica Fluminense (congregacional). Convidou Myron Clark para reorganizar a escola dominical; Myron Clark foi o introdutor da Associação Cristã de Moços (ACM) no Brasil. Em 21 de janeiro de 1894, os Revs. Rodgers, Lino da Costa e George W. Chamberlain organizaram a Igreja do Riachuelo, no Rio de Janeiro, com dezenove membros. Além dessa igreja, onde contou com a colaboração do licenciado Franklin do Nascimento, Rodgers também deu assistência às congregações de Resende e Niterói.

Em 1895, o Rev. Rodgers foi com sua esposa a Lavras, onde pregou quatro vezes. Naquela época, o Rev. Samuel R. Gammon e seus auxiliares estavam iniciando a sua grande obra educacional e evangelística naquela cidade mineira. Por ocasião da visita, dois escravos recém-libertados (Guilherme e Juliana) fizeram a sua pública profissão de fé. Em outubro do mesmo ano, Rodgers entregou o fraco trabalho presbiteriano de Petrópolis (organizado em 1872) ao Rev. James L. Kennedy, pastor metodista. A obra presbiteriana somente seria reiniciada nessa cidade serrana muitos anos depois, em 12 de novembro de 1933, pelo Rev. Benjamim César.

Em 20 de outubro de 1896, o Rev. John M. Kyle batizou Dana, filha do colega Rodgers, na Igreja do Riachuelo. Rodgers tomou todas as providências para a posse do seu ilustre sucessor, o Rev. Álvaro Reis, ocorrida no dia 6 de maio de 1897, e pouco depois seguiu para os Estados Unidos. Na despedida, a igreja ofereceu-lhe um relógio de ouro. Em 1898, retornou ao Brasil pela última vez, indo abrir uma nova estação missionária na cidade de Desterro (Florianópolis), Santa Catarina. Em setembro daquele ano, iniciou o seu trabalho naquela capital fazendo uma série de conferências religiosas no Teatro Municipal.

Em 1898, os Estados Unidos declararam guerra contra a Espanha e foram vitoriosos. Com isso, assumiram o controle de Cuba e das Filipinas. No final daquele ano, o casal Rodgers foi convidado pela Junta de Missões Estrangeiras da sua igreja para transferir-se para as Filipinas, o que foi aceito. Deixaram o Brasil no dia 28 de janeiro de 1899, seguindo inicialmente para Hong Kong. Rodgers chegou a Manila no dia 21 de abril de 1899, tornando-se o primeiro missionário protestante a ingressar naquele país para residência permanente. Seu conhecimento do português capacitou-o a dominar o espanhol com facilidade e dentro de um mês ele pregou o primeiro sermão nesse idioma e organizou a primeira escola dominical. A esposa e os filhos foram unir-se a ele em 16 de junho. Após trinta e seis anos de serviços, o missionário aposentou-se no dia 1º de março de 1935, vindo a falecer em Manila em 1943 ou 1944. Era filiado ao Presbitério de Westchester, do Sínodo de Nova York. Foi agraciado com o título de Doutor em Divindade (D.D.) pelo Emporia College (1905) e pelo Union College.

### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 337, 413, 518, 572.
- Ferreira, *História da IPB*, 309s, 361, 401, 481, 496s, 533.
- *Brazilian Missions* (Julho 1890), 61-62.
- *Auburn Theological Seminary, General Biographical Catalogue, 1818-1918* (Auburn, Nova York: Auburn Seminary Press, 1918).
- Lenington, “A Partial History of the Work of the South Brazil Mission”.
- Igreja Presbiteriana de Petrópolis, “Pasta Igrejas”, Arquivo Presbiteriano.
- *Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro: Primeiro Centenário, 1862-1962*.
- Wilson Oliveira, “Um Pouco da História da Igreja Presbiteriana do Riachuelo”, *O Mediador* (Março 2001), 6.

### **Rev. Woodward Edmund Finley**

#### *Missionário na Bahia e em Sergipe*

Woodward E. Finley nasceu em London, Estado de Ohio, em 1865. Bacharelou-se no Hanover College, em Indiana, em 1886, e concluiu os seus estudos teológicos no Seminário McCormick, em Chicago, em 1889, sendo ordenado no mesmo ano pelo Presbitério de Columbus. Chegou ao Brasil em 23 de setembro de 1889, seguindo para Salvador na época da Proclamação da República. No dia em que compareceu ao conselho da Igreja de Salvador, lançou-se em ata um voto para que Deus abençoasse o novo regime. Em 4 de abril de 1890, foi empossado no pastorado da igreja pelo Rev. Alexander L. Blackford, que por nove anos exercera naquele campo um frutífero ministério. Logo depois, Blackford viajou para Atlanta, onde faleceu no dia 14 do mês seguinte. Em fevereiro de 1891, Finley foi arrolado pelo Presbitério do Rio de Janeiro, reunido nesta cidade, por transferência do Presbitério de Columbus. Foram-lhe confiadas as Igrejas da Bahia (Salvador) e Cachoeira. Foi autorizado a empregar como seu auxiliar em Salvador o Rev. Leônidas da Silva.

Leônidas Filadelfo Gomes da Silva (1854-1919) era natural de Recife. Em 3 de fevereiro de 1874, foi batizado na Igreja Evangélica Pernambucana, fundada pelo Rev. Robert R. Kalley no ano anterior (19-10-1873). O diácono Manoel José da Silva Viana, do Rio de Janeiro, ficou servindo como pastor da igreja e foi ele quem batizou o jovem Leônidas. Este seguiu para a Inglaterra em 1875 a fim de estudar para o ministério, regressando em 1879 na companhia do Rev. James Fanstone. Foi o primeiro pernambucano a ser ordenado pastor. Em Salvador, redigiu o periódico presbiteriano *A Palavra*, lançado em 30 de julho de 1891, no qual certamente teve o apoio do Rev. Finley. Depois de trabalhar com Finley, foi para o Rio de Janeiro em 1893, exercendo o ministério em Niterói por muitos anos. Traduziu vários livros e deixou muitos hinos traduzidos ou de sua própria lavra, entre os quais “Oh, pensai nesse lar lá do céu” (*Hinário Presbiteriano Novo Cântico*, nº 186). Editou a coletânea “O Cantor Evangélico”, que incluiu produções suas e de outros, e colaborou com vários periódicos, entre os quais *Imprensa Evangélica*, *O Evangelista* e *O Cristão*. O Rev. Vicente Temudo Lessa, que o conheceu pessoalmente, diz que ele era simpático, tendo o rosto emoldurado por belas suíças negras.

Em agosto de 1891, Finley seguiu para os Estados Unidos, mal tendo visitado o interior do estado. Foi substituído pelo Rev. Edgar M. Pinkerton, que, todavia, faleceu poucos meses depois, em fevereiro de 1892, sendo, por sua vez, substituído pelo Rev. George W. Chamberlain. Ao regressar da pátria, no início de 1892, Finley demorou-se por cerca de dez meses em Salvador (janeiro a outubro), até a chegada de Chamberlain, e então transferiu-se para o campo de Sergipe, onde ocupou o lugar do Rev. John B. Kolb, que em janeiro de 1894 seguiu para Salvador. Finley fixou residência em Laranjeiras em 1893, após casar-se com Lilly B. Martin, missionária da Igreja do Sul que havia chegado recentemente ao Brasil. A Igreja de Laranjeiras, a primeira de Sergipe, havia sido organizada pelo Rev. Blackford em 28 de dezembro de 1884. Em abril de 1894, a convite de Finley, o Rev. Chamberlain seguiu para Sergipe, onde passou cinquenta dias pregando nas principais cidades do estado, especialmente em Aracaju. O governador cedeu-lhe o salão nobre do Ateneu e o prefeito, a sala do júri.

Finley dirigiu em Laranjeiras a Escola Americana, fundada em 1886, que contou com um corpo selecionado de professoras, entre as quais a veterana Clara E. Hough. Em 1896, em carta enviada ao jornal *The Missionary*, a Sra. Finley informava que a escola estava com quarenta e cinco alunos e que ela cuidava de nove meninos internos e de uma órfã. O padre fazia esforços para desviar os alunos da escola. Uma grande casa abrigava o casal de missionários e os internos, e tinha acomodações para os cultos e para a escola. A professora Clara Hough, duas assistentes brasileiras e uma menina interna residiam em uma casa separada. Além da obra educacional, Finley preocupou-se com a ampliação do trabalho evangelístico em Itabaiana, Campo do Brito, Lagarto, Riachão, Boquim e outros municípios. Conta-se que, voltando de uma de suas viagens aos Estados Unidos, Finley chegou a Laranjeiras trazendo uma bicicleta. Como os moradores nunca tinham visto uma, a imagem de um estrangeiro de fraque preto em cima de uma bicicleta causou um certo alvoroço.

Em 1896, chegou para ajudá-lo o Rev. Cassius E. Bixler e Finley passou quase todo o ano seguinte nos Estados Unidos. Em 1898, decidiu-se que Finley iria restringir-se ao campo de Laranjeiras enquanto que o Rev. Bixler iria para Aracaju. No dia 19 de novembro de 1899, com a presença dos Revs. Kolb, Finley, Bixler, Waddell, Pierce Chamberlain e Lino da Costa, foi inaugurado o templo da Igreja de Laranjeiras, cuja planta havia sido doada pelos irmãos Januzzi, do Rio de Janeiro. Na noite da inauguração, cerca de 500 pessoas se reuniram para ouvir o Rev. Lino da Costa, ex-padre nordestino que por onde passava atraía a curiosidade do povo. No município de Laranjeiras havia, além da igreja na cidade, uma congregação na localidade de Lavandeiras, ao lado de cujo templo, inaugurado em 1892, estava o cemitério protestante. Nesse cemitério foi sepultada em 1896 uma filha do Rev. Finley, falecida de crupe. No mesmo local está até hoje o túmulo de um antigo membro da igreja, o coronel Luiz Francisco Cardoso de Menezes, falecido aos 64 anos em 24 de outubro de 1899.

O Rev. Finley continuou a dirigir a Escola Americana, que foi transferida de Laranjeiras para Aracaju, iniciando as suas atividades na capital sergipana em 6 de fevereiro de 1899. A escola contou por sete meses com a colaboração de Clara Hough, que foi substituída pela missionária Elizabeth R. Williamson. Encerrou as suas atividades por volta de 1913. Entre os alunos da conceituada instituição estiveram José Calazans Filho, cujo pai foi presidente

da província, e Jackson de Figueiredo, futuro articulador do pensamento católico conservador e fundador do Centro Dom Vital. Uma aluna de destaque foi Penélope Magalhães (1886-1982), que, após estudar e lecionar na Califórnia durante doze anos, retornou ao Brasil em 1910 e foi trabalhar no Colégio de Ponte Nova, na Bahia. Casou-se com o Rev. Manoel Antônio dos Santos, que mais tarde pastoreou a Igreja de Laranjeiras. Penélope ocupou a cátedra de inglês da Escola Normal de Aracaju e também ensinou em colégios particulares. Foi considerada a mulher mais culta de Sergipe.

Os Revs. Chamberlain, Finley, Bixler e William A. Waddell organizaram a Igreja de Aracaju no dia 13 de dezembro de 1901, sendo arrolados 23 membros maiores e 12 menores, vindos da Igreja de Laranjeiras. No culto de organização, Chamberlain leu a Escritura e Bixler fez a oração de praxe. Finley narrou o histórico da igreja e os esforços feitos para a sua organização, salientando a ação do Presbitério de Pernambuco e da comissão nomeada (Chamberlain e Finley), e Waddell instruiu os membros da nova igreja quanto aos seus deveres. A primeira celebração da Ceia do Senhor ocorreu em 5 de janeiro de 1902, sendo na ocasião recebidas três pessoas por profissão de fé: Manoel José Moreira, José Peixoto de Carvalho e Bertona Oliveira de Carvalho. Desde a sua organização até fins de 1903, a igreja voltou a ser pastoreada pelo Rev. Finley, uma vez que em 1902 Bixler mudou-se para Estância, no mesmo estado. De 1904 a 1906, pastorearam a igreja, sucessivamente, os Revs. Laudelino de Oliveira Lima e Manoel Francisco do Nascimento Machado.

Em 1904, Finley trabalhou na região de Wagner, no interior da Bahia, onde uma igreja foi organizada em maio, com membros que trouxeram carta de transferência da Igreja de Orobó (atual Rui Barbosa). Vinha trabalhando ali como evangelista o Sr. Carl William Cooper, casado com Dona Sarah Cooper. Finley atravessou o rio São Francisco em suas viagens evangelísticas, pregando pela primeira vez em Bom Jesus da Lapa, Carinhonha, Santa Maria da Vitória (onde mais de demorou) e outras localidades. Além do seu trabalho na Bahia e em Sergipe, Finley fez uma viagem de reconhecimento a Goiás em 1905 e ficou bem impressionado. Era desejo da Missão Central atuar naquela região do Brasil.

O casal Finley regressou aos Estados Unidos em 1907. De volta ao seu país, o Rev. Finley pastoreou um grande número de igrejas na Carolina do Norte: Couper Memorial, em Marshall (1908-1913); Laurel e Big Laurel (1914-1917); Dorland Memorial e Oakland Heights, em Asheville (1918). Exerceu funções administrativas em Marshall de 1919 a 1923. A seguir, pastoreou as seguintes igrejas: 1ª de Burnsville (1924-1925), Weaverville (1926-1927), Hot Springs e White Rock (1928-1935). O ex-missionário aposentou-se em 1936 e faleceu em 1949.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 337, 368s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:305-307, 469s, 473-75; II:140.
- *Brazilian Bulletin* (1898), 81.
- Álvaro Reis, *Almanaque Histórico do O Puritano*, 41s, 72.
- Segundo Livro das Atas da Igreja Presbiteriana da Bahia (1885-1904), 78s.

- “Igreja Presbiteriana de Aracaju”; Basílio C. Castro, “Nota Histórica do Evangelho em Ponte Nova e Adjacências”, *Norte Evangélico* (11-08-1928), 34-36.
- *General Catalogue, Presbyterian Theological Seminary, Chicago (1939)*.
- Octacílio Alcântara, “O Presbiterianismo na Bahia, no Vale do São Francisco”, *Brasil Presbiteriano* (1 a 15-05-1980), 15.
- Braga, *Música Sacra Evangélica*, 331 (“Leônidas F. G. da Silva”).
- Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, “A Escola Americana de Aracaju”, em *Revista de Aracaju*, Ano LIX, Nº 9 (2002):53-64.
- Vilas-Bôas, “Origens da Educação Protestante em Sergipe”, 59, 67-73, 119, 126-130.
- Acácia Cristina do Nascimento Santos, “‘Protestantalha’ x Católicos: Os Embates Ocorridos em Aracaju no Primeiro Quartel do Século XX”, monografia, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2002.

### **Rev. Thomas Jackson Porter**

*Pastor no Paraná e em São Paulo, professor do Seminário de Campinas*

Thomas Porter nasceu no dia 3 de maio de 1860 em New Wilmington, perto de Pittsburgh, na Pensilvânia, onde fez seus estudos primários, secundários e superiores. Obteve o grau de bacharel no Westminster College, em seu estado, em 1881, e diplomou-se em teologia no Western Theological Seminary em 1884. Durante os estudos, trabalhou como missionário urbano em Allegheny (1881-1882) e evangelista em Dakota (1883). Casou-se em 31 de julho de 1884 com Jessie MacDonald e em 26 de agosto foi ordenado pelo Presbitério de Shenango. Partiu logo em seguida como missionário para a Pérsia (Irã), onde a saúde não lhe permitiu ficar por muito tempo. Foi atacado por uma enfermidade nos olhos que o ia cegando, devido ao sol e às areias brancas da região por onde viajava. Voltando à pátria, de 1886 a 1890 foi pastor em Murrysville, no seu estado natal, e diretor do Instituto Laird. Escreveu uma tese sobre a Religião de Bab, obtendo o grau de Doutor em Filosofia.

Porter chegou ao Brasil com a esposa Jessie em fevereiro de 1890, acompanhando o Rev. George A. Landes, que regressava de suas férias nos Estados Unidos. Passaram por Recife e pelo Rio, recebendo as boas-vindas dos missionários. Subiram a serra de Paranaguá, que os encantou com os seus panoramas, e chegaram a Curitiba, onde foram recepcionados pelo Rev. Modesto Carvalhosa. Após as suas primeiras viagens, Porter escreveu um artigo sobre a hospitalidade dos brasileiros (“The Brazilian Idea”), no qual retratou ao vivo as condições de pouco conforto e de má situação higiênica, gerando protestos.

A saúde precária levou-o a São Paulo no ano seguinte, onde se ocupou em trabalhos de evangelização no interior (Santa Cruz do Rio Pardo, Fartura, Taquari, Rio Verde e outros lugares). O Sínodo, reunido na capital paulista de 3 a 14 de setembro de 1891, o elegeu professor do futuro Seminário Presbiteriano em substituição ao Rev. Alexander L. Blackford, falecido no ano anterior. Todavia, não chegou a exercer a função a não ser dezoito anos mais tarde. O Sínodo determinou que o seminário ficaria sediado em Campinas, porém a febre amarela frustrou esse plano. Em maio de 1892, a diretoria do seminário optou por Botucatu, mas somente o Rev. Porter pôde transferir-se para lá. Em agosto, diante da impossibilidade de se instalar o seminário naquela cidade, ele renunciou à

sua cadeira e retornou a Curitiba, onde colaborou na construção do templo presbiteriano e na Escola Americana, onde ministrou aulas de música.

Em 1892, um padre de Curitiba começou a transcrever no *Diário do Paraná*, sem aspas, longos trechos de um panfleto antiprotestante (“O Neófito”) que havia sido publicado pelo frade Celestino de Pedávoli em 1879-1880, em Recife, e recebera uma resposta cabal do Rev. John R. Smith. O Rev. Porter qualificou-o de “padre plagiarista” e deixou na redação um exemplar de “O Neófito” para que o público o examinasse. O padre silenciou e o Rev. Porter continuou a escrever sobre o assunto até março de 1893. O Sínodo de 1894 determinou a transferência do seminário de Friburgo para São Paulo e pediu a Porter que retirasse o pedido de demissão feito à diretoria. A Junta de Nova York chegou a autorizar a transferência de Porter para São Paulo. Porém, no ano seguinte ele teve de regressar aos Estados Unidos por motivo de saúde. Foi pastor em Parnassus e Pitcairn, na Pensilvânia. Em 1898, obteve o grau de Doutor em Divindade (D.D.).

Porter veio de novo ao Brasil doze anos depois, em 1907, para substituir o Rev. John M. Kyle, que se afastava definitivamente. Pastoreou a Igreja de Nova Friburgo, reorganizou a de Campos e organizou a Igreja de Sana (18-04-1909). Em 12 de maio de 1909, finalmente assumiu o cargo de professor do Seminário de Campinas, serviço em que se ocupou até o fim da sua carreira. Lecionou História da Igreja, Análise Bíblica e, durante alguns anos, Teologia Sistemática. Acumulou outras disciplinas inúmeras vezes, como os demais professores, e ocupou o cargo de reitor durante cerca de sete anos. Seu entusiasmo pelo seminário não tinha limites. Porter e os colegas John R. Smith e Erasmo Braga plasmaram definitivamente aquela instituição, tendo educado um grande número de notáveis líderes presbiterianos. Muito se preocupava com que o estudante conhecesse todos os aspectos da verdade estudada. Empenhava-se em fazer o aluno trabalhar e pensar por si mesmo. Tinha vasta leitura e sabia indicar bons livros. Embora as suas deficiências no domínio do idioma prejudicassem a clareza das suas aulas, as indicações de leituras supriam essa limitação.

Com a organização da Assembléia Geral em 1910, Porter recebeu o apelo de aceitar, além da cadeira no Seminário, a tesouraria daquele concílio superior. Também assumiu, a partir de maio do mesmo ano, a função de redator da *Revista das Missões Nacionais* (até 1916), promovendo uma verdadeira ressurreição das missões nacionais. Além de tratar incansavelmente das finanças da igreja no seu estilo peculiar e um tanto excêntrico, escreveu muito em defesa do Seminário Presbiteriano e de outras causas importantes. Durante as lutas em torno do Seminário Unido, do Rio de Janeiro, foi ardoroso defensor da preservação do Seminário de Campinas. Porter soube identificar-se com o Brasil e os brasileiros, aos quais muito admirava, tornando-se um dos missionários mais estimados pela igreja. Valorizava os assuntos brasileiros e apreciava o ministério nacional. Isso fica evidente em um artigo que escreveu em abril de 1928 no *The Western Echo*, publicação do seminário em que estudou. Foi um entusiasta da emancipação da Igreja Presbiteriana do Brasil. Defendia com tamanho ardor a nacionalização do ministério e a autonomia da igreja nacional que nem sempre era bem compreendido por todos.

Muito operoso, a partir de Campinas pastoreou igrejas e congregações como Itapira, Santa Bárbara, Jundiaí, Pinheiros e outras. Aposentou-se como missionário em 1932, sendo substituído no Seminário, na cadeira de História Eclesiástica, pelo colega Roberto

Frederico Lenington. Seu último pastorado foi na Igreja da Lapa, em São Paulo, de 26 de janeiro de 1930 até 31 de janeiro de 1936. A igreja havia sido dissolvida em 1930 e foi reorganizada por Porter em 1º de janeiro de 1934. Escreveu vários opúsculos e folhetos, em estilo nem sempre fácil de ler, entre os quais *Deus é Caridade*, o 15º da série da Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos, e outros sobre análise bíblica, o presbiterato, o Apocalipse e os pentecostais. Apesar de residir por muitos anos no Brasil, nunca conseguiu falar bem o português. Era afeito a polêmicas e colaborou com *O Estandarte* e outros jornais.

O Dr. Porter faleceu nos Estados Unidos em 26 de dezembro de 1936, aos 76 anos. Deixou um filho e uma filha, casados, residentes nos Estados Unidos, e no Brasil a filha Ethelvyn J. Porter, professora em São Paulo, e Jean P. Graham, casada com o missionário Franklin Floyd Graham (1880-1948), bem como os netos Harold N. Thomas, Jessie Alena e Martin Curtis, filhos de sua filha Isabel, que falecera no Rio de Janeiro há vários anos. Ethelvyn foi diretora da Escola Americana de Florianópolis, uma filial da escola de São Paulo, de 1908 a 1912. A Sra. Jessie Porter faleceu no dia 19 de fevereiro de 1949.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 180b (foto), 217, 343s, 371, 448, 554.
- Ferreira, *História da IPB*, I:192, 320, 340s, 395, 401, 517, 528s; II:113-115, 117s, 123, 161-65, 180, 242, 272, 277s, 411, 426.
- Thomas J. Porter, “The Brazilian Idea”, *Brazilian Missions* (Dezembro 1890), 98-100.
- *Ministerial Directory, PCUS/PCUSA* (1898), 440.
- *General Biographical Catalogue, The Western Theological Seminary of the Presbyterian Church, Pittsburgh, Pensilvânia, 1827-1927*.
- T. J. Porter. *A Vocação do Profeta Moiss s*. Campinas, 08-09-1916. Folhetos Evangélicos, Vol. 43, Coleção Temudo Lessa.
- T. J. Porter. *O Presbitério na Religião Cristã: Breve Apologia de um Presbítero Propagandista*. Campinas, 31-10-1926. Idem.
- T. J. Porter. *Análise dos Livros da Bíblia*. Opúsculo V (escritos joaninos). Campinas, 1929. Idem.
- “Faleceu o Rev. Dr. Porter”, *O Puritano* (10-01-1937), 2;
- “Rev. Dr. Thomas Jackson Porter”, *O Puritano* (25-01-1937), 2-3.
- * lbum Comemorativo do Cinquentenário da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil* (1938).
- “Mrs. Porter”, *O Puritano* (10-06-1949), 6.
- Osvaldo Henrique Hack, *Protestantismo e Educação Brasileira*, 2ª ed. (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000), 152-160.

#### **Rev. William Alfred Waddell**

*Missionário em São Paulo e na Bahia, presidente do Mackenzie College*

William A. Waddell nasceu em 5 de fevereiro de 1862 em Bethel, Estado de Nova York, onde passou sua infância e aprendeu as primeiras letras. Em outubro de 1881, aos 19 anos,

fez a sua profissão de fé na Igreja Presbiteriana de Schenectady, no mesmo estado, com o Rev. Timothy G. Darling. Ingressou no Union College, no qual se bacharelou em Artes e Ciências, formou-se em Engenharia Civil (1882) e foi membro da fraternidade cultural *Phi Beta Kappa*. Sentindo a vocação ministerial, matriculou-se no Seminário de Princeton, onde concluiu em dois anos (1883-1885) o curso teológico normalmente feito em três anos. O Presbitério de Albany licenciou-o em abril de 1886 e no dia 2 de abril de 1887 ele foi ordenado pelo Presbitério de Los Angeles, em San Diego. Seu primeiro pastorado foi na Igreja de San Pedro, na Califórnia.

Interessado na obra missionária, Waddell deixou o seu país em 20 de agosto de 1890 e chegou ao Brasil no dia 19 de setembro, a bordo do navio Aliança, na companhia de cinco outros obreiros: um casal metodista que vinha para Piracicaba, o Rev. Wilmot Albert Carrington e sua esposa Clara Emory, e a professora Carrie M. Cunningham, que iria trabalhar com o Rev. DeLacey Wardlaw no Ceará. Estudou português em Campanha, Minas Gerais, possivelmente com o Rev. Benedito Ferraz de Campos. Seu primeiro campo de trabalho foi São Paulo, onde assumiu a classe teológica antes confiada ao Rev. Donald C. McLaren e foi um dos fundadores do Ginásio Mackenzie e do Mackenzie College. Supervisionou a construção do primeiro edifício do College, inaugurado em 1895. No ano seguinte, a convite do Dr. Horace M. Lane, organizou e instalou a Escola de Engenharia, da qual foi o primeiro diretor. Dotado de vasta cultura e forte personalidade, exerceu profunda influência sobre os seus alunos e os companheiros de Missão.

Nesses anos, Waddell teve sérias dificuldades com o Rev. Eduardo Carlos Pereira e outros ministros, durante a crise que levou à divisão da igreja. Em 1893, mediante autorização do Presbitério de São Paulo, passou a realizar cultos na Rua da Conceição, com classes de escola dominical sob a direção de professoras da Escola Americana. Ao mesmo tempo, o Rev. Frederik J. Perkins abriu um ponto de pregação na Rua da Glória. No dia 18 de outubro do mesmo ano, Waddell e Perkins uniram os seus grupos e organizaram a 2ª Igreja de São Paulo, uma das antecessoras da Igreja Unida, acolhendo pessoas que já não se sentiam bem na 1ª Igreja, pastoreada pelo Rev. Eduardo. Os membros fundadores foram Mary E. Lenington Waddell, Effie R. Lenington, Mary Ada Lindsay e Margaret K. Scott, todas ligadas à Escola Americana. Em virtude dos problemas eclesiais, Waddell desligou-se do Presbitério de São Paulo em julho de 1896.

No mesmo ano em que chegou ao Brasil, Waddell havia se casado com Mary Elizabeth Lenington (filha do Rev. Robert Lenington), que veio a falecer em 2 de novembro de 1893 quando teve o primeiro filho, que também morreu. Alguns anos depois, Waddell foi trabalhar na Bahia, onde substituiu o Rev. John Benjamin Kolb. Desde 1894, ali se encontrava a serviço da Missão, lecionando na escola fundada pelo Rev. Kolb, Laura Annesley Chamberlain, a filha mais velha do Rev. George W. Chamberlain. Waddell e Laura casaram-se no dia 12 de janeiro de 1897, em Feira de Santana. Depois de algum tempo em São Paulo, o casal fixou-se em Salvador em 1899. Como pastor da igreja da capital (1900-1904), Waddell construiu o templo (1902) e deixou a igreja capacitada para chamar um pastor nacional. Depois residiram em Cachoeira, onde Laura lecionou na “escola de meninas”, trabalhando também em São Félix e Feira de Santana.

Waddell passou a fazer longas excursões pelo interior do estado. Visitou em maio de 1902 o campo de Palmeiras, já visitado no ano anterior pelo Rev. Chamberlain, onde mais tarde seria organizada uma igreja. Em setembro daquele ano, recebeu as primeiras famílias por profissão de fé em Ponte Nova e Pedrinhas, continuando a visitar o campo até o fim de 1903. Na sua primeira visita a Palmeiras, na Chapada Diamantina, encontrou já crente o Sr. João Capistrano Norato de Souza, um autodidata que mais tarde chegou ao ministério, tornando-se o primeiro pastor nacional ordenado na Bahia. Em 1905, Waddell alargou o campo de atividades de Ponte Nova até Cafarnaum, incluindo América Dourada e outros locais. No dia 5 de fevereiro de 1905, organizou uma igreja na fazenda Canal, do coronel João Dourado, na mesma região.

Em janeiro de 1906, Waddell mudou-se com a família para a região central da Bahia. Inicialmente, quis fundar a sua escola em Itaberaba, Lençóis ou Palmeiras, porém, devido ao preconceito religioso, não conseguiu comprar uma propriedade. Seguiu então para Ponte Nova, onde a Missão alugou e depois adquiriu uma grande fazenda perto da cidade, junto ao rio Utinga, na então zona açucareira. A aquisição foi feita graças a uma doação do senador Leland Stanford, da Califórnia. Ali foi criado um colégio evangélico destinado aos filhos dos sertanejos nordestinos. Seu propósito era preparar professores para escolas primárias e bíblicas, treinar jovens para o trabalho da igreja e encaminhar alguns deles ao ministério. As moças ajudariam no trabalho doméstico e os rapazes, que foram admitidos mais tarde, cuidariam dos animais e do trabalho externo. Além do currículo do ginásio, seria ensinada a Bíblia. Dos doze alunos iniciais, oito foram enviados pelo coronel João Dourado, sendo quatro deles seus filhos. Posteriormente, organizou-se também uma escola primária, na qual os jovens professores recebiam treinamento prático.

O Instituto Ponte Nova criou em seus estudantes um profundo senso de missão. Em certa época havia cerca de 60 escolas primárias na Bahia e estados vizinhos servidas por professoras formadas no colégio evangélico, e os governos municipais tomaram sob sua manutenção nada menos que vinte e duas dessas escolas. Esse fato causou profunda impressão em toda a região. As moças ensinavam também em escolas dominicais e muitas delas foram consideradas mais capazes que alguns evangelistas pagos. Além de sua contribuição à educação, a escola central de Ponte Nova e as escolas primárias enviaram muitos jovens aos seminários, como foi o caso do futuro pastor, professor e deputado Basílio Catalá de Castro (1904-1972), tido como o príncipe dos pregadores presbiterianos da Bahia, e do Rev. Eudaldo Silva Lima (1909-1988), valoroso pioneiro presbiteriano em Brasília. Também estudou em Ponte Nova o Sr. José César Pires, cunhado de Eudaldo e pai do Rev. Aristeu de Oliveira Pires (nascido em Ibiaporã de Mundo Novo no dia 1º de julho de 1919).

No tempo em que permaneceu no seu campo, o Dr. Waddell manteve um amplo trabalho itinerante de evangelização e supervisionou também as pequenas escolas primárias que constantemente criava. Enquanto isso, Laura cuidava da administração da escola central em Ponte Nova. A vila que cresceu ao redor da escola e do hospital criado mais tarde (1926) veio a chamar-se Itacira, hoje a sede do município de Wagner. Waddell foi sucedido pelo incansável Rev. Cassius E. Bixler. Também serviram à instituição o Dr. Walter Welcome Wood (chegou ao Brasil em 1916), diretor do Grace Memorial Hospital, Samuel Irvine Graham (chegou em 1923), engenheiro agrônomo, e muitos outros. Em 1927 seria

inaugurado em Ponte Nova o pavilhão Waddell. O Instituto Ponte Nova foi nacionalizado no início da década de 1970 e hoje pertence à rede escolar pública do Estado da Bahia.

Waddell retornou para São Paulo em 1914, assumindo a presidência do Mackenzie College. Os tempos eram outros e ele envolveu-se em muitos projetos cooperativos, inclusive com antigos desafetos. Em agosto de 1915, participou com Matatias Gomes dos Santos e André Jensen de uma reunião de aproximação com os independentes, representados por Eduardo Carlos Pereira, Bento Ferraz e Vicente Temudo Lessa. Em dezembro de 1916, participou de entendimentos para um plano de cooperação entre a Igreja Presbiteriana e os missionários americanos, plano esse que ficou conhecido como Modus Operandi ou *Brazil Plan* (1917). Apoiou com entusiasmo a criação do Seminário Unido, no Rio de Janeiro, um fruto do Congresso do Panamá, realizado em 1916.

O Dr. Waddell presidiu o Mackenzie até 1927, quando se aposentou por motivo de saúde, recebendo em 1º de julho o título de Presidente Emérito. Na sua gestão, foram construídos vários edifícios, criados novos cursos (engenharia civil, elétrica e mecânica, arquitetura, química industrial) e o ensino foi remodelado, adaptando-se às novas exigências legais. Uma importante conquista foi a equiparação da Escola de Engenharia às suas congêneres federais pelo Congresso Nacional, em 19 de janeiro de 1923. Em outubro do mesmo ano foi criado o Conselho do Mackenzie College, ponto de partida para a nacionalização da entidade. Seus primeiros presidentes foram Erasmo Braga e João Pandiá Calógeras.

Em 1928, Waddell iniciou em Jandira, em uma fazenda de propriedade do Mackenzie, o “Curso Universitário José Manoel da Conceição”. Era um curso pré-teológico destinado a prover alunos para o Seminário Unido. Estruturado em bases administrativas modestas e rigorosas, daria espaço a muitos alunos pobres, os quais de outra maneira ficariam privados dessa oportunidade. Foi uma obra de cooperação em que participaram as missões filiadas à Junta de Nova York e as igrejas presbiteriana, presbiteriana independente e episcopal. As aulas tiveram início no dia 8 de fevereiro de 1928, com doze alunos, cinco dos quais se formaram no ano seguinte. Os outros só saíram em 1932, seguindo para o Seminário de Campinas, uma vez que o Seminário Unido havia encerrado as suas atividades. Os primeiros professores foram, além do casal Waddell, Charles Roy Harper, Evelyn Harper, Roberto Frederico Lenington, João Marques da Mota Sobrinho, Alfredo Borges Teixeira, Vicente Temudo Lessa e Margaret P. Grotthouse. Waddell lecionou filosofia, matemática, história e outras disciplinas. Ao longo de várias décadas, o JMC ajudou a preparar um grande número de líderes presbiterianos.

Em 1933, Waddell voltou a assumir, interinamente, a presidência do Mackenzie. Em abril de 1934, o casal foi visitar os parentes nos Estados Unidos, mas logo retornou ao Brasil. Antes de regressar a São Paulo, Waddell visitou a Bahia, seu antigo campo missionário. Na velhice, sonhava com a evangelização do Estado do Amazonas. Na última reunião da missão, pediu que os missionários não se esquecessem da Amazônia. Faleceu no dia 22 de fevereiro de 1939. Sua esposa faleceu exatamente quatro anos depois, em 22 de fevereiro de 1943. O Rev. Waddell foi um dos últimos diretores da *Imprensa Evangélica*, extinta em 1892. Em 1894, recebeu do Union College o título de Doutor em Filosofia (Ph.D.) e em 1910 o grau de Doutor em Divindade (D.D.), *honoris causa*.

Seu filho Rev. Richard Lord Waddell foi missionário da PCUSA na região do rio São Francisco a partir de 1931, tendo trabalhado em Santa Maria da Vitória, Cocos, Bom Jesus da Lapa, Sítio do Mato e outros locais. Depois, como o pai, foi presidente do Instituto Mackenzie. Era casado com Margaret P. Grotthouse, que foi professora no Instituto JMC. A partir de 1944, teve participação direta na obra missionária em Portugal, para a qual conseguiu o apoio integral das igrejas presbiterianas dos Estados Unidos. Enviado pela Junta de Nova York, ajudou a criar a Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal e lecionou no Seminário de Lisboa. Outro filho, Kenneth Chamberlain Waddell (1898-1959), nascido em Feira de Santana, cursou engenharia no Mackenzie e medicina no Albany Medical College. Foi docente em ginecologia no Albany Hospital e em cirurgia no Henry Hospital, em Detroit. No Brasil, clinicou na Bahia (Ponte Nova), em Belém e no Rio de Janeiro. Foi missionário da PCUSA de 1928 a 1933 e era casado com Grace E. Moldenhawer. O casal Waddell também teve três filhas: Helen, Agnes e Mary. Helen A. Waddell foi missionária no Brasil de 1925 a 1930.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 344s, 440-42, 513, 578.
- Ferreira, *História da IPB*, I:344, 350s, 352-60, 384-86, 390-92, 404-417, 472, 510; II:93-95, 139, 181, 217, 242, 268-70, 373, 375, 420, 423-25, 429, 441.
- Segundo Livro das Atas da Igreja Presbiteriana da Bahia (1885-1904).
- Livro das Atas do Presbitério de Bahia e Sergipe (1907-1929).
- Castro, “Evangelho em Ponte Nova”, *Norte Evangélico* (11-08-1928), 35.
- Aduato A. Dourado, “Rev. Dr. William Alfred Waddell”, *Idealista* (órgão do JMC) (Março 1939), 1-2.
- “Dr. William Alfred Waddell”, *O Puritano* (25-03-1939), 2.
- Basílio Catalá de Castro. “Escorço Histórico do Colégio de Ponta Nova” (1941). Pasta Bahia, Arquivo Presbiteriano.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1865-1954*.
- Ribeiro, *A IPB: Da Autonomia ao Cisma*, 239-254.
- Garcez, *Mackenzie*, 134, 149-155.
- Octacílio Alcântara, “O Presbiterianismo na Bahia, no Vale do São Francisco”, *Brasil Presbiteriano* (1º a 15-05-1980), 15.
- Eudaldo Silva Lima, *Romeiros do meu Caminho* (Brasília, 1981), 207-210.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Rev. Dr. William Alfred Waddell”, *Brasil Presbiteriano* (Dez 1998), 16.
- Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, “O Instituto Ponte Nova da Bahia”, artigo não-publicado, 2003.

### **Rev. Wilmot Albert Carrington**

*Missionário em Rio Claro, interior de São Paulo*

Wilmot Carrington nasceu em Washington, Distrito de Colúmbia, no dia 11 de julho de 1865. Obteve o grau de bacharel no Colégio de Nova Jersey (Princeton) em 1887. Estudou no Seminário Teológico de Princeton de 1887 a 1890, tendo passado um ano no Colégio da

Igreja Livre, na Escócia (1888-1889). Foi ordenado pelo Presbitério da Cidade de Washington em 19 de junho de 1890. Chegou ao Brasil três meses depois, no dia 19 de setembro de 1890, em companhia da esposa Clara I. Emory, com quem se casara recentemente. Vieram com eles o Rev. William Alfred Waddell e a professora Carrie Cunningham. Carrington estudou português em Sorocaba, em virtude de ser um lugar em que não se falava inglês.

Indo para Rio Claro, substituiu o Rev. João Fernandes Dagama, que se desligou da Missão em janeiro de 1891 e veio a ser nomeado evangelista presbiterial. Foi arrolado pelo Presbitério de Minas, reunido em Mogi Mirim, em 27 de agosto de 1891. No dia 26 de dezembro do mesmo ano, a sua esposa faleceu vitimada pela febre biliosa, deixando um filhinho de poucos meses. Descrevendo-lhe os últimos momentos, o Rev. Herculano de Gouvêa disse que os seus lábios moviam-se para sorrir, como que antevendo a beleza do céu. Desanimado, Carrington regressou ao seu país em janeiro de 1892. Mal compreendia ainda a língua portuguesa.

Voltando aos Estados Unidos, pastoreou um grande número de igrejas, em vários estados: Tacoma, Distrito de Colúmbia, e Kensington, Maryland (1892-1893); Igreja Westminster, em Elizabeth, Nova Jersey (pastor auxiliar, 1893); 2ª Igreja de Wyalusing, Pensilvânia (1893-1898); Forrest City (1898-1900); Middle Grandville, Nova York (1900-1906); Bainbridge (1906-1908); Marathan (1908-1910); Galeton, Pensilvânia (1910-1912); Akron, Nova York (1912-1915); Manlins (1915-1918); Holland Patent (1918-1923) e Woonsocket, em Rhode Island (1923-1930). O Rev. Carrington aposentou-se em 1930, passando a residir em Orlando, na Flórida. Faleceu aos 85 anos no dia 22 de julho de 1950, em Waynesville, na Carolina do Norte.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 344, 367, 402, 412.
- Ferreira, *História da IPB*, I:361.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1865-1954*.

### **Rev. Frederick J. Perkins**

*Professor no Mackenzie College e pastor em São Paulo*

Frederick Perkins chegou ao Brasil no dia 13 de agosto de 1891, indo trabalhar no Colégio Protestante, o futuro Mackenzie College, em São Paulo. Foi arrolado pelo Presbitério de São Paulo em sua reunião iniciada a 28 de julho de 1892, na capital. Nesse mesmo ano, casou-se com Gertrude Storrs. O presbitério recomendou aos missionários que trabalhavam no Colégio Protestante que iniciassem trabalhos evangélicos nos bairros da cidade, com autorização de organizarem uma segunda igreja quando julgassem conveniente. Isso resultou das dificuldades eclesíásticas surgidas na Igreja da Rua 24 de Maio, entre o Rev. Eduardo Carlos Pereira e os missionários do Colégio Protestante.

O Rev. William A. Waddell começou a realizar cultos à Rua da Conceição, 58, no bairro da Luz, havendo classes dominicais sob a direção das professoras da Escola Americana. Por

sua vez, o Rev. Perkins dirigia cultos e escola dominical à Rua da Glória, 98, na Liberdade. No dia 18 de outubro de 1893, as duas congregações reuniram-se na sala da Rua da Conceição para se organizarem em igreja. Eram membros da comissão organizadora os Revs. Waddell e Perkins. O primeiro falou sobre as conquistas do evangelho em toda parte e Perkins discorreu sobre os deveres dos membros da igreja. No dia 26 de novembro, foi celebrada pela primeira vez a comunhão e a nova organização tomou o nome de 2ª Igreja Presbiteriana de São Paulo. Em 1º de fevereiro de 1894, a igreja mudou-se para a Alameda dos Bambus (atual Avenida Rio Branco). Seis anos mais tarde (1900), iria unir-se com a Igreja Filadelfa para formar a Igreja Presbiteriana Unida.

O Rev. Perkins continuou à frente da sua sala de propaganda, que representava a primeira expansão missionária da nova organização. Em 1895, viajou enfermo para os Estados Unidos, falecendo em alto mar no dia 23 de setembro. Outro informe diz que ele faleceu em Hartford, Connecticut, no dia 22 de setembro.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 364, 393s, 440-42, 493s.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 390-392.
- “[2ª] Igreja Presbiteriana”, *O Estandarte* (28-10-1893), 4.
- “Rev. F. J. Perkins”, *O Estandarte* (26-10-1895), 4.
- *Church at Home and Abroad* (Dezembro 1895), 473.

### **Rev. Edgar McDill Pinkerton**

#### *Missionário na Bahia*

Edgar Pinkerton nasceu em South Salem, Ohio, em 28 de setembro de 1860. Graduou-se na Universidade de Wooster, no mesmo estado, em 1888, e estudou no Seminário Teológico Lane, em Cincinnati (1888-1891). Foi ordenado em maio de 1891 pelo Presbitério de Chillicothe.

Chegou ao Brasil acompanhado da esposa em agosto de 1891 (provavelmente no mesmo navio que o colega Frederick Perkins), indo trabalhar em Salvador, na Bahia. Substituiu o Rev. Woodward E. Finley, que retornou temporariamente aos Estados Unidos. Contou com a colaboração do Rev. Leônidas da Silva, que vinha auxiliando o trabalho presbiteriano há alguns anos. Pinkerton faleceu em Salvador no dia 23 de fevereiro de 1892, vitimado pela febre amarela. Estava com apenas trinta e um anos. O Rev. John B. Kolb, indo tirar férias nos Estados Unidos, levou em companhia dos seus a viúva do Rev. Pinkerton.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 364, 412.
- Ferreira, *História da IPB*, I:307, 361, 469.
- *Lane Theological Seminary, General Catalogue, 1829-1899* (Cincinnati, Ohio, 1899).

### **Laura Chamberlain Waddell**

*Educadora presbiteriana na Bahia e em São Paulo*

Laura Annesley Chamberlain nasceu em 30 de agosto de 1869, no Rio de Janeiro. Era a primogênita do Rev. George W. Chamberlain e da Sra. Mary Ann Annesley. Foi batizada pelo Rev. Alexander L. Blackford em 17 de abril de 1870 e professou a fé no dia 1º de janeiro de 1882. Estudou na Escola Americana de São Paulo, fundada por seus pais, e mais tarde completou os seus estudos nos Estados Unidos. Entrou para as fileiras missionárias em 1893. De 1894 a 1896, trabalhou na cidade de Salvador, na escola fundada pelo Rev. John Benjamin Kolb.

No dia 12 de janeiro de 1897, em Feira de Santana, casou-se com o Rev. William Alfred Waddell, cuja primeira esposa, Mary Elizabeth Lenington, havia falecido em 1893. Waddell havia deixado o Mackenzie para trabalhar no campo missionário, indo para a Bahia a fim de substituir o Rev. John B. Kolb. O casal passou o ano de 1898 em São Paulo, transferindo-se no ano seguinte para a Bahia. Inicialmente, Laura ensinou em uma escola para meninas na cidade de Cachoeira. Em 1906, transferiram-se para Ponte Nova, no sertão daquele estado, onde o Rev. Waddell havia organizado uma escola para a preparação de obreiros evangélicos. Ali Laura cuidou da administração da escola.

De 1914 a 1927, o casal voltou a residir em São Paulo, período em que o Rev. Waddell ocupou a presidência do Mackenzie. Laura exerceu grande atividade na Escola Americana, como diretora da mesma e orientadora da classe normal. Todavia, pairava na mente dos incansáveis missionários o sonho de uma nova escola de preparação de obreiros. O local escolhido foi o acampamento do Mackenzie em Jandira, nos arredores de São Paulo, cujas instalações estavam disponíveis durante o ano escolar. Em 1927, Laura e William mudaram-se para Jandira, onde fundaram o Curso José Manoel da Conceição, do qual foram diretores até 1935.

Ao se aposentarem, dedicaram algum tempo a viagens, entre elas uma visita à Amazônia, cuja evangelização era um dos seus sonhos. Após a morte do Dr. Waddell, Laura passou a residir na sua cidade natal, o Rio de Janeiro, onde faleceu na casa de uma de suas filhas no dia 22 de fevereiro de 1943, exatamente quatro anos após a partida do seu esposo. Foi sepultada no Cemitério dos Protestantes, em São Paulo, ao lado do esposo e de outros missionários pioneiros.

O casal Waddell teve cinco filhos: Helen, a mais velha, antes de casar-se com o engenheiro Charles Chase, foi eficiente professora em escolas da missão (1925-1930); Kenneth cursou engenharia no Mackenzie e medicina nos Estados Unidos, tendo clinicado na Bahia, em Belém e no Rio de Janeiro; Richard foi pastor e o primeiro brasileiro nato a assumir a presidência do Mackenzie, em 1960; Agnes, uma enfermeira, trabalhou em empresas de saneamento no Brasil; e Mary cooperou nas obras filantrópicas da Fundação Rockefeller, no Rio de Janeiro.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 203s, 345, 578.
- Ferreira, *História da IPB*, I:472s.

- Anna Rickli, “D<sup>a</sup> Laura Chamberlain Waddell”, *Idealista* (órgão do Instituto JMC), 01-06-1943, p. 4.
- “Da. Laura Chamberlain Waddell”, *O Puritano* (25-06-1943), 8.

### **Rev. George Luverno Bickerstaph**

#### *Missionário no Paraná e em Santa Catarina*

George Bickerstaph nasceu perto de East Branch, Pensilvânia, em 20 de abril de 1864, sendo o mais moço de oito filhos do casal William e Mary Bickerstaph. Fez os estudos secundários em Titusville, no mesmo estado, onde também se formou no Clark’s Business College. Obteve o seu bacharelado na Universidade de Wooster, em Ohio, em 1892, e estudou no Seminário Teológico Lane, em Cincinnati, nesse estado, onde colou grau em junho de 1894. Foi ordenado pelo Presbitério de Erie no dia 5 de junho de 1894 e no dia 27 daquele mês casou-se com Josephine Graham. Em 1894 e 1895, pastoreou igrejas em Irvine e North Clarendon, na Pensilvânia.

Enviado pela Junta de Missões Estrangeiras, o casal chegou ao Brasil em junho de 1895, residindo quase um ano em Curitiba para o estudo da língua. No dia 18 de maio de 1886 seguiram para Castro, até então sob os cuidados pastorais do Rev. George Landes, residente na capital. Josephine escreveu um curioso relato da viagem, que foi publicado na revista *Woman’s Work for Woman*. Bickerstaph trabalhou em Castro por vinte e um anos. Foi arrolado pelo Presbitério de São Paulo em julho de 1897 e no mesmo ano foi dedicado o templo da Igreja de Castro. O missionário residiu do outro lado da estrada de ferro, numa pequena propriedade do chamado Campo da Ronda, depois Vila Rio Branco. Nesse período, não só pastoreou a igreja local, organizada em 1888, como partia em longas excursões pelo interior do Paraná até Guarapuava, especialmente pelo fértil vale do Tibagi. Em Santa Catarina ia até Xanxerê, na antiga e então perigosa região do Contestado. Eram ao todo 25 pontos de pregação, desde Xanxerê ao sul até Faxina (Itapeva) ao norte. A abertura da estrada de ferro permitiu-lhe reabrir o trabalho de Ponta Grossa, lugar que já fora ocupado pelo Rev. Landes. Certa vez, afirmou em um relatório: “Meu campo tem mais ou menos a metade do tamanho da Pensilvânia”.

Durante o seu fecundo pastorado na Igreja de Castro, recebeu por batismo e profissão de fé quatro jovens, filhos daquela igreja, que depois se tornaram ministros do evangelho: Adolfo Anders, Rodolfo Anders, Avelino Boamorte e Helcias Schelesky. Eles eram, na época do falecimento do Rev. Bickerstaph, respectivamente pastor da Igreja de Ponta Grossa, secretário executivo da Confederação Evangélica do Brasil, pastor da Igreja da Bela Vista (São Paulo) e pastor auxiliar em Castro, bem como professor do Instituto Cristão. No início do seu ministério em Castro, Bickerstaph incentivou um membro da igreja, Willis Roberto Banks, a aceitar um convite do Dr. Horace M. Lane para administrar a sua fazenda em Jupiá, no litoral de São Paulo. Banks ouviu o conselho e acabou se tornando um notável evangelista em todo o Vale do Ribeira.

Em 1900 foi criado o Presbitério do Sul, abrangendo Paraná e Santa Catarina. Eram membros, além de Bickerstaph e Landes, os Revs. John B. Kolb e Roberto Frederico

Lenington. Na reunião de 1904, Bickerstaph relatou que havia recebido trinta e seis pessoas por profissão de fé. Disse que as estradas que percorria não eram de rodagem, e sim de “rolagem”. Seus pontos de pregação incluíam Imbituva, Manduri, Tibagi, Jaguariaíva, Piraí do Sul, Serro Azul e Espigão Alto. Em 1906, encarregado, com Lenington, de organizar a Igreja de Cerrado, foram de trem até Castro e depois a cavalo, sendo bem hospedados por luteranos. Chegaram afinal ao sítio do Sr. Manoel Lobo e a igreja foi organizada em 17 de dezembro. Dali os pastores seguiram para Espigão Alto e voltaram para Castro. No ano seguinte, em 6 de abril, organizaram a Igreja de Imbituva, arrolando 37 membros, parte dos quais transferidos da Igreja de Guarapuava.

Depois de trabalhar no Paraná, onde foi substituído pelo Rev. Harry Preston Midkiff, o fundador do Instituto Cristão de Castro, Bickerstaph residiu por muitos anos em Santa Catarina. Passou dez anos em Lages, no planalto catarinense (1917-1927). Por nove anos, no início, o casal andou a cavalo; depois tiveram um automóvel. Era um campo mais restrito, em comparação ao de Castro, visto que as viagens na região de Lages eram caras. Guias, hospedagem, cavalos extras, oferecidos com tão boa vontade no Paraná, tinham de ser pagos em Santa Catarina. Dezoito pontos reclamavam visitas regulares, cobrindo enorme extensão até Herval e Xanxerê, no oeste do estado, e Palmas, no Paraná. Durante a estadia em Lages, abriram um trabalho em Rio Capinzal, onde então residiram por cinco anos, organizando-se uma igreja em 1934. Em Lages foram novamente substituídos pelo Rev. Midkiff, no início de 1928. Bickerstaph escreveu muito para o jornal *O Puritano*, ao qual enviava artigos sobre temas diversos e relatórios detalhados de suas atividades missionárias.

Os Bickerstaph aposentaram-se em 1934, depois de 39 anos de atividade missionária no Brasil. Regressando aos Estados Unidos, o Rev. Bickerstaph filiou-se novamente ao Presbitério de Erie, na Pensilvânia, e residiu em Titusville. Inteligente e culto, aprendeu a manejar com segurança o português e o espanhol, porque o animava um grande amor por toda a América Latina. Deu aulas de português a um grupo de pessoas de Titusville, bem como ministrou vários cursos em reuniões sociais da Associação Cristã de Moços e foi presidente do Clube de Oratória Abraham Lincoln. Na área religiosa, em 1940 foi presidente da Associação de Pastores de Titusville e em julho de 1941 foi delegado do Presbitério de Erie ao Sínodo da Pensilvânia, reunido na cidade de Grove. Era superintendente de escolas dominicais da região sul e professor da classe de adultos da Igreja Presbiteriana de Kerr Hill, em Gresham.

Continuou a pregar, tendo ocupado o púlpito da 1ª Igreja Presbiteriana pela última vez no dia 31 de agosto de 1941. Sofreu, na ocasião, um colapso antes de terminar o culto. Faleceu às 4 horas e 30 minutos do dia 16 de setembro de 1941, no hospital de Titusville, onde fora há dias submetido a melindrosa operação. Na cerimônia fúnebre foram lidos o texto de sua última pregação, Isaías 55.11, e os seus dois hinos prediletos, “Jesus Savior pilot me” (Guia-me, ó Jesus Salvador) e “I love to tell the Story” (Eu folgo em repeti-la, *Hinário Evangélico*, nº 337). Deixou dois filhos adotivos: Carolina se casou em Castro com Oto Bichels no dia 7 de junho de 1917, poucos dias antes da despedida dos pais daquela igreja (20-06); Artur seguiu com os pais para os Estados Unidos e residiu em Charleston. Segundo consta, o casal encaminhou na vida outras dezenove crianças. Dona Josephine faleceu no dia 11 de julho de 1945.

### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 411, 484, 537.
- Ferreira, *História da IPB*, I:520, 530s, 534; II:74, 130, 379s.
- Josephine Bickerstaph, “Traveling in Paraná, Brazil”, *Woman’s Work for Woman* (Novembro 1986), 298s.
- *Lane Theological Seminary, General Catalogue, 1829-1899* (Cincinnati, Ohio, 1899).
- Nota sobre o casamento de Carolina Bickerstaph, *O Puritano* (05-07-1917), 2.
- Lenington, “A Partial History of the Work of the South Brazil Mission”.
- “Rev. George Luverno Bickerstaph”, *O Puritano* (10-11-1941), 3.
- Júlio C. Nogueira, “Rev. George Luverno Bickerstaph”, *O Estandarte* (20-11-1941), 2s.

### **Rev. Roberto Frederico Lenington**

*Missionário no Paraná, Santa Catarina e São Paulo, professor do Seminário de Campinas*

Roberto Frederico era filho dos missionários pioneiros Robert Lenington e Martha Dale, que chegaram ao Brasil em 1868. O menino nasceu em Rio Claro no dia 16 de março de 1871, numa época em que seu pai residia em Brotas e viajava extensamente pelo interior de São Paulo e sul de Minas. Sentindo desde cedo o chamado ministerial, Frederico seguiu para os Estados Unidos a fim de dar continuidade aos seus estudos. Professou a fé com menos de catorze anos, em dezembro de 1884, com o Rev. Thomas W. McCurdy, em Wooster, Ohio. Cursou a Universidade de Wooster e o Illinois College, em Jacksonville, formando-se em 1891. Um amigo da família propôs-lhe um emprego de confiança em um banco, com ótimas perspectivas financeiras, mas Frederico recusou a proposta, alegando que há muito havia resolvido dedicar-se à mesma obra a que se dedicara o seu pai. Só então os pais contaram-lhe que há anos oravam para que Deus o levasse ao Brasil a fim de dar prosseguimento ao trabalho que haviam iniciado. O velho casal continuava a prestar serviços em Springfield, Illinois, onde já haviam sido missionários antes de virem ao Brasil.

Após cursar o *college*, Frederico ingressou no Seminário Teológico Presbiteriano de Chicago (McCormick). Antes de concluir os estudos teológicos, veio ao Brasil em 1892 como evangelista, a fim de auxiliar por algum tempo o Rev. George A. Landes, indo residir na distante cidade de Guarapuava, no Paraná. Regressando aos Estados Unidos em agosto de 1894, deu continuidade aos seus estudos teológicos em Chicago, graduando-se em 1896. No mesmo ano, em 15 de abril, foi licenciado pelo Presbitério de Springfield, em Mason City, e ordenado em 17 de maio, em Jacksonville, quatro dias após casar-se com Adielah (Ada) G. Houston, uma filha do primeiro casamento do Rev. James T. Houston, nascida na Bahia. Houston era casado em segundas núpcias com Sophie Dale, tia de Roberto Frederico. O jovem casal chegou ao Brasil no dia 29 de junho de 1896. No final daquele ano, em 26 de dezembro, a “Brazil Mission” foi dividida em duas, sendo criada a Missão Sul, à qual o novo missionário ficou filiado.

Aqui chegando, já conhecedor do idioma pátrio, Frederico seguiu para o seu campo de trabalho, no Estado do Paraná, com sede na cidade de Guarapuava, sendo o primeiro pastor evangélico a residir naquela pequena cidade. Seus primeiros atos pastorais foram realizados

no dia 6 de dezembro de 1896, quando ainda era responsável pelo campo o Rev. George Landes. No dia 2 de abril do ano seguinte nasceu o seu primogênito Robert James, que, todavia, veio a falecer menos de dois meses depois. O Rev. Lenington foi arrolado pelo Presbitério de São Paulo em junho de 1897. O futuro historiador Vicente Temudo Lessa informou que em janeiro de 1899 passou uma semana em Guarapuava, hospedando-se na casa do missionário, que estava ausente em tratamento por haver fraturado a clavícula em uma queda do cavalo. O campo era vasto e as viagens demoradas e exaustivas. Nas longas ausências, a jovem esposa ficava só num ambiente cercado de perigos. Durante esse período, Lenington foi um dos primeiros pregadores a visitarem a cidade de São Francisco do Sul, no litoral norte de Santa Catarina. Quando lá esteve em 1897, recebeu quatro pessoas por profissão de fé.

Em 1899, Lenington foi transferido para Florianópolis, a fim de substituir o Rev. James B. Rodgers, que seguira para as Filipinas. O trabalho, por estar progredindo, despertou oposição. O vigário, padre Toop, instava com o povo a que não assistisse aos cultos visto que ali se usava uma Bíblia falsa. O Rev. Lenington levou a Bíblia de seu púlpito ao editor do Diário Oficial e, através dele, desafiou o padre Toop a trazer a Bíblia verdadeira e, perante uma comissão de juizes do Tribunal do Estado, bem como advogados e professores das melhores instituições de ensino, provar sua asserção. O padre se recusou expressamente a fazê-lo. Essa atitude, bem como a vida dissoluta do vigário, fez com que muita gente se pusesse a examinar a Bíblia.

Frederico ajudou a fundar diversas igrejas no litoral catarinense, tendo organizado a Igreja de São Francisco do Sul em 18 de dezembro de 1900 e a de Florianópolis em 6 de janeiro de 1901. Em 1904, ao reunir-se em Florianópolis o Presbitério do Sul, criado em 1900, do qual foi um dos fundadores, informou que no último ano recebera setenta e seis pessoas por profissão de fé. Em 1907, subiu até Lages, no planalto catarinense, onde no dia 9 de fevereiro recebeu dez pessoas por profissão de fé e ministrou a Ceia pela primeira vez. Em Santa Catarina, Lenington iniciou o trabalho em São José, Palhoça, Biguaçu, São Miguel, Tijuquinhas, Caieiras, Jordão, Ganchos, Tijucas, Camboriú, Lages, São Joaquim, Orleans, Pedras Grandes, Tubarão e Laguna. Outras igrejas que organizou nesse período, no Paraná e em Santa Catarina, foram as de Cerrado (17-12-1906), Imbituva (06-04-1907), Xanxerê (18-05-1907), Jordão (22-12-1907) e Camboriú (26-09-1909).

Em janeiro de 1910, Frederico Lenington retornou ao Paraná, sendo transferido para Curitiba, onde ficou durante sete anos. Continuou a lutar contra os clericais. Visitava Ponta Grossa, onde os adventistas estavam dizimando o rebanho. Seu maior entusiasmo, porém, era por São Francisco do Sul. A construção da estrada de ferro, o desenvolvimento da indústria da madeira e a exploração do mate davam alento àquele porto e à igreja ali existente. Roberto F. Lenington foi moderador da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1912 a 1915. Por decisão da Assembléia, fez parte da comissão revisora do Livro de Ordem, ao lado dos Revs. Modesto Carvalhosa e Thomas J. Porter. Participou das discussões preparatórias do “Modus Operandi”, em dezembro de 1916. Neste mesmo ano, foi eleito moderador do Sínodo Meridional.

Ashmun C. Salley, um colega mais novo, deu o seguinte testemunho sobre o seu pastorado em Curitiba: “Então Fred Lenington, tão cheio de alegria e de vida. Seus pés ligeiros

pareciam voar de lugar a lugar. Contemplá-lo era aprender a lição de ‘como ser pastor’. Tinha sempre tempo para parar e dar um carinhoso ‘bom dia’ a Miss Dascomb e a Miss Kuhl, e correndo ia saber dos novos missionários que estavam faltando; parava alguns momentos para um café na casa em que visitava um amigo brasileiro, encorajando aqui um rapaz e confortando ali uma mãe. Esse característico de amizade, ao lado de seus sermões intensamente evangelísticos, sua voz forte e suave a guiar a congregação nos cânticos, o aperto de mão cavalheiresco e seu riso franco, tudo contribuía para fazer do ‘Sr. Frederico’ um pastor muito amado”.

Em maio de 1917, Lenington foi para Ponta Grossa, onde permaneceu por seis anos e dois meses. As pessoas de fora da igreja iam aos cultos não só para ouvi-lo pregar, mas também cantar solos, no que era muito apreciado. Certa vez, o Rev. Erasmo Braga realizou uma conferência naquela igreja. Perguntaram a uma visitante não-evangélica se havia gostado da pregação, ao que ela respondeu: “O pregador falou bem, mas o ‘vermelhão’ fala melhor”. Lenington pastoreou, em épocas diferentes, todas as igrejas do Presbitério do Sul organizadas até 1923. Outras igrejas que organizou, como membro da respectiva comissão presbiterial, foram as de Sengés (02-07-1911), Montaria (22-04-1917), Tijucas (10-07-1918) e Tibagi (01-04-1923).

Em 1925, transferiu-se com a família para São Paulo. Inspecionava em viagens contínuas todo o campo missionário da “South Brazil Mission”. Também realizou trabalhos em Goiás e Mato Grosso. Substituiu no Seminário, em 1926, o Rev. Thomas J. Porter, quando este se retirou temporariamente para os Estados Unidos. Foi um dos fundadores, um dos primeiros professores e um grande entusiasta do Curso José Manoel da Conceição, criado por seu cunhado, o Dr. William A. Waddell, e serviu naquela instituição de 1928 a 1930, lecionando português e latim. Em 1931 foi para os Estados Unidos, recebendo do Illinois College, no dia 10 de junho, o grau de Doutor em Divindade. No ano seguinte, substituiu definitivamente o Rev. Thomas J. Porter no Seminário de Campinas, na cadeira de História Eclesiástica. O Rev. Júlio Andrade Ferreira, seu ex-aluno, lembra que ele usava com frequência a palavra “francamente”, o que levou os estudantes a lhe darem esse apelido. Embora o seu método de marcar vinte páginas do *Manual de História da Igreja*, de Albert Henry Newman, não agradasse os seminaristas, eles o respeitavam e amavam. Contribuiu para a preservação da história da denominação fazendo um sumário dos primeiros pastores e das primeiras igrejas.

A convite do Presbitério de São Paulo, foi pastor da Igreja da Bela Vista, em São Paulo, de janeiro de 1933 a janeiro de 1937. Quando a mesma ainda era uma congregação da Igreja Unida, pregou o sermão inaugural em 2 de agosto de 1925, falando sobre João 1.38. Também presidiu a solenidade de inauguração do templo da Rua dos Ingleses, em 23 de janeiro de 1936. Na época em que lecionou no Curso JMC, além da Congregação da Bela Vista, deu assistência à Igreja da Lapa, na qual já havia trabalhado em 1925 e 1926. Mais tarde, em Campinas, pregou com frequência aos americanos de Santa Bárbara. Era pregador fluente e piedoso, gozando da simpatia de todos com quem conviveu. Seus sermões eram profundamente espirituais e edificantes.

Dona Ada faleceu em Campinas em 19 de setembro de 1938. No ano seguinte, o Rev. Lenington foi submetido a uma cirurgia no Hospital Samaritano, em São Paulo.

Convalescia satisfatoriamente quando, ao preparar os pontos para os exames dos alunos no Seminário, disse à enfermeira que sentia frio. Esta lhe recomendou que ficasse deitado e aplicou-lhe uma injeção. Dormiu com um sorriso no rosto e não mais acordou, após quarenta e três anos de ministério e sessenta e oito de vida. Era o dia 18 de outubro de 1939. A cerimônia fúnebre foi realizada na Igreja Unida, fazendo o elogio do obreiro falecido o Rev. William (Guilherme) Cleary Kerr. Seguiu-se o sepultamento no Cemitério dos Protestantes.

O casal Lenington teve sete filhos: Frederico, Dorothy, Kenneth, Sydney e Margaret, então residentes nos Estados Unidos, bem como Arthur e Beatriz, residentes no Brasil. Sydney Houston Lenington foi um dos primeiros alunos do Instituto JMC. Beatriz nasceu em Curitiba e diplomou-se em 1929 no curso ginásial do Mackenzie College. Em seguida, foi para a Califórnia, obtendo o bacharelado em artes no Occidental College, em Los Angeles, e o grau de enfermeira (R.N.) no Hospital Geral de Pasadena, em 1935. Após algum tempo de trabalho prático em diversos locais, retornou ao Brasil no dia 15 de julho de 1937, indo depois trabalhar por breve tempo em Rio Verde, Goiás, como auxiliar do Dr. Donald C. Gordon (1897-1998) na grande obra médico-hospitalar que estava sendo iniciada naquela cidade.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 87, 395, 508s, 537, 579.
- Ferreira, *História da IPB*, I:529s, 532-34, 536; II:74, 130, 217, 279, 379, 426.
- Lenington, “A Partial History of the Work of the South Brazil Mission”.
- *General Catalogue, Presbyterian Theological Seminary, Chicago* (Chicago, 1939).
- Vicente T. Lessa, “Uma jovem missionária [Beatriz Lenington]”, *Aurora* (Setembro 1937), 5-9. Arquivo Presbiteriano.
- “D. Ada Lenington”, *O Puritano* (25-10-1938), 2.
- “Rev. Roberto Frederico Lenington”, *O Puritano* (10-11-1939), 3.
- Júlio C. Nogueira, “O Rev. Lenington e a Gênese de sua Vocação Missionária”, *O Puritano* (10-11-1939), 3s.
- Vicente T. Lessa, “Rev. Roberto Frederico Lenington”, *O Estandarte* (15-11-1939), 4.
- Walder Steffen, “Rev. Roberto Frederico Lenington”, *Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil* (Campinas, 1951), 5-10.
- Hack, *Protestantismo e Educação Brasileira*, 51-57, 143-146.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Rev. Roberto Frederico Lenington”, *Brasil Presbiteriano* (Dez 1997), 14.

### **Rev. Cassius Edwin Bixler**

#### *Missionário e educador em Sergipe e na Bahia*

Cassius Bixler nasceu em Eschol, na Pensilvânia, em 10 de outubro de 1862. Obteve o grau de bacharel no Colégio de Nova Jersey, em Princeton, em 1892. Estudou teologia no Seminário Presbiteriano de Chicago (1892-1893) e no Seminário de Princeton (1893-1895). Foi licenciado pelo Presbitério de New Brunswick e ordenado pelo Presbitério de Fort

Dodge em 11 de setembro de 1895, exercendo o pastorado em Armstrong, Iowa, até o ano seguinte.

Chegou ao Brasil no dia 9 de novembro de 1896, seguindo de imediato para Sergipe. Havia grupos de crentes em Aracaju, Laranjeiras, Lavandeiras e Caraíbas, além de outros espalhados. Depois do estudo da língua por cerca de um ano e meio, continuou o trabalho dos seus predecessores, Revs. John B. Kolb e Woodward E. Finley. Em 1898, decidiu-se que Finley iria restringir-se ao campo de Laranjeiras enquanto que Bixler iria para Aracaju. Bixler casou-se em 1899 com Florence B. Elwell. No dia 13 de dezembro de 1901, participou da organização da Igreja de Aracaju ao lado de Finley, George Chamberlain e William Waddell. Ali permaneceu até setembro de 1902, quando a Missão o transferiu para Estância, onde residiu até 1913. Organizou a Igreja de Estância em 27 de março de 1905.

Ocasionalmente, continuou a dar assistência pastoral à Igreja de Aracaju (em especial entre 1906 e 1910) e aos outros campos mencionados acima, até que um pastor nacional assumiu o trabalho. Viajou por quase todo o estado, abrindo trabalhos em muitos lugares, tais como Riachão, Lagarto, Urubutinga, Simão Dias, Entre Rios e Coité. Também organizou igrejas em Lavandeiras (1903), Urubutinga e Simão Dias (1911). Em Frei Paulo, o trabalho evangelístico desenvolveu-se a partir da conversão do Sr. Domingos José Ferreira (1862-1942). O trabalho de distribuição de literatura foi feito em mais de uma dúzia de lugares. À exceção de oposições ocasionais de fanáticos instigados pelo clero, foi sempre bem tratado e chegou a receber cerca de duzentas pessoas à igreja. Possuía uma bela voz de tenor que o tornou admirado como pregador e cantor de hinos.

O trabalho evangelístico sob a responsabilidade de Bixler cresceu. Em 1904, o posto de Estância contava com três missionários, três ajudantes brasileiros (um pregador e duas professoras), quinze pontos regulares de reuniões, quatro igrejas organizadas com 171 comungantes e uma frequência média de 500 pessoas. Ainda funcionavam três escolas dominicais num total de 100 alunos. No ano seguinte, os locais de pregação subiram para vinte e um e foi organizada mais uma igreja, totalizando 187 comungantes e cinco escolas dominicais com 160 alunos. Bixler percorria as estradas quase ermas cavalgando um burrico, vestido com seu alvíssimo guarda-pó, um capacete branco na cabeça, óculos claros deixando ver o azul dos olhos de gringo, tudo isso despertando a curiosidade e o temor das populações camponesas, que desconheciam essa indumentária. Para o povo atrasado, que lhe negava água e hospedagem, o estranho viajante andava a serviço do “cão”. Exclamavam: “Vejam o nome – Dr. Bicho!”

De Sergipe, o Rev. Bixler foi para o interior do Estado da Bahia, substituindo o Rev. William Waddell, que retornava para São Paulo. Ocupou o seu lugar em Sergipe o Rev. Harold C. Anderson, o último missionário da PCUSA a trabalhar naquele estado. A Missão Central nomeou Bixler diretor do Colégio de Ponte Nova, onde continuou a trabalhar por vinte anos (1914 a 1934), tendo desenvolvido o seu departamento agrícola. Pela manhã lecionava música, latim e grego; à tarde acompanhava os alunos no trabalho da lavoura. Foi seu aluno nessa época o futuro pastor presbiteriano, professor e deputado baiano Basílio Catalá de Castro (1904-1972), que escreveu um histórico do Colégio de Ponte Nova. Dona Florence também atuou como diretora do colégio.

Em 1916 e 1917, Bixler e outros colegas representaram a Junta de Nova York nas discussões com vistas a um plano de cooperação entre a Igreja Presbiteriana do Brasil e os missionários estrangeiros, plano esse que ficou conhecido como “Modus Operandi” ou “Brazil Plan”. Em 1934, o Rev. Bixler retornou com a esposa para os Estados Unidos, passando a residir em Haddonfield, Nova Jersey, e filiou-se ao Presbitério de West Jersey. Florence faleceu em 20 de maio de 1940 e o seu esposo no dia 7 de dezembro de 1952, aos 90 anos. Até o fim, o Rev. Bixler continuou a interessar-se pela obra missionária no Brasil, onde havia trabalhado por quase quarenta anos.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 510.
- Ferreira, *História da IPB*, I:474s; II:93, 206, 217, 372.
- Notas de Bixler, Pasta Bahia, Arquivo Presbiteriano.
- Livro das Atas do Presbitério de Bahia e Sergipe (1907-1929).
- Basílio Catalá de Castro. “Escorço Histórico do Colégio de Ponta Nova” (1941). Pasta Bahia, Arquivo Presbiteriano.
- Souza, *Cinquenta Anos de Evangelismo: Histórico da I. P. de Aracaju*.
- “Mrs. C. E. Bixler”, *O Puritano* (25-06-1940), 3.
- *Biographical Catalogue of Princeton Theological Seminary: 1865-1954*.
- Vilas-Bôas, “Origens da Educação Protestante em Sergipe”, 67s, 71-78, 122, 129s, 135.

### **Rev. Henry John McCall**

#### *Pastor em Pernambuco e missionário na Bahia*

Inicialmente Henry McCall veio para o Brasil como obreiro congregacional. Nasceu em Londres no dia 27 de novembro de 1868. Em setembro de 1892, durante uma conferência em Glasgow, ouviu um tocante apelo do Rev. James Fanstone (1851-1937) com respeito ao Brasil. Apresentando-se como voluntário, tornou-se o primeiro missionário da organização congregacional “Help for Brazil” (Auxílio para o Brasil), com sede na Escócia, organizada por Sarah Poulton Kalley (1825-1907), viúva do pioneiro Rev. Robert Reid Kalley. Acompanhando o Rev. Fanstone, McCall embarcou em Southampton no dia 26 de janeiro de 1893 e chegou a Recife em 12 de fevereiro. Veio trabalhar na Igreja Evangélica Pernambucana em substituição ao Rev. Fanstone, que vinha trabalhando em Recife desde 1879. McCall contraiu febre amarela três meses depois de sua chegada, mas recuperou-se enquanto muitos brasileiros pereciam. Obrigado a prover parte da sua manutenção, dava, como seu antecessor, aulas de inglês e ficava impossibilitado de fazer viagens. Tornou-se amigo pessoal do Rev. George Butler, com quem trocou o púlpito, estando a Igreja Pernambucana à Rua da Roda e a Presbiteriana ainda à Rua do Imperador.

Em 1894, uma febre biliar de novo quase o matou. Cuidou dele um engenheiro escocês, David Law, crente na pátria e que se afastara, mas que agora voltava à fé. Ele e sua esposa levaram McCall para Garanhuns, no interior do estado, onde graças ao clima (a cidade está a 900 m de altitude) o doente se restabeleceu. O Sr. Law ponderou que o evangelho nunca havia sido pregado ali e sugeriu a McCall que o fizesse. Obtida uma sala no andar térreo do sobrado em que residiam, fizeram-se bancos de velhas caixas. Noite após noite a salinha se enchia, ficando gente do lado de fora. Certo dia, uma turba insuflada pelo padre dirigiu-se à

casa onde se faziam as prédicas gritando ameaças de morte contra os evangélicos. O chefe de polícia disse que não podia garantir a sua segurança. A coragem de uns poucos simpatizantes brasileiros fez com que a multidão se retirasse. O principal defensor de McCall foi um homem da família Gueiros. Os obreiros resolveram suspender as pregações públicas e iniciaram uma classe bíblica, que chegou a ter 37 alunos.

Nesse tempo, recém-chegados dos Estados Unidos, o casal George e Mattie Henderlite e a missionária Winona Evans, ainda em fase de aprendizagem da língua, foram, a convite dos Law, até Garanhuns. A oposição continuava na cidade e McCall chegou a levar pedradas, mas, estando bem restabelecido em sua saúde, voltaram todos para Recife, em virtude dos planos da missão “Help for Brazil”. McCall fez um apelo ao pastor presbiteriano de Recife, Rev. Butler, para que fosse a Garanhuns. Butler e sua esposa Rena mudaram-se para lá e lançaram as bases da grande obra presbiteriana que viria a ser realizada naquela cidade e região.

Em 1895, McCall casou-se com a missionária Winona Evans, da Igreja do Sul (PCUS), que havia chegado ao Brasil em 1893. Algum tempo depois passou a trabalhar com os presbiterianos, sendo recebido pelo Presbitério de Pernambuco em sua reunião de 1897. Em maio de 1902, depois do regresso das primeiras férias da família nos Estados Unidos, Winona morreu de febre amarela em Palmares, no interior do estado, onde o casal estava procurando implantar o trabalho presbiteriano. Seus três filhos ficaram sob os cuidados, respectivamente, das missionárias Eliza Reed, Rena Butler e Mattie Henderlite. McCall pensou em voltar com os meninos para os Estados Unidos. Foi então convidado para realizar duas semanas de trabalhos especiais em Cachoeira, na Bahia, chegando ali no mesmo dia em que o Rev. George Chamberlain foi sepultado em Salvador. Em virtude do seu trabalho, muitas pessoas se entregaram a Cristo e se uniram à igreja. A Missão fez então um forte apelo à Junta de Nova York e McCall foi incluído no rol dos seus missionários, sendo designado para o campo de Cachoeira em fevereiro de 1903. Trabalhou também em Muritiba, Feira de Santana, São Gonçalo dos Campos e outros lugares. Em 1904, chegando de uma viagem pastoral a Cruz das Almas, Sapé, Barão de Palmeira, Conceição do Almeida e São Francisco de Mombça, encontrou pregando na Igreja de Cachoeira o Rev. Álvaro Reis. Mesmo de botas e traje de viagem, terminado o culto foi abraçar com alegria o visitante.

O Rev. McCall casou-se em segundas núpcias com a missionária Margaret Bell Axtell, natural do Kansas, que havia chegado ao Brasil em 1900 e ultimamente trabalhava como professora em São Félix, perto de Cachoeira. Pouco depois, sete membros da Igreja de Cachoeira mudaram-se para Canavieiras, no litoral sul da Bahia. Em fins de maio de 1905, pediram a McCall que fosse até lá, visto que quarenta pessoas queriam fazer profissão de fé. Ele não pôde ir, mas o Rev. William A. Waddell foi a seu pedido e recebeu as quarenta pessoas. Quatro meses depois, agora acompanhado da família, McCall passou um longo período em Canavieiras, tanto na região costeira quanto subindo o rio Pardo, e afinal recebeu mais quarenta pessoas por profissão de fé. Depois disso, passou a fazer visitas regulares ao campo, indo de Ilhéus a Pontal e fazendo uma visita a Prado. Ali não pode fazer reunião por causa de terrível epidemia e do pouco tempo dado pelo vapor, mas gastou todo o tempo dando remédios e distribuindo folhetos. Organizou a Igreja de Canavieiras no dia 26 de setembro de 1906. Pouco antes, no final de agosto, chegou a Canavieiras o Rev.

Salomão Ferraz e o missionário entregou-lhe aquele campo. Em 7 de janeiro de 1907 foi organizado em Salvador o Presbitério de Bahia e Sergipe, figurando McCall e Pierce Chamberlain como membros correspondentes ao lado dos Revs. José Ozias Gonçalves, Matatias Gomes dos Santos e Salomão Barbosa Ferraz. Nessa ocasião, McCall pediu carta demissória para o Presbitério de Topeka, no Kansas.

McCall ficou em Cachoeira até 1908, quando foi residir por breve tempo em Vila Nova (Senhor do Bonfim), substituindo Pierce Chamberlain, que seguiu para os Estados Unidos. Durante várias semanas, pregou em algumas fazendas da região (Quixaba, Fortaleza e Campo Formoso), resultando na conversão dos “coronéis” João Francisco da Cunha Régis, Alexandrino Galvão e muitas pessoas das suas famílias. Foram esses os primórdios da Igreja de Campo Formoso, organizada em 1924. O missionário incentivou o grupo a criar na Fazenda Quixaba uma escola, trazendo para dirigi-la uma professora preparada em Ponte Nova, Adelaide Guanais de Lima. Esse foi o embrião da Escola Americana de Campo Formoso, para onde posteriormente se mudaram aquelas famílias, por amor da escola e da evangelização da cidade.

McCall fez visitas pastorais à fazenda Canal, do coronel João Dourado (1854-1927), na região de Morro do Chapéu, onde muitas pessoas haviam se convertido através do trabalho de obreiros da estação missionária de Ponte Nova. João Dourado convertera-se através da leitura do Novo Testamento, que a princípio julgara ser um livro protestante. Seu filho Augusto da Silva Dourado (1889-1969) e seu neto Adauto Araújo Dourado (1919-1997) tornaram-se ministros presbiterianos. Outro membro da família que alcançou o ministério foi o Rev. Oton Guanais Dourado (também nascido em 1919). Os pais e os avós do Rev. Aristeu de Oliveira Pires e de sua esposa também foram evangelizados na Bahia pelo Rev. McCall, em Ibiaporã, nas proximidades de Miguel Calmon. Eudaldo Lima diz que o Rev. McCall era um homem extrovertido e comunicativo que gostava de ensinar hinos e os acompanhava ao som da sua rabeca.

A Missão Central sentia a necessidade de ter um obreiro residente no Vale do São Francisco. Em 1909, depois de suas férias, McCall foi residir em Carinhanha, às margens daquele rio, na divisa com Minas Gerais, onde havia pessoas interessadas. A viagem levou dezenove dias: dois dias de trem de Salvador a Juazeiro e dezessete de Juazeiro a Carinhanha, subindo o rio São Francisco. Dali, visitou Januária e Montes Claros, no norte de Minas, bem como Cocos, Santa Maria da Vitória e Bom Jesus da Lapa, no sul da Bahia. Em seguida, residiu por alguns meses em Santa Maria da Vitória, onde enfrentou novas perseguições. Pregou com excelentes resultados na localidade de Brejo de São José. Em Santa Maria da Vitória já havia algumas famílias convertidas pelo trabalho do Rev. Finley, que realizavam cultos regularmente. Nessa época, houve uma grande onda de perseguições – a casa de cultos foi apedrejada e invadida pela multidão fanática e Bíblias foram queimadas. Falaram até em jogar o missionário no rio. Dona Margaret McCall sofreu um forte ataque de febre, que parecia tifóide e malária ao mesmo tempo, recebendo valiosa assistência da jovem Rosa de Oliveira, que residiu com eles tanto em Santa Maria como em Carinhanha e Caetité.

O impaludismo do São Francisco levou o missionário a buscar um lugar mais salubre, sendo escolhida a cidade de Caetité, para onde se transferiu em 1910. Recebeu o apoio de

alguns crentes que lá viviam e de destacados líderes locais, como o coronel Cazuzinha e o Sr. João Gomes, que, mesmo sendo espírita, vendeu ao missionário por um preço reduzido a casa em que se realizariam os cultos e funcionaria a Escola Americana. Caetité tornou-se o centro das atividades evangélicas da região. McCall viajava nos seus animais em todas as direções, até 5000 km por ano, indo com frequência ao São Francisco. Na Escola Americana, que teve pleno apoio da sociedade local, estudaram o futuro Rev. Otacílio Pitombo de Alcântara e a jovem Rosa de Oliveira, que depois ingressaram no Instituto de Ponte Nova, concluindo os estudos em 1922. Rosa voltou para Santa Maria da Vitória e fundou uma escola evangélica que trouxe grandes benefícios para a região, chegando a ter, além do primário, os cursos ginásial e normal.

Em 1914, os McCall foram para os Estados Unidos em gozo de férias, sendo substituídos na escola e na igreja pela missionária Elizabeth Williamson (1862-1935), mulher dotada de grande piedade e capacidade intelectual. Na volta, a família McCall foi recebida com expressiva manifestação de júbilo por boa parte da população. Houve flores em profusão e as duas bandas de música da cidade tomaram parte da recepção. Por esse tempo, já havia uma igreja organizada com 114 membros. Porém, as secas periódicas motivaram o êxodo da maioria dos crentes, especialmente para São Paulo. O progresso da obra evangélica levou a igreja católica a criar um bispado na cidade e os jesuítas estabeleceram um colégio para combater a escola da Missão. Em 1917, McCall foi substituído naquele campo pelo Rev. Alexander Reese. Depois vieram os casais Chester e Auretta Carnahan e Harold e Evelyn Anderson, mas a escola que prestou tão relevantes serviços foi fechada. O Rev. Augusto Dias de Araújo foi o primeiro pastor nacional a residir em Caetité.

No final da sua carreira no Brasil, McCall já não podia andar a cavalo. Daí precisou ser removido para lugares atingíveis por estrada de ferro ou barco, mas nem assim pode permanecer no serviço. Foi aposentado em 1924 e em julho de 1925 retirou-se para os Estados Unidos, indo residir na Califórnia. Trabalhou com os Presbitérios de Topeka (Kansas), San Francisco e San Jose. Faleceu em Oakland em 15 de julho de 1960, aos 92 anos de idade. Até o fim da vida manteve-se interessado na obra evangélica no Brasil, como atestam as suas cartas ao historiador Júlio Andrade Ferreira. Dona Margaret McCall faleceu com mais de 100 anos. Nos campos da Missão Brasil Central, como escreveu o Rev. Júlio, “o nome do casal ficou como uma bandeira de bênção”.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 535.
- Ferreira, *História da IPB*, I:446, 459-61; II:91-93, 97, 142-46, 372s.
- Cartas do Rev. McCall, Pasta McCall, Arquivo Presbiteriano.
- Livro das Atas do Presbitério de Bahia e Sergipe (1907-1929).
- Fanstone, *Missionary Adventure in Brazil*, 32s, 122.
- Octacílio Alcântara, “O Presbiterianismo na Bahia, no Vale do São Francisco”, *Brasil Presbiteriano* (1 a 15-05-1980), 15; “Perseguições religiosas na Bahia (06-1982), 4.
- Lima, *Romeiros do meu Caminho*, 74s.
- Eudaldo Silva Lima, *Os Regis da Quixaba* (Brasília, 1985), 39s, 51-60.
- Ribeiro, *Igreja Evangélica e República Brasileira*, 274.

### **Rev. Pierce Annesley Chamberlain**

*Filho do pioneiro George Chamberlain e missionário na Bahia*

Pierce Chamberlain foi o último missionário da Igreja do Norte a vir para o Brasil no século 19. Ele nasceu em São Paulo no dia 1º de abril de 1872, sendo o segundo filho do Rev. George Whitehill Chamberlain e de D. Mary Ann Annesley Chamberlain. Foi batizado pelo Rev. George Nash Morton em 5 de maio do mesmo ano. Seguindo para os Estados Unidos, graduou-se no Colégio de Nova Jersey, em Princeton, em 1896. Estudou teologia e foi ordenado pelo Presbitério de Chicago, do Sínodo de Illinois.

Chegou à Bahia no dia 1º de outubro de 1899, sucedendo o Rev. John B. Kolb, que se transferiu para São Paulo devido a problemas de saúde. Nesse mesmo ano, o cunhado de Pierce, Rev. Dr. William Alfred Waddell, iniciou o seu trabalho no Estado da Bahia. Pierce trabalhou a princípio na escola da missão na capital baiana, sendo por algum tempo também o tesoureiro da missão. Em 1900, foi convidado para assumir o pastorado da Igreja de Salvador, o que não foi aprovado pelo Presbitério do Rio de Janeiro por não estar ele filiado a nenhum presbitério no Brasil. Logo se dedicou à vida missionária itinerante. Havia trabalho presbiteriano na Ilha de Itaparica, Cachoeira e em Santa Luzia, onde Pierce relatou a recepção de membros.

Em seguida, foi para São Félix, próximo a Cachoeira, com outros membros da família Chamberlain. Residiu com suas irmãs Helen e Laura, o esposo desta, Dr. Waddell, e dois filhos do casal. Pierce e Waddell faziam viagens evangelísticas pelo interior. A mudança do Rev. George W. Chamberlain de Feira de Santana para São Félix fora motivada por uma epidemia de febre amarela na qual quatro membros da família foram atingidos, sendo que um filho e uma filha vieram a falecer. Quando o Rev. George Chamberlain voltou dos Estados Unidos, onde estivera em tratamento de saúde, trabalhou por algum tempo em São Félix, Cachoeira e pontos vizinhos até falecer em Salvador no dia 31 de julho de 1902.

Em dezembro de 1900, Pierce começou a fazer extensas viagens através do seu futuro campo, indo pela estrada de ferro até Juazeiro e então subindo de barco pelo rio São Francisco e seus afluentes até Santa Maria da Vitória, no sudoeste da Bahia. Em 1901, passou três meses nos Estados Unidos, onde se casou com Julia B. Law, indo em seguida residir em Vila Nova da Rainha (Senhor do Bonfim), de onde fez trabalho itinerante. Tentou levar avante o velho trabalho estabelecido em Vila Nova, Santa Luzia e Bananeiras, que fora negligenciado por dois anos. Por vários anos, continuou viajando pela estrada de ferro até Juazeiro e em animais até a região de Morro do Chapéu (incluindo Canal, Chapada, Cana Brava dos Gonçalves e outros pontos). Continuou a subir o rio São Francisco até Bom Jesus da Lapa e o rio Corrente até Santa Maria da Vitória, onde reuniu na segunda visita um pequeno grupo de sete membros, três homens e quatro mulheres. Também visitou localidades como Catum, Olhos D'Água, Queimadas, Brejo Grande, Cana Brava de Jacobina e Campo Formoso.

Em 1903, saindo a cavalo de Senhor do Bonfim, Pierce chegou ao Canal de Irecê, tendo pregado em todas as localidades do percurso: Campo Formoso, Saúde, Caldeirão Grande,

Jacobina, Miguel Calmon, França, Morro do Chapéu e outros pontos. Em Morro do Chapéu, conheceu o coronel João Dourado (1854-1927), dono de uma grande propriedade, a fazenda Canal. Dourado convidou o missionário para visitar os lugares que ele vinha evangelizando somente com o conhecimento pessoal da Bíblia. Com esse contato mais demorado com o Rev. Pierce, as últimas dúvidas do coronel acerca do evangelho foram dissipadas, ele foi batizado e continuou com mais vigor a sua obra missionária. O missionário prometeu-lhe uma professora para alfabetizar os seus filhos e parentes. Em março de 1904, chegava ao Canal a professora Damiana Eleonor da Conceição e no dia 5 de fevereiro de 1905 a congregação foi organizada em igreja pelo Rev. William A. Waddell. João Dourado foi um grande evangelista do interior baiano, primeiramente sozinho e depois na companhia de diversos missionários. Foi pai e avô de pastores presbiterianos (Augusto da Silva Dourado e Adauto Araújo Dourado).

Certa vez, os Revs. Pierce e Henry McCall estavam dirigindo um culto em Bom Jesus da Lapa quando a casa foi assaltada por uma turba que gritava e atirava pedras no telhado. Os ovos gorados atirados pelos desordeiros quebraram os finos óculos do Rev. Pierce. A Sra. Margaret McCall e a filha pequena Lóide tiveram de se abrigar debaixo de um carro de boi que encontraram providencialmente, até que a calamidade passou. Em vão apelou-se para a polícia, que nem se moveu. Até as casas dos assistentes aos cultos foram apedrejadas. Tudo isso, porém, não deteve os missionários.

No dia 7 de janeiro de 1907, Pierce participou como correspondente da organização do Presbitério Bahia-Sergipe, em Salvador. Por volta de 1908, fez uma de suas últimas viagens evangelísticas pelo sertão baiano. Acompanhado de um auxiliar, percorreu o interior dos municípios de Senhor do Bonfim, Jaguarari, Juazeiro e Campo Formoso, visitando povoados e fazendas e distribuindo Bíblias, Novos Testamentos e porções bíblicas. Na região de Campo Formoso, esteve nas fazendas Alazão e Quixaba, pertencentes, respectivamente, a Alexandrino Galvão e João Francisco da Cunha Régis, que já vinham estudando uma velha Bíblia na tradução do padre Figueiredo. Ali nasceu o interesse dessas famílias pelo evangelho e por sua propagação entre os seus vizinhos e amigos. Pouco tempo depois, muitas dessas pessoas foram recebidas por profissão de fé pelo Rev. Henry J. McCall. Foi esse o início da Igreja Presbiteriana de Campo Formoso.

Por causa da enfermidade de três filhos nascidos em Vila Nova, Pierce partiu com a família para Salvador em 6 de julho de 1908. Então, por ter reaparecido uma infecção no lábio superior, diagnosticada como carcinoma, que já fora tratada por raios-x em Nova York, em 1905, pelo Dr. L. Duncan Bukey, Pierce voltou para os Estados Unidos em janeiro de 1909, sendo operado pelo Dr. W. Seaman Bambridge. A sua moléstia e a dos seus o reteve definitivamente na terra dos seus pais. Filiou-se ao Presbitério de Newark, do Sínodo de Nova Jersey, e pastoreou por muitos anos a 1ª Igreja Presbiteriana de Verona. Faleceu nessa cidade em 22 de novembro de 1929, vitimado pelo câncer como o seu pai.

#### Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 93, 578.
- Ferreira, *História da IPB*, I:472s, 475; II:95s.
- Pasta Bahia, Arquivo Presbiteriano.

- Livro das Atas do Presbitério de Bahia e Sergipe (1907-1929).
- Octacílio Alcântara, “O Presbiterianismo na Bahia, no Vale do São Francisco”, *Brasil Presbiteriano* (1 a 15-05-1980), 15; “Perseguições religiosas na Bahia (06-1982), 4.
- “Família Dourado em festa”, *Imprensa Evangélica* (Primavera de 1989), 3s.
- Lima, *Romeiros do Meu Caminho*, 73.
- Lima, *Os Regis da Quixaba*, 26, 37-39.